

Caderno da Cidade

Saberes e Aprendizagens

LÍNGUA PORTUGUESA

5ª edição | revisada e atualizada

**7º
ANO**

ENSINO FUNDAMENTAL



CURRÍCULO
da CIDADE

SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
**SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO**

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Ricardo Nunes

Prefeito

Secretaria Municipal de Educação

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Maria Sílvia Bacila

Secretária Executiva Pedagógica

Samuel Ralize de Godoy

Secretário Adjunto de Educação

Ronaldo Tenório

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

*Chefe da Assessoria de Articulação
das Diretorias Regionais de Educação – DREs*

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Caderno da Cidade

Saberes e Aprendizagens

LÍNGUA PORTUGUESA

7^o ANO

ENSINO FUNDAMENTAL

5^a edição
revisada e atualizada

São Paulo | 2026



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO

COORDENADORIA PEDAGÓGICA – COPED

Lucimeire Cabral de Santana - *Coordenadora*

DIVISÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO – DIFEM

Raphael Johnny dos Santos - *Diretor*

EQUIPE TÉCNICA – DIFEM

Allan Cavalcanti de Moura
Amarilis Blois Crispino - *Estagiária*
Ana Carolina Porto Lemes
Bruno Carvalho da Silva Barros
Camila Oliveira Sandes
Catarina Maria dos Santos Castineiras
Eliana Sousa Santana
Erika Yukie Koshikumo - *Estagiária*
Francieli Araújo Guerra
Giseli de Oliveira Cardoso
Marcelo Alexandre Torres do Espírito Santo
Michele Ortega Gomes
Nelsi Maria de Jesus
Patrícia de Lucena da Silva
Paula Costa Vieira da Silva
Priscila Alexandre do Nascimento Pereira
Samira Novo Lopes
Sandra Salavandro Rodrigues
Shirlei Nadaluti Monteiro
Sueli Gomes Landim
Tiemi Okimura Kerr
Vanessa Filgueira Santos de Freitas

EQUIPE TÉCNICA SME – LÍNGUA PORTUGUESA

Priscila Alexandre do Nascimento Pereira
Sandra Salavandro Rodrigues

REVISÃO E ATUALIZAÇÃO - 5ª EDIÇÃO

Andréia Fernandes de Souza, Bruno Carvalho da Silva Barros,
Livia Ledier Felix Vieira, Mariana Paulino Soares, Priscila Alexandre
do Nascimento Pereira, Sandra Salavandro Rodrigues

CRÉDITOS 1ª EDIÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL DE PRODUÇÃO

Carla da Silva Francisco, Minéa Paschoaleto Fratelli

EQUIPE TÉCNICA SME - LÍNGUA PORTUGUESA

Adriana Carvalho da Silva, Daniella de Castro Marino
Rubio, Felipe de Souza Costa, Karla de Oliveira Queiroz,
Kátia Gisele Turollo do Nascimento, Rosângela Ferreira de
Souza Queiroz

ASSESSORIA

Priscila de Giovani

ELABORAÇÃO

Erika Athiê Mourão

REVISÃO TEXTUAL

Adriana Carvalho da Silva, Felipe de Souza Costa,
Kátia Gisele Turollo do Nascimento

ASSESSORIA E REVISÃO DE CONTEÚDO

Regina Braz da Silva Santos Rocha

GRUPO DE APOIO À REVISÃO – LEITURA CRÍTICA

Bruna Faraulo, Cleia Teixeira da Silva Oliveira, Fany
Cristina Wirthmann, Julia Macedo de Oliveira Morioka,
Rosângela Aparecida Silva Teixeira, Priscila Alexandre do
Nascimento Pereira, Silvana dos Santos Silva, Simone
Souza da Silva Cordaro, Solange Bacelar de Oliveira,
Tathiane Graziela Cipullo, Tereza Cristina de Andrade,
Wania Aparecida Guedes da Silva

Edições anteriores:

1ª edição - 2018; 2ª edição - 2020; 3ª edição - 2022; 4ª edição - 2024.

Para consulta:

educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/cdep

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação.
Coordenadoria Pedagógica.

Caderno da cidade : saberes e aprendizagens : Língua
Portuguesa – 7º ano. – 5. ed. rev. e atual. – São Paulo :
SME / COPED, 2026.
232 p. : il.

1. Ensino Fundamental. 2. Aprendizagem. 3.
Português. I. Título.

CDD 372



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Acesse: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

OLÁ, ESTUDANTE!

Ao receber os **Cadernos da Cidade: Saberes e Aprendizagens**, saiba que estamos juntos com você, dando continuidade a um processo que se iniciou no ano de 2017, com a publicação do Currículo da Cidade. Como você, provavelmente, já deve saber, trata-se de um trabalho colaborativo que, ao longo desse tempo, contou com a participação de professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e de especialistas de cada uma das áreas que compõe esta coleção: Ciências Naturais, Geografia, História, Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Matemática.

O Ensino Fundamental, etapa da Educação Básica da qual você faz parte, é um período de intensas aprendizagens. Em virtude disso, a proposta dos **Cadernos da Cidade** é ser mais um instrumento à disposição de seus/suas professores(as) e tem por objetivo potencializar conhecimentos importantes para sua vida em sociedade.

Assim como nos anos anteriores, este é um material consumível, ou seja, você poderá utilizá-lo para escrever, grifar, sublinhar, responder, anotar e destacar informações importantes durante as aulas em que os **Cadernos da Cidade** forem utilizados. Com isso, consideramos importante lembrar sobre a necessidade de conservação e de utilização consciente deste material, que pode servir como mais uma ponte entre os conhecimentos e saberes da sua escola, da sua cidade, do seu estado, do seu país e do mundo.

Os **Cadernos da Cidade** sempre farão mais sentido sob a orientação do(a) professor(a). Portanto, é importante que você, na condição de estudante, seja também um responsável pelas suas aprendizagens. Escola é lugar de aprender. Aproveite tudo o que esse ambiente pode lhe oferecer ao longo deste ano!

Por fim, desejamos que as sequências de atividades dos Cadernos da Cidade permitam que você aprenda, discuta, reflita, troque ideias, leia, resolva problemas, investigue, analise e, a partir de todas essas ações, produza outros conhecimentos indispensáveis à nossa vida em sociedade.

Bons estudos!

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

SUMÁRIO

UNIDADE 1

Artigo de divulgação científica: a ciência pede passagem! 6

ATIVIDADE 1 – A música no choro e o choro na música.....	9
ATIVIDADE 2 – Letra e música: o choro sentido	13
ATIVIDADE 3 – O choro nas ciências	19
ATIVIDADE 4 – O choro nas ciências divulgadas	21
ATIVIDADE 5 – Para pensar o artigo de divulgação científica.....	33
ATIVIDADE 6 – Para ficar fera!	38
ATIVIDADE 7 – A linguagem do texto	41
ATIVIDADE 8 – Com vocês, o(a) autor(a)!.....	45
ATIVIDADE 9 – Produção de artigo de divulgação científica	49

UNIDADE 2

Debate público regrado: a opinião em cena..... 50

ATIVIDADE 1 – Inclusão, diversidade e questões de linguagem	52
ATIVIDADE 2 – O tema da deficiência visual na literatura: um debate necessário	66
ATIVIDADE 3 – Deficiência visual nas mídias digitais e na esfera jurídica: alimentação temática ..	77
ATIVIDADE 4 – Textos reivindicatórios: para lutar com palavras	87
ATIVIDADE 5 – Alguns usos da língua em textos legais	98
ATIVIDADE 6 – Deficiências e debate: a defesa de um ponto de vista	105

UNIDADE 3

Narrativas de aventura: aventureiros da vida (ir)real..... 118

ATIVIDADE 1 – Documentando os fatos: a nossa língua é uma aventura.....	120
ATIVIDADE 2 – Documentando imagens: aventureiros da vida (ir)real	129
ATIVIDADE 3 – Aventuras narradas: um olhar para os clássicos universais	141
ATIVIDADE 4 – O direito à leitura: a conquista de novas aventuras	151
ATIVIDADE 5 – Leitura programada e colaborativa: para ler literatura mais extensa e de aventura ..	163
ATIVIDADE 6 – A minha aventura em busca de outro Brasil.....	165

UNIDADE 4

Comentários digitais: um direito à voz individual ou coletiva?..... 176

ATIVIDADE 1 – Comentários na web: em que mundo nós estamos falando?	178
ATIVIDADE 2 – Quem é você? Quem é o outro? A nossa língua responde!	195
ATIVIDADE 3 – O poder de um click.....	214

ANEXOS 225

UNIDADE 1

Artigo de divulgação científica: a ciência pede passagem!

Ao final desta Unidade, você aprenderá:

- o que é um texto de divulgação científica.
- qual é sua estrutura e características.
- em que contextos circula e qual é o perfil dos seus leitores.
- como é empregada a linguagem na sua elaboração.
- a produzir um texto do gênero artigo de divulgação científica.

Nesta Unidade, trataremos do choro. O nome, como você já deve saber, remete a inúmeros significados. Podemos, ao mesmo tempo, falar de uma emoção, de uma reação do corpo a fatores externos e de música. Música? Sim, isso mesmo. Certamente, chorar é uma atividade que fez, faz e fará parte de sua vida. O que você conhece sobre o choro? Vamos embarcar nesta aventura!



A CIÊNCIA EXPLICA

Juntamente com o(a) professor(a), leia o texto:

Você sabe qual a origem do choro e o que dizem os pesquisadores sobre o gênero?

“A origem do termo choro, da palavra propriamente dita, para designar esse gênero musical, é bem controvertida entre pesquisadores de peso. Para o folclorista Câmara Cascudo, choro vinha de xolo, um baile que os escravos faziam nas fazendas. Para o pesquisador Ary Vasconcelos, o termo teria origem nos chormeleiros, corporação de músicos de grande importância no período colonial do Brasil. Já o escritor José Ramos Tinhorão afirma que choro viria da impressão de melancolia gerada pelas baixarias do violão, e que a palavra chorão seria uma decorrência”, conta o pesquisador Omar Jubran no podcast Olhar Brasileiro.

Jubran continua: “Para o músico Henrique Cazes, a palavra choro é uma consequência da maneira chorosa de frasear o instrumento, e que teria gerado o termo chorão, que designava o músico que – entre aspas – amolecia as polcas, gênero que se tornou moda no País a partir de meados dos anos 1800”.

O primeiro de uma série de quatro programas, que serão dedicados ao gênero em novembro, traz a história do choro, entremeada com Chorinhos e Chorões, com Muita Brasilidade.

Jornal da USP. Disponível em <https://jornal.usp.br/podcast/olhar-brasileiro-125-voce-sabe-qual-a-origem-do-choro-e-o-que-dizem-os-pesquisadores-sobre-o-genero/> Acesso em 19/12/23.





PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre esse gênero musical, sugerimos que ouçam o Podcast “Olhar brasileiro”, que “traz a história do Choro entremeadas com Chorinhos e Chorões, com muita brasilidade.

ATIVIDADE 1 – A música no choro e o choro na música

- 1 Com a ajuda do(a) professor(a), assista ao vídeo “Izaías e Seus Chorões: Pedacinho do Céu (Waldir Azevedo)”, disponível no Canal Instrumental Sesc Brasil:

<https://www.youtube.com/watch?v=FJjhm7gNL8c&list=PLGIImqC4FqZ5wpY-XR4YqmBOJjvKf54QiN>

- a) Quais instrumentos musicais você identificou no vídeo?

- b) Que sentimentos a música provocou em você? Compartilhe com seus(suas) colegas e professor(a).



PARA SABER MAIS

O choro é uma reação característica de muitos seres vivos e, mais especificamente, do ser humano. Choramos em função de alguns motivos: em resposta a estímulos do ambiente ou como resultado de uma emoção, por exemplo. Culturalmente, o choro assume dimensões que estão para além de explicações biológicas, isto é, pode envolver diretamente aspectos sociais. Um estudo sobre o choro é o resultado de intensas pesquisas das mais variadas áreas das ciências. É possível encontrar tais estudos de muitos modos na sociedade. Eles podem ser divulgados para especialistas (público restrito) ou para leigos (público mais amplo e sem conhecimento específico). A forma textual como esses estudos são trazidos a um ou a outro público impacta diretamente na recepção e, é claro, na produção desses textos.

O texto dramático, aquele que é escrito para ser encenado no palco, possui características próprias e é produzido de um modo todo especial, pois há uma preocupação em evidenciar as ações e falas das personagens, além de indicações cênicas, ou seja, de cenário. A finalidade de sua escrita é encenar.

2 *Morte e Vida Severina* é um poema dramático escrito por João Cabral de Melo Neto, que narra a jornada do retirante Severino, em busca de uma vida digna. Assista à cena “Funeral de um lavrador” presente no Canal Cena Musical. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=vMDGSmFYIKk>



Podem ser acessados por meio da plataforma aqui indicada.
Morte e Vida Severina - 'Funeral de um Lavrador'

3 Agora, leia o trecho poema intitulado “Funeral de um lavrador”:

Esta cova em que estás
Com palmos medida
É a conta menor
Que tiraste em vida

É de bom tamanho
Nem largo nem fundo
É a parte que te cabe
Deste latifúndio

Não é cova grande
E cova medida
E a terra que querias
Ver dividida

É uma cova grande
Para teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho
Que estavas no mundo

E uma cova grande
Para teu defunto parco
Porém mais que no mundo
Te sentirás largo

É uma cova grande
Para tua carne pouca
Mas à terra dada
Não se abre a boca

- 4 A cena que você assistiu é um ato do musical *Morte e Vida Severina*, com direção de Silnei Siqueira e Roberto Freire. O poema dramatizado na cena foi musicado por Chico Buarque de Hollanda.

Ao assistir à cena, o que capturou sua atenção, suscitando emoções ou reflexões?

- 5 Após assistir à cena e ler o trecho do poema, responda:

a) Que tipo de “choro” retratam?

b) Como você chegou a tal conclusão? Explique.



PARA SABER MAIS

“Morte e Vida Severina” é um poema dramático escrito pelo poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999), inicialmente para ser encenado num Auto de Natal, sob direção da dramaturga Maria Clara Machado (1921-2001). O enredo nos convida a acompanhar a jornada de Severino, um trabalhador nordestino fugindo da seca e da pobreza, em busca da sobrevivência e de trabalho. A obra faz duras críticas sociais à miséria e falta de democratização na distribuição de terras. No verso “É a parte que te cabe deste latifúndio”, por exemplo, fica evidente a crítica de que o lavrador só possui a terra no momento em que morre, uma cova feita sob medida.

O poema narra, com uma linguagem precisa, rica, bonita e simbólica, as adversidades enfrentadas por Severino, que representa tantos outros brasileiros. Apesar do tom realista e, por vezes, sombrio, a obra retrata momentos de esperança e resistência.

Para saber mais, procure a obra na Sala de Leitura ou Biblioteca mais próxima.

ATIVIDADE 2 – Letra e música: o choro sentido

- 1 Na próxima atividade, leremos a letra e ouviremos a “Canto das três raças”, interpretada por Clara Nunes. Considerando o título, o que podemos esperar da canção?

- 2 A canção se constitui por vários elementos, a letra, a harmonia na produção dos sons dos instrumentos, a melodia expressa pela voz da cantora. Com o auxílio do(a) professor(a), leia a letra da canção.

Canto das Três Raças

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô

E ecoa noite e dia
É ensurdecador
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria

Soa apenas
Como um soluçar de dor

Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô

- a) As antecipações que você fez anteriormente, a respeito do que trataria a letra a partir do título, se confirmaram ou não? Explique.

- b) Agora que leu a letra, qual é a temática abordada? Que sentimentos ou reflexões ela provocou em você?



PARA SABER MAIS

Uma das músicas que mais representa a identidade do povo brasileiro é “O Canto das Três Raças”, imortalizada na interpretação de Clara Nunes. A canção conecta três momentos da história do Brasil, fazendo um paralelo com o presente. Com letra de Paulo César Pinheiro, música de Mauro Duarte e gravada por Clara Nunes em 1976, a canção retrata a contínua luta do povo brasileiro para se libertar das correntes impostas pelos poderosos. Clara Nunes nasceu em Paraopeba (MG), em 1942, e faleceu no Rio de Janeiro em 1983, após uma reação alérgica a um componente do anestésico ao se submeter a uma cirurgia de varizes. Foi reconhecida como uma das maiores e mais talentosas intérpretes do Brasil e se dedicou à pesquisa da música popular brasileira, seus ritmos e seu folclore, e também viajou por diversos países, promovendo a cultura brasileira no exterior.



CANÇÃO

Link para acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=dcVKb2ht6BE>

Álbum: Canto das três raças

Gravadora: EMI- Odeon

Compositores: Paulo Cesar Pinheiro e Mauro Duarte

Ano de lançamento: 1976

<https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/canto-das-tres-racas>

- 3 Com apoio do(a) professor(a) e juntamente com a turma, ouça novamente a reprodução da canção, mas, desta vez, prestando atenção a detalhes e outros aspectos que considerarem relevantes.
- 4 Após a escuta que você realizou da canção, responda às seguintes questões:
- a) A cantora, isto é, a intérprete Clara Nunes, ao afinar-se com os instrumentos e a proposta da música, estabelece uma relação de significados entre aquilo que está na letra da canção e os vários sentidos que criamos à medida que escutamos os diversos sons dos instrumentos e da voz de Clara. Que sentimento a junção entre a letra, a melodia da voz e os sons dos instrumentos produz em você? Explique.
-
-
-
- b) Ao escutar a canção, observando a articulação entre melodia e letra, quais sentidos identificamos no trecho “Ô, ô, ô, ô, ô, ô/ Ô, ô, ô, ô, ô, ô”?
-
-
-
- c) De acordo com a letra, a quem se referem as “três raças”?
-
-
-
- d) Como são descritos os cantos na canção? Comprove com excertos do texto.
-
-
-
- e) A “voz” que “fala” na letra da canção é de um mesmo sujeito em todas as estrofes? Observe os trechos e identifique as vozes da canção:

*Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
[...]*

*Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô*



TOME NOTA

lamentação

la·men·ta·ção

sf

1. Ato ou efeito de lamentar(-se).
2. Expressão de grande sofrimento; lamento.
3. Forma triste de se manifestar; lamento.
4. Queixume intercalado por gritos e gemidos.
5. Canto triste, de caráter fúnebre; elegia.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OKMO5>. Acesso em 13 nov. 2024.

Você já ouviu a expressão *banzo*?

banzo

ban·zo

sm

Depressão profunda que atacava os negros trazidos da África para o Brasil como escravos.
por ext. Tristeza profunda e constante: Vivia de banzo, chorando pelos cantos.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=banzo>. Acesso em 13 nov. 2024.

- 5 As canções têm esse poder de nos emocionar. Muitas abordam temas tristes e outras dizem muito sobre a nossa história de vida. Você conhece alguma canção que te “faz chorar”? Por quê? Após registrar, compartilhe suas respostas com colegas e professores(as)!

#ficaadica

Dica de filme!

Sugerimos que assista ao filme “Letra e Música”, cuja descrição e sinopse estão expostas abaixo. Você já o conhece? Caso sua resposta seja não, recomendamos que o assista e, em seguida, comente-o com professores(as) e colegas. Afinal, faz parte da nossa vida social trocarmos impressões sobre o que lemos ou assistimos. Mas não se esqueça de que há colegas que não gostam de saber o final do enredo!

Que relação podemos fazer entre o título do filme e as atividades que fizemos sobre a “Canção para você viver mais”?

“Letra e Música” é uma comédia romântica lançada em 2007, dirigida por Marc Lawrence. O filme conta a história de Alex Fletcher, interpretado por Hugh Grant, um ex-cantor pop dos anos 80 que recebe a oportunidade de escrever uma música para uma famosa cantora pop contemporânea, interpretada por Haley Bennett. Ele pede ajuda a Sophie Fisher, uma talentosa escritora, interpretada por Drew Barrymore.

A trama se desenrola de maneira divertida e romântica, explorando a dinâmica entre os personagens principais enquanto tentam criar a música perfeita. O filme combina comédia, música e romance de uma forma leve e agradável.

Se você gosta de comédias românticas com uma pitada de música, “Letra e Música” pode ser uma escolha agradável. A química entre Hugh Grant e Drew Barrymore adiciona um charme adicional à história.



Warner Produções

Duração:	<i>(1h 43min)</i>
Direção:	<i>Marc Lawrence (II)</i>
Elenco:	<i>Brad Garrett, Haley Bennett, Kristen Johnston mais</i>
Gêneros:	<i>Comédia/Romance</i>
País de Origem:	<i>EUA</i>
Classificação indicativa:	<i>não recomendado para menores de 10 anos.</i>

ATIVIDADE 3 – O choro nas ciências



RODA DE CONVERSA

- Quando você ouve a palavra “ciência”, o que vem à sua mente?
- Quais as ciências existentes nos dias de hoje?
- Quais ciências explicariam o choro?
- Você sabe por que choramos?
- Como isso poderia ser explicado para a população leiga?
- O que seria, para você, divulgação científica?
- O que você já escutou sobre o choro de pessoas adultas? E dos seus colegas?
- Considerando as discussões que fizemos, até agora do choro na música e na canção, como você acha que as ciências se relacionam com esse tema?

A música tem esse poder de encantar, de mexer com nossas emoções e, de alguma forma, torna-nos mais humanos. Agora que já aprendemos sobre a música, a canção e o choro, entenda o mecanismo e os tipos de choro.

1 Leia, juntamente com seu professor, o texto abaixo:

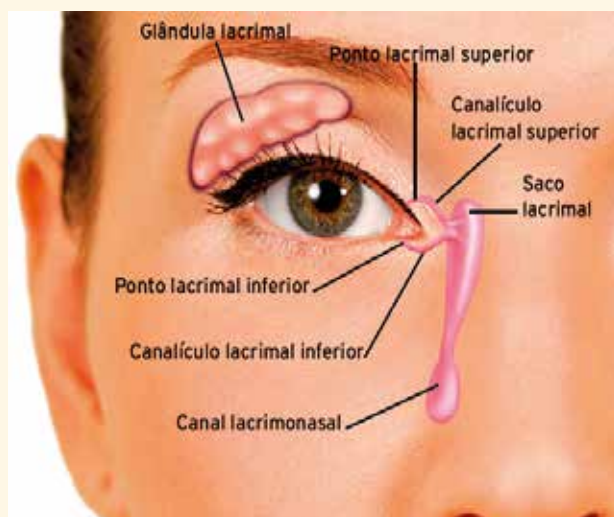
Tipos de lágrimas

As lágrimas são produzidas por glândulas lacrimais situadas atrás e ao lado do olho. Elas também são encarregadas pela produção do fluido lacrimal que protege o globo ocular, mantendo-o livre de irritações. Existem três tipos distintos:

Lágrimas basais ou continuadas – produzidas para manter a superfície do olho permanentemente hidratada e protegida. É composta de água, lipídios e proteínas. A cada piscadela espalhamos lágrimas em toda a superfície do olho.

Lágrimas reflexivas – possuem composição semelhante e função protetiva contra irritações e objetos estranhos.

Lágrimas sentimentais – possuem altas concentrações de proteína, manganês e prolactina que são produzidas durante a indução de estresse por perigo ou excitação.



Revista VivaSaúde/Edição 73

Revista VivaSaúde/Edição 73

- a) Qual a diferença entre a maneira como o assunto choro foi tratado na música e o modo em que a *Revista Viva Saúde* discutiu essa mesma temática? Explique.

b) Há algum diálogo entre a imagem e o texto? Qual?

c) Qual a função da imagem em um texto como esse? Explique.

ATIVIDADE 4 – O choro nas ciências divulgadas

- 1 Agora, com o objetivo de compreender melhor esse mecanismo do choro e como ele se dá em nosso corpo, faça uma leitura, junto com o(a) professor(a), do texto “*Por que choramos?*” Publicado no site da revista *Super Interessante*.

Por que choramos?

O choro pode ter vários significados diferentes: alegria ou dor, vitória ou derrota, heroísmo ou fraqueza. Tudo depende da cultura, da época e do sexo de quem derrama as lágrimas.

Maria Fernanda Vomero

De tempos em tempos, os índios tupi-guaranis, que habitam o centro-sul do Brasil, deixam a aldeia onde estão estabelecidos e seguem para o leste, em busca da Terra sem Males – um lugar onde, segundo a tradição, não existe morte. Conta um relato antropológico da primeira década do século XX que, certa vez, um dos índios mais velhos da tribo desatou a chorar e não parou mais. Ele havia sonhado que o grupo devia abandonar imediatamente a aldeia. A emoção do velho com a proximidade da partida fez com que todos se comovessem e chorassem juntos. A choradeira, de horas a fio, teve conotação de despedida, mas também foi sinal de solidariedade e integração do grupo.

Do ponto de vista fisiológico, as lágrimas comovidas dos tupi-guaranis são praticamente as mesmas que você derrama quando está cortando uma cebola e fica com os olhos irritados. Elas não passam de gotinhas produzidas pela glândula lacrimal e formadas por três camadas: uma película de gordura, mais externa, envolvendo o recheio de água, que fica sobre um filete de muco. São assim também as lágrimas lubrificantes ou basais, que servem para umedecer, nutrir e limpar a córnea, fabricadas numa média de 1 ou 2 microlitros por minuto (1 microlitro equivale a 1 litro dividido por um milhão). Mas há alguma diferença entre as lágrimas com função lubrificante, as que surgem como reflexo a um cisco, e as lágrimas emocionais, como as derramadas pelos índios?

Sim, há. O que mais intriga os cientistas em nossos dias é justamente esse terceiro tipo, exclusivo dos seres humanos: as lágrimas que são vertidas quando choramos para expressar algum sentimento. Ao contrário das basais e das reflexas, que têm um propósito bem definido, tais lágrimas não trazem nenhum benefício especial para a córnea ou para a superfície ocular. “Por que, então, o olho, motivado por uma emoção qualquer, produz uma secreção?”, pergunta o oftalmologista espanhol Juan Murube Del Castillo, da Universidade de Alcalá, em Madri. A hipótese mais plausível, segundo ele, é que o choro tenha surgido antes da linguagem falada, como uma expressão mímica para comunicar dor.

“O homem já havia esgotado os recursos faciais – como movimentos musculares de levantar a sobrancelha ou de morder os lábios – para revelar estados anímicos de curiosidade, surpresa ou medo, por exemplo”, diz Murube. “Precisava escolher uma nova expressão no rosto para dizer ao outro que sentia dor. As lágrimas foram a melhor escolha.”

Em busca das razões biológicas que provocam as lágrimas emocionais, Murube tem estudado, desde 1992, episódios de choro de estudantes de medicina, na tentativa de encontrar um ponto em comum entre os estados emocionais que desencadeiam o pranto. Até hoje, cerca de 400 estudantes, de ambos os sexos e com idade entre 23 e 30 anos, já responderam a um questionário semanal sobre quando, onde e por que choravam. Nesses questionários, os jovens relataram a via da informação que os fez chorar (por exemplo, a briga com o namorado ou determinada música no rádio), as manifestações de cada episódio (olhos úmidos, soluços, nó na garganta, lágrimas copiosas etc.), a duração do pranto, horário e dia da semana em que choraram, e assim por diante.

Depois de analisar mais de 1 100 episódios de choro, Murube chegou a algumas conclusões surpreendentes. A média de choro emocional entre os jovens universitários foi de aproximadamente três vezes por semana para as garotas e duas vezes para os rapazes. (Sim, eles choram! Mesmo que seja às escondidas.) Chora-se mais às sextas-feiras e aos sábados, porque são os dias em que as relações interpessoais se intensificam. A choradeira também é mais comum à noite, quando as pessoas saem do trabalho, encontram a família, veem os namorados e mergulham em sua vida pessoal.

Segundo Murube, as lágrimas emocionais podem ser identificadas, em linhas gerais, como “pedidos de ajuda” (dor física, medo, raiva, humilhação, solidão, tristeza) ou como “oferecimentos de ajuda” (solidariedade, entrega religiosa, amor passionai, amor humanitário, lembranças sentimentais, alegria). “O choro de pedido de ajuda pode ter surgido entre os seres humanos há uns 50 000 anos, simultaneamente ao aparecimento da linguagem falada e à necessidade de expressar conceitos abstratos”, diz Murube. Milênios mais tarde, apareceu o choro de doação de ajuda, que requeria estados psíquicos mais evoluídos e, sobretudo, empatia – a faculdade mental e emocional de se colocar no lugar do outro.

“As lágrimas são um poderoso instrumento de comunicação com os demais”, afirma Murube. “Mesmo quando chora sozinho, você quer dizer alguma coisa: sua necessidade de atenção ou sua disponibilidade para partilhar.” Do choro do recém-nascido ao pranto no leito de morte, as lágrimas funcionam como palavras – que podem ser sinceras ou estratégicas, copiosas ou escassas. As pessoas que reprimem o próprio choro perdem um importante canal de diálogo.

O uso das lágrimas para a comunicação aparece nos primórdios da infância. O bebê chora para chamar a atenção dos pais e mostrar a eles suas necessidades físicas. “Trata-se de um artifício típico da espécie humana, cujos filhotes, dependentes, exigem atenção e cuidados durante um bom tempo. Por isso, o choro precisa ser agudo e intenso para funcionar como um bom sinalizador”, diz o etólogo¹ César Ades, da Universidade de São Paulo. O choro também permite que sejam criados laços de apego entre o bebê e seus protetores. Conforme cresce, a criança percebe que, com as lágrimas, pode controlar determinadas situações – ter os pais mais próximos, por exemplo, ou ganhar uma atenção especial.

Mas o choro dos bebês não encontra receptividade em todas as culturas. Entre os tiv, tribo africana do norte da Nigéria, pais e babás desencorajam o choro das crianças rindo delas, tapando suas bocas e apertando suas narinas. Numa tribo na Terra do Fogo, sul da Argentina, os adultos gritam nos ouvidos dos bebês quando os pequenos ameaçam chorar. Para essas crianças, as lágrimas adquirem um sentido totalmente distinto do nosso. “As emoções estão intimamente relacionadas a um contexto cultural”, diz o antropólogo Guillermo Ruben, da Universidade Estadual de Campinas, em São Paulo. “O ser humano é culturalmente treinado para deixar que os sentimentos aforem, diante dos outros, em momentos considerados apropriados para isso.” Chorar em velórios, por exemplo, não só é aceitável como também desejável.

As manifestações afetivas, como o choro, são também marcadas pelo momento histórico. Aos homens, na Grécia antiga, era permitido chorar – mas, entre as mulheres, tal gesto não era bem-visto. A expressão dos sentimentos, para os gregos, era uma atitude masculina. No século XVIII, na França, tanto os homens quanto as mulheres podiam derramar lágrimas em público, diante da leitura dos primeiros romances modernos (a leitura, na época, era uma experiência coletiva, feita na presença de cinco ou mais pessoas). Hoje em dia, especialmente em países de cultura latina como o Brasil, os garotos aprendem desde cedo que “homem não chora” e que “chorar é sinônimo de fraqueza”. Lágrimas em público? Só em ocasiões especiais.

“O choro é uma experiência humana imprecisa e variada”, afirma o historiador da cultura Elias Thomé Saliba, da Universidade de São Paulo. “As manifestações afetivas por meio das lágrimas não são constantes, mas mutáveis, historicamente nômades e culturalmente inventadas.” Um rápido passeio pela história dos costumes mostra como o papel do choro mudou no decorrer do tempo. No período medieval, muitos

1 A Etologia é uma ciência, ramo da Zoologia, que estuda o comportamento das espécies animais. Etologia - o que é, estudo, comportamento animal - Toda Biologia <https://www.todabiologia.com/zoologia/etologia.htm>

dos hábitos cotidianos eram realizados em público, sem qualquer constrangimento – entre eles, dar gargalhadas e chorar. “Mas, no começo da época moderna, no Ocidente, tem início um processo civilizador e de disciplinamento desses hábitos”, diz Elias.

Com o refinamento das maneiras – o chamado “pudor” –, atos rotineiros passaram para a discrição do âmbito privado. As lágrimas, então, ficaram restritas à intimidade de cada um. Esse autocontrole coletivo talvez tenha alcançado maior êxito no século XIX, na era vitoriana. Nada de verter lágrimas publicamente. Até os gestos ficam mais contidos. “Veja o caso das carpideiras, as choradeiras profissionais”, diz Elias. “Elas atuavam quase como substitutas das elites aristocráticas, para quem não era de bom tom chorar em público, mesmo que no enterro de um filho.”

No século XX, num contrafluxo às repressões vitorianas, ganhou força o processo de liberação das emoções em público. As fronteiras entre as esferas pública e privada acabaram ficando mais difusas. Carpi-deiras continuam existindo – mais pelo aspecto folclórico e tradicional do que propriamente por uma exigência social. Mas o ato de chorar voltou das sombras. Em muitas sociedades, trata-se de um gesto masculino. Nos países islâmicos, o homem chora diante dos demais, enquanto a mulher se aparta para verter suas lágrimas. Guerreiros de algumas tribos indígenas também podem chorar e ser carinhosos publicamente sem qualquer questionamento da sua masculinidade. Mas, em boa parte da cultura ocidental, o choro ganhou conotação feminina. Virou “coisa de mulher”.

Contam as histórias de bastidores que, em 1939, durante as filmagens de *E o Vento Levou*, o americano Clark Gable se opôs fortemente a chorar diante das câmeras. Tal situação de fragilidade poderia manchar sua imagem viril. Para os homens mexicanos, assim como para os brasileiros, até hoje não pega bem cair em prantos – mesmo depois de uma desilusão amorosa daquelas. Buscam, então, apoio nos mariachis, cantores de melodias melodramáticas, que estão para os homens apaixonados como as carpideiras estão para os enterros. “Os mexicanos costumam, então, se embriagar e se juntar aos mariachis – não propriamente para chorar, mas para cantar canções de lamento”, diz o antropólogo Guillermo Ruben. (Alguém se lembrou dos machões brasileiros e da sua relação com a música sertaneja?).

“Estudar as diferentes culturas e suas manifestações é a melhor maneira de compreender o que significa chorar”, afirma o professor Tom Lutz, da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos. “As razões pelas quais as pessoas choram, o momento considerado apropriado para o choro, o que representa – para um homem ou para uma mulher – verter lágrimas em público, tudo isso muda.” Na tentativa de entender o complexo e admirável mundo das lágrimas, Lutz fez um passeio pelo universo das representações artísticas e culturais do choro. A aventura resultou no livro *Crying – A Natural and Cultural History of Tears* (Chorar – Uma história natural e cultural das lágrimas, ainda inédito em português). E encontrou histórias curiosas que, se não dissolvem o mistério do ato de chorar, ao menos reforçam seu caráter fluido e mutável.

“Em 1972, Edmund Muskie, um dos candidatos à presidência dos Estados Unidos, derramou algumas lágrimas”, diz Tom Lutz. “Naquela época, isso foi considerado sinal de fraqueza e ele acabou renunciando à corrida presidencial mais cedo.” Vinte anos mais tarde, o presidente Bill Clinton chorava publicamente nos momentos apropriados e havia um senso geral, especialmente entre as eleitoras, de que isso era algo bom. “Como o significado social das lágrimas muda ao longo do tempo, elas passaram de politicamente desastrosas para vantajosas”, afirma.

A partir de textos históricos e literários, Lutz identifica diversos tipos de lágrimas emocionais, de acordo com o significado que assumem em contextos diversos. Existem as lágrimas de heroísmo e de consideração – quando Rolando, o guerreiro mais famoso da França medieval, morreu, conta-se que mais de 20 000 cavaleiros choraram tão profusamente que muitos desmaiaram e caíram do próprio cavalo. Há muito tempo as lágrimas têm sido associadas à santidade. Existe também a conotação de penitência, em que o choro funciona como meio de redenção. Os evangelhos contam a história da mulher pecadora que lavou os pés de Jesus Cristo com suas lágrimas. Em outro momento, falam do arrependimento de Pedro, que negou três vezes conhecer Cristo e, depois disso, chorou amargamente, rompendo em soluços.

Existe também o choro de frustração – como as lágrimas coletivas dos milhares de brasileiros que viram a Seleção perder para o Uruguai, em pleno Maracanã, na Copa do Mundo de 1950. Aliás, em competições, como os jogos olímpicos ou o campeonato mundial de futebol, o choro ganha diferentes significados. A busca por resultados e pela superação de limites, a pressão exercida pelas equipes e as emoções extremadas inevitavelmente levam às lágrimas. Existem os choros de tristeza diante da impossibilidade da vitória. Há as lágrimas de alegria, depois de uma conquista difícil, e de alívio, quando os resultados esperados são atingidos. E, depois da disputa pelo primeiríssimo lugar, sempre aparece o choro dos vencedores – dos vencedores que ganharam e daqueles que perderam pela diferença de milésimos de segundo ou de um gol aos 44 minutos do segundo tempo.

Estímulos para derramar lágrimas não faltam. Desde os primórdios do teatro, dramaturgos e diretores usam as lágrimas cênicas para emocionar a plateia. Muitas vezes, o público vai ao cinema ou aluga um DVD na expectativa de chorar com o filme a que vai assistir – como ocorria com as peças de Jean Racine, dramaturgo francês do século XVII, e com os romances melosos dos idos de 1800. Existem certas técnicas, usadas na elaboração de roteiros de cinema, que ajudam a emocionar os espectadores: a morte súbita de um personagem, um acidente com uma criança ou uma doença inesperada, por exemplo. Tom Lutz cita o caso de Titanic, de James Cameron, filme assistido por milhões de pessoas no mundo todo. Adolescentes entrevistados depois da sessão confessavam que, mesmo já tendo visto o filme várias vezes antes, voltavam para o cinema simplesmente para chorar. “É ótimo chorar, porque isso torna o filme bem mais agradável”, disse uma garota citada por Lutz.

Mas, afinal, chorar faz bem? “Certamente faz”, diz o psicólogo transpessoal Roberto Ziemer, de São Paulo. “Diversos problemas psicossomáticos e também episódios de depressão têm sua origem na repressão do choro. As lágrimas ajudam a pessoa não só a expressar suas necessidades, mas também a preenchê-las.” Chorar funciona como uma descarga física e emocional. O filósofo romano Sêneca já tinha escrito: “As lágrimas aliviam a alma”. E um antigo provérbio hindu afirma que chorar faz bem para a aparência (depois que o inchaço dos olhos passar, obviamente). Ou seja, chorar traz benefícios para o corpo, para a alma e para o humor.

De acordo com Tom Lutz, a maioria das pesquisas atuais sugere que, ao contrário do que se pensa, o pranto não acontece num momento de clímax emocional para desafogar a tensão. As lágrimas aparecem, na verdade, quando o organismo está se restabelecendo da profusão de emoções. Trata-se de uma reação pós- crise, de um mecanismo natural de cura. “Um bom choro vale mais que doses de tranquilizantes”, diz Guillermo Ruben. Portanto, luz verde para as lágrimas. Da próxima vez que sentir emoções fortes, abra as comportas sem culpa.

- 4 Um artigo de divulgação científica, como todos os demais, além de propor um tema central, estabelece a manutenção temática por meio de uma progressão. Neste caso, a opção da autora foi a de progredir o tema passando pelas visões que as diversas áreas das ciências possuem do mesmo assunto. Diante dessa informação, em dupla, ordenem as discussões sobre o tema, ou seja, uma progressão temática que está presente no texto, por meio das ciências que aparecem nele:

	Psicologia Transpessoal
	Etologia (estudo do comportamento)
	História
1	Oftalmologia
	Antropologia
	Jornalismo/Cinema/Arte

- 5 Em sua opinião, o tratamento dado ao assunto é muito específico, voltado exclusivamente para leitores cientistas, ou é simples, tendo a finalidade de informar e ampliar o repertório dos leitores em geral? Por quê?

Pelo fato de lidarem com assuntos ligados a diferentes áreas do conhecimento, os textos de divulgação científica, frequentemente, fazem uso de uma linguagem em que há vocabulário e conceitos indutivos para o raciocínio científico. No entanto, observa-se neles o empenho dos autores em tornar acessíveis, ao grande público, os vocábulos de ordem acadêmico-científica, ou seja, conceitos específicos do campo das ciências. Observe algumas das estratégias utilizadas por quem escreve artigos científicos que circulam, por exemplo, no meio jornalístico:

- Simplificação do conceito científico para facilitar a compreensão do leitor leigo (não especializado), principalmente com uso de comparações e, às vezes, metáfora.
- Abreviação da linguagem científica sobre o assunto tratado.
- Apresenta uma definição principal do tema, seguida de outras referências e, é claro, de outras definições.
- Há a adequação da linguagem em função de um leitor-modelo e idealizado, ou seja, aquele que, possivelmente, comprará a revista.
- Diálogo direto com o leitor, por meio de perguntas e, assim, estabelece uma interação.
- Apresentação de nomes (pessoas) que são autoridades ou referências da área para validar a discussão proposta no texto ou parágrafo.

- 6 Em dupla, releiam o 2º parágrafo do texto e digam quais estratégias foram utilizadas pela autora para tornar o assunto acessível aos leitores leigos.



TOME NOTA

O texto de divulgação científica é um gênero discursivo que tem por objetivo promover o contato do leitor leigo com o universo do fazer científico. Para alcançar seu objetivo, faz uso de linguagem direta e levemente informal quando traduz conceitos e termos técnicos por meio de analogias referenciadas no senso comum, as marcas de elocução (da língua falada) conferem às falas que aparecem no texto uma ideia de autoridade, ou seja, um especialista que entende do assunto e, apesar disso, suas falas são contribuições para explicar ao público leigo algo mais restrito ou de difícil compreensão. Além disso, essas mesmas marcas buscam confirmar a proximidade entre locutor-interlocutor e o entendimento do interlocutor.

ATIVIDADE 5 – Para pensar o artigo de divulgação científica...



VÍDEO

Assista, junto com o(a) professor(a), ao vídeo “Processos de Produção e Divulgação Científica”, com a participação do biólogo e divulgador científico Átalia Iamarino.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1tLBzWysnQQoWjcT4CVzEKoD8gH51YWub?usp=sharing>.

Acesso em: 22 ago. 2024.



- 1 Com auxílio de um marca-texto, ou mesmo de caneta esferográfica e lápis, marque ou sublinhe as partes que julgar mais importantes no texto abaixo. Faça isso, enquanto lê com o(a) professor(a):

Por que e para quem divulgar textos científicos?

Uma das razões para o grande esforço de popularizar da ciência é a importância de levar a diferentes leitores conhecimento para melhorar sua qualidade de vida e ampliar seu repertório cultural. Em muitos casos, trata-se, também, de evitar que a falta de informação faça com que as pessoas adotem comportamentos de riscos e não acreditem em mitos como “Tomar leite com manga a noite faz mal”.

Jornais de grande circulação começaram a abrir espaço para os textos de veiculação científica, assim surgiram algumas revistas e jornais voltados especificamente para essa finalidade.



Capa da revista
Scientific American



Capa da Revista
Super Interessante



Capa da Revista
Ciência Hoje para Crianças

Há um número expressivo de leitores interessados por áreas científicas, tais como: exatas, humanas e biológicas, o que promoveu uma maior especialização dessas revistas. Nessa perspectiva, surgiram revistas de divulgação impressa e digital, isto é, com sites na internet que permitem acesso aos artigos de capa.

A ideia de “ciências humanas” já foi muito comum, mas com o tempo surgiu certa discussão em torno da aplicação da palavra “ciência” a essa área de atuação e, desde que essa discussão se iniciou, muitos passaram a preferir falar em “humanidades”, sem considerá-las exatamente como “ciências”.



SALA DIGITAL

Faça uma pesquisa nos sites dessas revistas e tente identificar o perfil de leitor de cada uma delas e a maneira como os textos estão organizados. Verifique se as características dos textos científicos que você elencou na **Atividade 10** são possíveis de identificar nos que você lerá nos sites abaixo. Aproveite para fazer anotações

<http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/>

<https://super.abril.com.br/>

<http://chc.org.br/>

4 Agora, confronte as características que você elencou anteriormente com estas:

Características do artigo de divulgação científica:

- a) texto expositivo;
- b) finalidade: transmitir conhecimentos de natureza científica a um público o mais amplo possível;
- c) estrutura: ideia principal (afirmação, conceito, apresentação do tema ou da pesquisa)/desenvolvido por meio de provas, exemplos, comparações, relações de efeito e causa, resultados de experiências, dados estatísticos/conclusão;
- d) linguagem clara, objetiva e, geralmente, impessoal;
- e) emprega a variedade padrão da língua com a presença de termos e conceitos científicos de uma ou mais áreas do conhecimento, verbos predominantemente no presente do indicativo.



Freepik

5 Quais se mantiveram?

6 Quais outras você acredita que podem ser adicionadas na lista acima?

ATIVIDADE 6 – Para ficar fera!

- 1 Em dupla, leiam este texto e, em seguida, respondam juntos às questões que seguem:

As cebolas nos fazem chorar?

Joãozinho, entrando na cozinha, se depara com a mãe cortando cebola. A mãe, com os olhos cheios de lágrimas, é interrogada pelo filho...

- Mamãe, por que você tá chorando?
- Meu filho, a mamãe não tá chorando... As lágrimas são por causa da cebola.
- Você quer que eu bata nela, mamãe?

Por que será que, ao cortar cebola, nossos olhos ficam irritados?

A cebola possui células e, no interior dessas células, há compostos químicos que contém enxofre. Ao cortar a cebola, rompem algumas células, liberando substâncias químicas no ar. Tais substâncias, sob ação de enzimas, se transformam em compostos sulfurados, que evaporam facilmente.

Os compostos sulfurados, liberados quando cortamos a cebola, reagem, transformando-se em gases que irritam os olhos. Entre eles está o gás sin-propanetial-S-óxido ($C H OS$). Esse gás reage com a umidade dos nossos olhos, formando uma solução muito diluída de ácido (provavelmente ácido sulfúrico) que produz a sensação de queimação e irritabilidade. Como os olhos são muito sensíveis, o organismo reage, produzindo mais água nos olhos, para que o ácido seja diluído, até que pare a irritação.

Veja algumas dicas para evitar a irritação enquanto cortamos cebola: se houver água próximo, os gases sulfurados podem reagir com essa água e não com a água dos seus olhos; colocar a cebola no congelador (de 5 a 10 minutos) também ajuda, pois diminui a velocidade com que os compostos sulfurados se formam.

Texto escrito por Germano Luis Marinho, do Colégio Técnico da UFMG, premiado no Concurso de textos científicos promovido pelo Departamento de Química e Diretoria de Divulgação Científica da UFMG em comemoração ao Ano Internacional da Química.

Disponível em: https://www.ufmg.br/ciencianoar/wp-content/uploads/2016/04/CPT-ET02_57-ascebolanosfazemchorar.pdf. Acesso em 22 ago. 2024.



2 O texto acima aborda um tema de natureza científica que certamente interessa a um grande número de pessoas. Qual é o tema do texto?

3 Indique, entre os itens que seguem, aquele que traduz melhor a finalidade desse tipo de texto, de acordo com o que você aprendeu:

- a) Convencer o interlocutor do ponto de vista defendido pelo autor.
- b) Ensinar como se faz um relatório científico.
- c) Expor um conteúdo de natureza científica.
- d) Relatar experiências pessoais.

4 Agora, retire, do texto, um trecho que comprove sua resposta anterior.

5 É comum o texto de divulgação científica fazer uso de uma linguagem que inclui termos e conceitos científicos básicos.

- a) Identifique no texto palavras ou expressões próprias da linguagem científica.

- b) A que área científica pertencem esses termos?

6 Em quais outros portadores (onde o texto costuma ser publicado) o texto científico pode circular?

7 Tomando como base o texto lido, responda:

a) Quem escreveu o texto?

b) Qual é o perfil do leitor desse tipo de texto? Trata-se de um cientista especialista no assunto abordado ou de um leitor comum, leigo? Explique.

c) Observe a conclusão do texto de divulgação científica. Por que, possivelmente, o autor termina daquela forma?

ATIVIDADE 7 – A linguagem do texto

- 1 O presente do indicativo refere-se, principalmente, a uma ação que ocorre no exato momento em que ela acontece. Indica também uma ação habitual, uma característica do sujeito, um estado permanente de uma situação ou a verdade científica dos fatos. Pode ser usado, ainda, para apontar uma ação que ocorrerá num futuro próximo ou enfatizar fatos ocorridos no passado, num relato, por exemplo:

Veja:

“A cebola **possui** células e, no interior dessas células, **há** compostos químicos que **contém** enxofre.

Volte ao texto, grife os trechos com passagens significativas de verbos que estejam no presente do indicativo. Em seguida, faça um check (✓) e dê um exemplo do texto, utilizando a tabela que explicita os usos que podem ser feitos desse tempo:

✓	Usos do tempo presente do indicativo	Exemplos retirados do texto
	Indica uma ação habitual.	
	Indica uma característica do sujeito.	
	Indica um estado permanente de uma situação.	
	Indica uma verdade científica dos fatos.	

- 2 Em relação à linguagem do artigo de divulgação científica, como já ressaltamos anteriormente, ela é direta, acessível, descontraída e interativa.

Encontre no texto trechos que comprovem duas das características da linguagem do texto de divulgação científica.

Linguagem direta	
Linguagem descontraída	
Linguagem interativa	

- 3 Nossa língua está atrelada a uma diversidade tão ampla que, muitas vezes, precisamos compreendê-la a partir de grupos semânticos (de sentidos). Nesse sentido, o artigo de divulgação científica usa vocábulos específicos do contexto científico no qual ele está inserido.

Procure, em dicionários de Língua Portuguesa especializados ou em sites confiáveis, alguns significados possíveis para as expressões ou palavras destacadas, presentes no texto.

célula	
compostos sulfurados	
enxofre	

gás sin-propanetial-S-óxido	
enzimas	
ácido	

4 Agora, responda de acordo com o texto lido:

a) Qual tempo e modo predominam entre as formas verbais utilizadas pelo autor?

b) Qual variedade linguística foi empregada?

ATIVIDADE 8 – Com vocês, o(a) autor(a)!

#ficaadica

#contexto

Você deverá produzir um artigo de divulgação científica que circulará em uma revista impressa ou digital, a critério do(a) professor(a). Trata-se de um veículo especializado em divulgar pesquisas científicas para estudantes do Ensino Fundamental.

#tema

Este é o momento em que você fará o tratamento dos conteúdos temáticos da revista. Para isso:

- Escolha um tema de natureza científica. Se necessário, navegue outra vez nos sites indicados na página 32.
- Levante as principais ideias e os dados que estão ligados ao seu tema, por meio de pesquisa em sites confiáveis e outras fontes.
- Faça uma busca de outros artigos direcionados para os profissionais especialistas a respeito do assunto e, em seguida, compare-os com aqueles que foram escritos para o público leigo.
- Assista aos vídeos, fazendo uma busca nas principais redes sociais que hospedam filmes, animações e afins (*Youtube, Vimeo* etc.).
- Anote tudo o que considerar importante.
- Se possível, tente consultar alguma autoridade científica para validar sua pesquisa.
- Organize toda a coleta temática em dossiês, folders ou pastas pessoais.

#Planejamento

Qual será o título do seu artigo? Tente fugir das perguntas que nomeiam os cadernos da revista.

Título: _____

- Seu texto deverá ter no máximo uma página, pois a revista para a qual você escreverá sugere que ele tenha, no mínimo, 4 parágrafos. Assim, o que será dito em cada um deles precisa ser pensado previamente, considerando o tema e a organização interna das partes que compõem o texto.

Como você pensa, então, em organizar as partes do texto, isto é, os parágrafos?

Parágrafo 1: Apresentação do tema ou da pesquisa

Quais estratégias você utilizará para começar?

- 1) Capriche na abertura: as linhas iniciais são fundamentais para prender a atenção do leitor.
- 2) Qual estratégia empregará: parágrafo organizado por definição, parágrafo organizado por tempo (histórico), parágrafo por enumeração?
- 3) Qual recorte do assunto será dado a este parágrafo?

Parágrafo 2: Desenvolvimento do tema ou da pesquisa

Quais recursos serão empregados para amarrar a apresentação do tema à sua continuidade?

- 1) Exemplos
- 2) Comparações
- 3) Relações de efeito e causa
- 4) Resultados de experiências
- 5) Dados estatísticos
- 6) Discurso de autoridade

Lembre-se de que, no próximo parágrafo, você deverá continuar o desenvolvimento do tema, por isso não esgote todos os recursos.

Parágrafo 3: Progressão do tema

Quais recursos serão empregados para fazer progredir o tema?

- 1) Exemplos
- 2) Comparações
- 3) Relações de efeito e causa
- 4) Resultados de experiências
- 5) Dados estatísticos
- 6) Discurso de autoridade

Evite, neste parágrafo, utilizar os mesmos recursos que empregou no anterior. Embora isso não seja impossível!

Parágrafo 4: Conclusão

A conclusão é uma parte importante, pois recolhe boa parte da discussão feita anteriormente.

Qual estratégia de conclusão você empregará neste parágrafo:

- Conclusão-síntese
- Conclusão-solução
- Conclusão-pergunta
- Conclusão-avaliativa

- Além disso, você poderá empregar algum recurso gráfico: imagens, infográficos etc.

#textualização

- Lembre-se do seu público-alvo: explique noções básicas, mas que podem ser desconhecidas para o leitor.
- Use analogias: comparações de situações concretas que auxiliam o entendimento do leitor para conceitos abstratos.
- Faça o encadeamento dos parágrafos e orações do artigo com bons articuladores textuais, a fim de que seu leitor possa entender a discussão empregada no texto.
- Observe as convenções ortográficas.
- Empregue, com cuidado e coerência, os termos técnicos específicos do tema do artigo.
- Empregue, adequadamente, os sinais de pontuação.
- Mencione, ao final, as referências que embasaram seu texto.

#releiturarevisãoreescrita

Seu texto não termina assim que você finaliza a escrita. É preciso, após observar o contexto, o planejamento e a redação, que você faça uma releitura. Essa parte é muito importante, pois, considerando que se trata de um texto que circulará em uma revista, ele deverá – o máximo possível – corresponder às convenções da língua escrita. Em seguida, revise-o e aguarde a revisão que o(a) professor(a) fará individualmente ou com a classe. De posse da versão revisada, reescreva seu texto, considerando os apontamentos do(a) professor(a). Avalie-o:

✓	Critérios para releitura ou revisão
	O texto está redigido e estruturado de acordo com a situação de comunicação esperada para o gênero artigo de divulgação científica?
	A linguagem está adequada ao gênero e aos(às) possíveis leitores(as)?
	O assunto é exposto com clareza?
	Há vozes de autoridades e especialistas no assunto abordado?
	Os conceitos científicos estão acessíveis ao(à) leitor(a), mas sem desvios teóricos?
	A organização dos parágrafos está coesa, isto é, os parágrafos dialogam entre si?
	O uso de imagens e gráficos colabora para a compreensão da discussão empregada no artigo?
	As convenções ortográficas foram observadas?
	Os articuladores textuais foram bem empregados?
	O texto tem rasuras?
	As informações apresentadas são verdadeiras e apresentam fontes confiáveis.



PARA SABER MAIS

1. Na telona: *Quem somos nós?*

De Mark Vicente, Betsy Chase e William Arntz, EUA, 2004. O filme aborda algumas das questões mais formuladas pelo homem: Quem somos? Para onde vamos? Além de depoimentos de filósofos, físicos e cientistas para debater as questões.

2. Nas páginas dos livros: *Uma breve história do tempo*

De Stephen Hawking, editora Intrínseca, 2015. A obra é um dos principais marcos da literatura de divulgação científica mundial. Trata-se de uma bela representação editada de conceitos complexos, para leigos, porém, com ilustrações e textos lúcidos.

3. Na rede: <http://cienciaecultura.bvs.br/>

O site traz os estudos científicos sobre fenômenos cotidianos, sem contar que há vários links para edições da revista e arquivos gratuitos.



ATIVIDADE 9 – Produção de artigo de divulgação científica

- 1 Agora, após a leitura da seção **#ficaadica**, decida, com o(a) professor(a) e turma, para qual veículo e público você escreverá o artigo de divulgação científica. Siga os 5 passos indicados anteriormente e mãos à obra! Não se esqueça de que, depois de redigir as duas versões do artigo, você deve digitá-lo no Laboratório de Educação Digital e, com ajuda do(a) professor(a), organizar a revista na qual o texto circulará. Você pode usar a página 225 para a primeira versão do do seu artigo de divulgação científica. Na página 227, você encontrará o espaço para a versão final do seu texto.

AUTOAVALIAÇÃO

Trabalhamos bastante, não é mesmo?

Então, certifique-se de que conseguiu internalizar os pontos essenciais relacionados ao gênero **Artigo de Divulgação Científica**:

- () Consigo compreender a função social do gênero;
- () Reconheço a estrutura textual do gênero;
- () Estabeleço o suporte do gênero para sua veiculação;
- () Considero o público-alvo;
- () Faço uso adequado das formas linguísticas previstas para o gênero.

UNIDADE 2

Debate público regrado: a opinião em cena

Ao final desta Unidade, você aprenderá a:

- fornecer um repertório de planejamento e aperfeiçoamento que permita construir operações específicas do gênero debate público regrado.
- compreender a importância do debate sobre inclusão e diversidade voltada às discussões sobre a deficiência visual.
- entender qual o papel do debate e quais tipos de debates compõem a dinâmica social.
- compreender as características fundamentais de organização dos tipos de debate.
- apropriar-se de procedimentos de produção e revisão dos debates elencados.
- reconhecer e utilizar as marcas linguísticas presentes nos debates.





Em um mundo onde as opiniões são, cada vez mais, polarizadas – isto é – que estão situadas em lados (polos) completamente opostos, aprender a debater é, antes de qualquer iniciativa, um importante momento para escutar, expor o que pensa, justificar posicionamentos e, sobretudo, intercambiar argumentos e decisões que podem afetar as relações entre as pessoas. Debater é uma ação do dia a dia, mas há situações específicas em que essa ação se torna formal, ou seja, exige mais planejamento. Discuta com colegas e professores(as):

- Você já assistiu a algum debate? O que achou?
- Já participou de algum debate: onde, como e quando?
- Com que frequência você se pega discutindo opiniões diferentes com colegas, professores(as) e familiares?
- Como é essa situação: tranquila ou tensa? Por quê?

Há várias possibilidades de participar de um debate mais formal, pois ele pode ser do tipo “debate de opinião de fundo”, “debate deliberativo”, “debate para resolução de problemas” ou, como aprenderemos nesta unidade, “debate público regrado”. Vamos lá?

O verbo incluir tem sua origem no latim “includere”. O termo “cludere” significa algo que está dentro. Nesse sentido, incluir, em nossa língua, remete-nos a compreender e propor formas de participação coletiva.



VÍDEO

Por que falar sobre inclusão?

Estamos vivendo em um mundo que, do ponto de vista afetivo, solidário e de valorização da diversidade, é de extrema fragilidade. Se o assunto envolve as relações com o outro, já percebemos estranhamento. Tais dificuldades refletem no nosso dia a dia, aparecem nos ambientes onde circulamos e vivemos boa parte de nossa história. De que maneira estamos encarando as diferenças de outros(as) e as nossas, no Brasil e no mundo? As relações étnico-raciais, de gênero e com as pessoas com deficiência têm se dado de maneira conflituosa? Por quê? Assista ao vídeo e discuta sobre isso com colegas e professor(a).



Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1cQh13b7A3hnaUwocRNNxZghihU7ykv0?usp=sharing>

ATIVIDADE 1 – Inclusão, diversidade e questões de linguagem

- 1 Após essa breve discussão, leia as afirmações e, em seguida, registre suas ideias, pintando os parênteses com a cor vermelha quando discordar da afirmação e com a cor verde, se concordar:
 - a) () A educação é um direito de todos.
 - b) () A cidadania é um dever de todos.
 - c) () Nem todas as pessoas têm responsabilidade diante de ações coletivas.
 - d) () Incluir significa propor condições para garantir o direito à diversidade e a busca por uma igualdade de direitos.
 - e) () Incluir é privilégio.

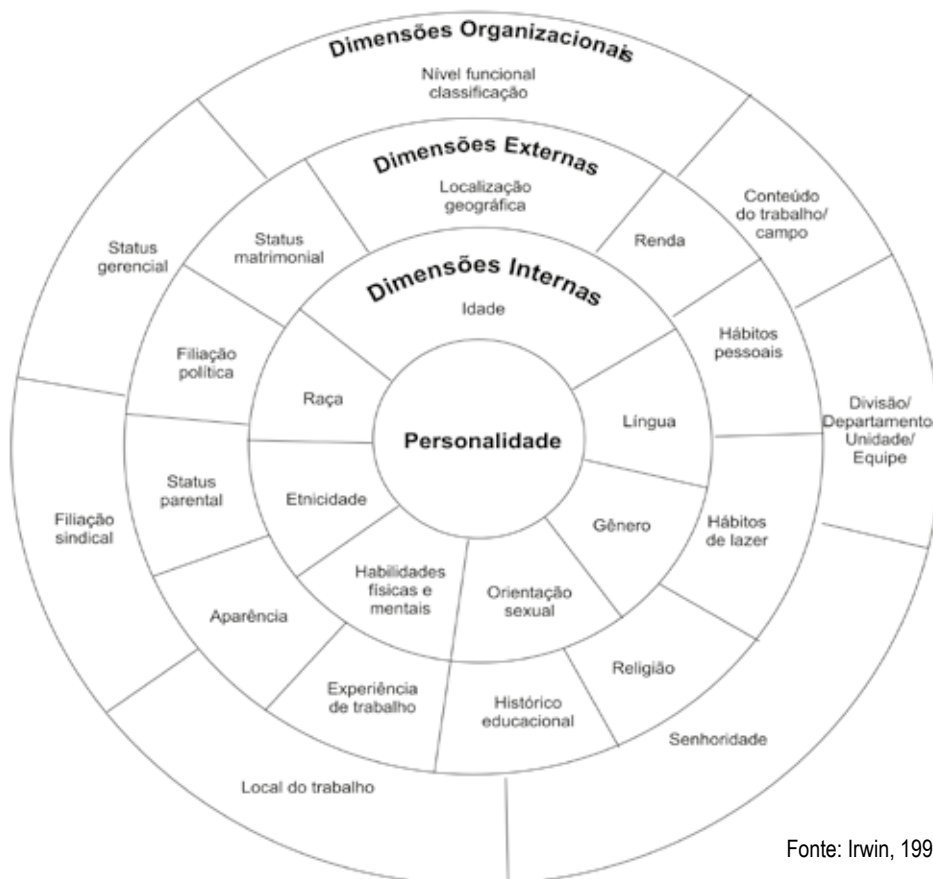


RODA DE CONVERSA

Discuta com o(a) professor(a) e colegas:

- Quais afirmações estão marcadas com a cor verde ou vermelha?
- Por que marcou dessa forma?
- Após a discussão, você mudou de posicionamento ou permaneceu como anteriormente? Por quê?

- 2 Ser diferente, como você deve ter percebido ao longo da sua vida, não se trata de uma característica única e exclusiva deste ou daquele ser humano. A diversidade é uma característica marcante que nos constitui como seres humanos. Pensando a esse respeito, leia o gráfico abaixo que trata das dimensões da diversidade e, em seguida, responda às questões:



Fonte: Irwin, 1995 apud London, 2009.

- a) De acordo com o gráfico, nossa personalidade é construída a partir de aspectos diversos: aqueles ligados a fatores externos, internos e organizacionais. Retorne ao gráfico e marque, grife ou pinte os apontamentos sobre diversidade que, em nossa sociedade, têm se mostrado conflituosos. Depois, anote-os nas linhas abaixo:

- b) Por que você apontou esses aspectos da diversidade como conflituosos em nossa sociedade? Explique:

- c) Se ser diferente é normal, por que, em sua opinião, vivenciamos tantos conflitos em função das nossas diferenças?

- d) Ser diferente, em tese, é um direito. Temos direito a ser diferente. Apesar disso, a busca por igualdade de direitos, em meio às diferenças, tem provocado a mobilização de opiniões e ações de diversos grupos sociais. Em sua opinião, das dimensões da diversidade, elencadas abaixo, quais ainda precisam de mais discussões, políticas governamentais e debates nas escolas? Assinale com um “X” e, em seguida, justifique sua escolha:

X	Dimensões da Diversidade	Justificativa
	Etnicidade	<hr/> <hr/> <hr/>
	Gênero	<hr/> <hr/> <hr/>
	Língua	<hr/> <hr/> <hr/>
	Localização geográfica	<hr/> <hr/> <hr/>
	Religião	<hr/> <hr/> <hr/>
	Aparência	<hr/> <hr/> <hr/>

	Habilidades físicas e emocionais	<hr/> <hr/> <hr/>
--	----------------------------------	-------------------

- 3 Nesta unidade, falaremos da diversidade e, especificamente, sobre a inclusão de pessoas com deficiência em nossa sociedade. Antes de prosseguirmos, no entanto, é necessário que você se familiarize com alguns termos. Para isso, faça uma pesquisa de possíveis significados para as palavras abaixo, em dicionários (impressos e/ou eletrônicos), livros, enciclopédias ou em outros sites de internet:

Palavra	Possíveis significados
Discriminação	<hr/> <hr/> <hr/>
Preconceito	<hr/> <hr/> <hr/>
Estereótipo	<hr/> <hr/> <hr/>
Estigma	<hr/> <hr/> <hr/>

- 4 Depois da pesquisa, discuta com colegas e professores(as), os problemas que, direta e indiretamente, estão relacionados às ações a que essas palavras nos remetem em nosso dia a dia.

- 5 Leia, agora, infográfico veiculado no Portal da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo:

Dados atualizados do IBGE

Censo de 2010, Brasil e São Paulo (capital)

Dados indicam que a deficiência visual é a mais comum na capital

O Censo investigou, no questionário da amostra, as deficiências visual, auditiva, motora e intelectual/mental. Para as três primeiras (portanto, excluindo deficiência mental/intelectual), foram verificados ainda os graus de severidade: alguma dificuldade, grande dificuldade e não consegue de modo algum. As pessoas agrupadas na categoria deficiência severa são as que declararam, para um tipo ou mais de deficiência, as opções “grande dificuldade” ou “não consegue de modo algum.” Em São Paulo, 2 759 004 pessoas declararam ter alguma deficiência.



Disponível em:

https://www.capital.sp.gov.br/web/pessoa_com_deficiencia/cadastro_inclusao/dados_censoibge. Acesso em 09/09/2024.



SALA DIGITAL

Os dados apresentados na atividade 5 são de 2010.

Em grupos e/ou, com ajuda do(a) professor(a), façam uma pesquisa para conhecer dados mais atuais.

Vocês podem acessar:

"Pessoas com deficiência têm menor acesso à educação, ao trabalho e à renda"

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37317-pessoas-com-deficiencia-tem-menor-acesso-a-educacao-ao-trabalho-e-a-renda#:~:text=Cerca%20de%2018%2C6%20milh%C3%B5es,anos%20ou%20mais%20de%20idade.>

"SP lança o Observatório dos Direitos da Pessoa com Deficiência":

<https://observatoriodeficiencia.sp.gov.br/>

Quando falamos de diversidade, não podemos reduzir a inclusão social apenas às pessoas com deficiência. Por isso, o quadro que vimos anteriormente nos ajuda a pensar as dimensões da diversidade como uma realidade humana e, por consequência, nas relações que se dão, entre os sujeitos, na sociedade. Apesar de saber que a deficiência visual não é a única na cidade de São Paulo, trataremos desse tema ao longo desta unidade, uma vez que não conseguiremos falar de todos eles. Pensando nisso, você observou o nome da Secretaria Municipal? Leia-o novamente:

Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência

- 6 A Língua Portuguesa e a linguagem significam muito nas relações sociais e, por isso, quando escolhemos uma palavra para falar, por exemplo, trazemos vários sentidos, os quais podem sugerir preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminação. Pensando nisso, responda: com que frequência, você já ouviu estes termos:

Termo	Nunca	Sempre	Às vezes
Portador de necessidades especiais			
Deficientes			
Pessoa com deficiência			

- 7 Com ajuda do(a) professor(a), responda: há algum deles que produz sentidos e que colaboram para a estigmatização, preconceito e discriminação dessas pessoas? Por quê?

O uso adequado de termos para se referir a determinados grupos não são prescritos em uma receita médica, por exemplo. Eles são ajustados, na sociedade, à medida que grupos organizados reivindicam ações que promovem a inclusão. Os usos que fazemos da língua também refletem nessas ações. Observe o que diz o primeiro artigo da Resolução Nº1, de 15 de Outubro de 2010, do Governo Federal:

Diário Oficial da União*(Imprensa Nacional - Seção 1)***República Federativa do Brasil**

Nº 37, terça-feira, 22 de fevereiro de 2011

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS**CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
RESOLUÇÃO Nº 1, DE 15 DE OUTUBRO DE 2010**

Altera dispositivos da Resolução nº 35, de 6 de julho de 2005, que dispõe sobre o Regimento Interno do Conade.

A PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, no uso de suas atribuições legais, considerando o disposto no inciso IV do art. 30 do Regimento Interno do Conselho, resolve tornar públicas as alterações sofridas no texto do citado instrumento legal, na forma deliberada pelo plenário do Conade em sua 2ª Reunião Extraordinária realizada nos dias 14 e 15 de outubro de 2010:

Art. 1º Atualiza a nomenclatura do Regimento Interno do Conade, aprovado pela Resolução nº 35, de 06 de julho de 2005, nas seguintes situações:

- I - Onde se lê “Pessoas Portadoras de Deficiência”, leia-se “Pessoas com Deficiência”;
- II - Onde se lê “Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República”, leia-se “Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República”;
- III - Onde se lê “Secretário de Direitos Humanos”, leia-se “Ministro de Estado Chefe da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República”;
- IV - Onde se lê “Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência”, leia-se “Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência”;
- V - Onde se lê “Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência”, leia-se “Política Nacional para Inclusão da Pessoa com Deficiência”;

8 Que termo foi modificado para se referir ao grupo de pessoas com deficiência?

9 Você considera essa modificação necessária? Explique sua posição.

10 Em sua opinião, qual a importância de uma resolução (um ato escrito que prescreve normas internas e parte de uma pessoa superior) para a mudança desses termos? Que tipo de mudança ela promove?

11 Agora, leia estas orientações para jornalistas e profissionais da comunicação, que foram publicadas no site da Secretaria Municipal da Pessoa com deficiência de São Paulo. Elas também podem orientar os usos que faremos da linguagem nesta unidade, em nossa escola e nas relações com os outros, combinado?

Orientações

Aos Jornalistas e demais Profissionais de Comunicação - 11:47 03/08/2017

Os profissionais de comunicação podem contribuir para a efetiva inclusão da pessoa com deficiência ao disseminar as informações e terminologias mais atuais e adequadas sobre o tema. Isso ajuda a vencer as barreiras do preconceito e da discriminação.

Pessoa com deficiência!

Há uma associação negativa com a palavra “deficiente”, pois denota incapacidade ou inadequação à sociedade. A pessoa não é deficiente, ela “tem uma deficiência”. Nos textos aprovados na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: protocolo facultativo à Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência; Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008 e Decreto nº 6 949, de 25 de agosto de 2009, em 2006, estabeleceu-se a terminologia mais apropriada: PESSOA(S) COM DEFICIÊNCIA.

Necessidades especiais?

É importante combatermos expressões que tentem atenuar as diferenças, tais como: “pessoas com capacidades especiais”, “pessoas especiais” e a mais famosa de todas: “pessoas com necessidades especiais”. As “diferenças” têm de ser valorizadas, respeitando-se as “necessidades” de cada pessoa.

Portador(a)?

A condição de ter uma deficiência faz parte da pessoa. A pessoa não porta uma deficiência, ela “tem uma deficiência”.

Tipos de Deficiência

- **Deficiência Física** - Engloba vários tipos de limitações motoras, como paraplegia, tetraplegia, paralisia cerebral e amputação.
- **Deficiência Intelectual** – Limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, que aparecem nas habilidades conceituais, sociais e práticas, antes dos 18 anos. A pessoa com deficiência intelectual não é necessariamente considerada incapaz de exercer sua cidadania.
- **Deficiência Auditiva** – Redução ou ausência da capacidade de ouvir determinados sons em diferentes graus de intensidade. Não é correto utilizar o termo surdo-mudo. A pessoa surda “fala” em sua própria língua e a utilização de aparelho auditivo associado à terapia fonoaudiológica pode desenvolver a fala oral.
- **Deficiência Visual** – Redução ou ausência total da visão, podendo ser dividida em baixa visão ou cegueira. O termo cego pode ser utilizado normalmente.
- **Surdocegueira** – Deficiência única, que apresenta a perda da visão e da audição concomitantemente em diferentes graus.
- **Autismo** – é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação.
- **Deficiência Múltipla** – Associação de duas ou mais deficiências. Ex: deficiência intelectual associada à deficiência física.



RODA DE CONVERSA

Discuta com colegas e professor(a):

- De que maneira os usos dos termos linguísticos, apresentados nas orientações, minimizam as ações de discriminação, estigma e estereótipo?
- Após a leitura dessas orientações, ficou mais fácil entender por que os usos que fazemos da linguagem e da língua podem refletir em ações preconceituosas, estigmatizadoras ou discriminatórias?
- Quais termos você desconhecia?
- Concorda com as orientações linguísticas dadas aos jornalistas? Por quê?

12 Sendo a linguagem um recurso que promove ação, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, ao serem publicados os Direitos das Pessoas com Deficiência, decidiu produzir um cordel. Leia uma parte dessa obra, isto é, a apresentação:

APRESENTAÇÃO

<p>Falo pra todos vocês, Que, agora, têm, na mão, Uma lei incorporada Pela Constituição. Feita na linha fiel Da didática do cordel: Eis a nossa Convenção.</p> <p>Para você cidadão, Da fazenda e da cidade, Eu falo do coração, Na maior simplicidade. Em Cordel, a Convenção Melhora a compreensão, Dando mais facilidade.</p> <p>Garante oportunidade Pra quem sabe quase tudo: Pra doutor PHD, Para quem não tem estudo, Se ficar atento ao texto, Dependendo do contexto Pode ser o seu escudo.</p> <p>Democrático conteúdo Está a disposição Para que todos conheçam, Do litoral ao Sertão. Para que os seus conceitos Garantam nossos direitos, Protegendo o cidadão.</p>	<p>Desejo que a nação Se aproprie, com ciência, Superando preconceitos, Com clareza e, competência. Garanta dignidade E também, oportunidade Pra quem tem Deficiência.</p> <p>Que tenha toda abrangência, Que seja bem divulgada: Na indústria, na escola, No mercado, na calçada. Com certeza, brevemente, Teremos a nossa gente Nesta lei empoderada.</p> <p>Já, na capa, registrada. Vejam só que coisa boa: Nos garante identidade. Para mim, uma coroa. Que aprenda, mestre e doutor, Que não sou mais portador Finalmente, eu sou pessoa!!!</p> <p>Isto não é coisa à toa. Isto é dignidade. Resolve antigo problema Da nossa identidade. É importante por que Sou igualzinho a você. Estou em pé de igualdade.</p>
--	---

2

A mudança é de verdade,
Neste solo Brasileiro,
Começando pela capa
Ao artigo derradeiro,
Nos mostra novos conceitos
Para acabar preconceitos,
Aqui e no mundo inteiro.

É no artigo primeiro
Que já começa a virada:
Uma nova concepção,
Devidamente estudada.
Na CIF, a transformação.
Nova conceitualização
É-nos hoje apresentada.

De forma bem explicada.
Já na Convenção ecoa:
Limite e deficiência
Não estão mais na pessoa.
Foram para os ambientes
Pra barreiras permanentes,
Vejam só que coisa boa!!!

E agora esta pessoa
Que de fato é diferente.
Diferente de você,
Diferente por ser gente.
Apenas quer por direito,
Respeito sem preconceito
Que lhe tratem igualmente.

Eu quis aqui minha gente
De maneira bem direta,
Falar sobre a Convenção
A nossa lei mais completa,
Parágrafo, artigo e inciso
Conhecer bem é preciso,
Assim fala este poeta.



Antonio José Ferreira
Secretário Nacional
Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência
Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

3

Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1RpzK_r3MG8VMrvA0o412KhaDaBC8zmfmp/view?usp=sharing

- e) Por que, segundo o eu-lírico, os limites e as deficiências não estão na pessoa, mas foram para os ambientes? Explique com suas palavras por que houve esse deslocamento de sentido.

- f) O eu-lírico do cordel afirma que não mais é portador, agora é pessoa? Que diferenças de sentidos a mudança e o uso dessas palavras provocam?

- g) Com um(a) colega, planeje uma leitura em voz alta do cordel. Para isso, é necessário que leiam antecipadamente, programem as paradas, as entonações e outros recursos linguístico-discursivos que se fizerem necessários. Ensaíem e combinem com o(a) professor(a) um dia para a apresentação na sala. Se desejarem, vocês podem entrar no link abaixo, da seção “Para saber mais” e combinar o seguinte: cada dupla lê e apresenta um artigo da Convenção em cordel. O que acham?



Ilustração: Freepik/Cassiana Paula Cominato



PARA SABER MAIS



O cordel está disponível no site da Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Trata-se de uma abordagem literária da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência em Cordel. Além da apresentação, reproduzida neste material, você pode ler e se maravilhar com os demais artigos, que foram pensados de uma forma muito especial por J. Borges.

Acesse o link:

https://drive.google.com/file/d/1RpzK_r3MG8VMrvA0o412KhaDaBC8zmfp/view?usp=sharing

- 13) Junte-se a um(a) colega, faça listas de ações que, na opinião de vocês:

- a) Já foram feitas na sociedade, principalmente no meio urbano, para promover o direito de ir e vir da pessoa com deficiência.

- b) Ainda faltam serem realizadas na sociedade, de modo geral, para promover o direito de ir e vir da pessoa com deficiência.

ATIVIDADE 2 – O tema da deficiência visual na literatura: um debate necessário

- 1 Leia o conto “O olho faltando”, de Andi Rubinstein e Madalena Monteiro. Trata-se de um texto que foi extraído de uma coletânea de contos-dilemas do continente africano, ou seja, são “dilemas” porque sugerem conflitos e, por consequência, debates.

O olho faltando

Era uma vez um homem que não tinha olhos. A sua mãe também era como ele. A sua mulher também e, por incrível que pareça, a mãe dela também.

Os quatro moravam em um casebre e eram muito, muito pobres. A casa, que tinha sido construída pelo homem, era torta, mas lhes servia como abrigo. Eles viviam de alguma pequena colheita que mal dava para alimentá-los.

Um dia, depois de conversarem sobre as possibilidades de alterarem o destino, resolveram se mudar dali. Fariam uma viagem e, quem sabe, a sorte poderia mudar? Talvez em um lugar diferente pudessem ter uma vida melhor.



Com essa ideia na cabeça, juntaram o pouco que tinham e saíram os quatro de casa.

Depois de andarem por algum tempo, o homem tropeçou em alguma coisa. Ele se abaixou, começou a tatear com cuidado e pegou uma pequena bola escorregadia. Prestando atenção, percebeu que aquilo era um olho. Imediatamente, ele o colocou e, pela primeira vez em sua vida, conseguiu enxergar. O homem ficou completamente deslumbrado com o que viu. Sua esposa era ainda mais linda do que poderia ter suposto. Sua mãe e sua sogra já estavam mais envelhecidas do que imaginava.

Quando ele olhou para baixo, viu que havia mais bolas escorregadias pelo chão. Pegou uma por uma, com cuidado. Eram mais seis olhos.

Há um velho ditado que diz: “Em terra de cegos, quem tem um olho é rei”. Mas o homem percebeu que, com todos aqueles olhos, três deles poderiam ficar com dois olhos, o que seria invejável, enquanto apenas um deles ficaria com um olho só.

Assim, pôs-se a pensar: será que ele, que havia achado os olhos, tinha direito de ficar com os dois ou deveria ceder o seu direito? Será que sua mãe e sua sogra precisariam tanto de dois olhos? Será que sua esposa preferiria ver a sua mãe enxergando melhor do que ela mesma? Será que ele suportaria ver a esposa com um olho só?

Afinal, qual deles deveria ficar com apenas um olho?

MONTEIRO, Madalena & RUBINSTEIN, Andi. “O olho faltando”.

In: **O filho do caçador e outras histórias-dilema da África**. São Paulo: Panda Books, 2013, p. 21-22.

- 2 Clímax é o ponto alto do enredo narrativo, o ápice de uma história que aponta para um momento de tensão e, normalmente, é a partir dele que se encaminha o desfecho. Qual é o conflito estabelecido no clímax da narrativa “O olho faltando”?
-
-



SALA DIGITAL

O texto aborda algumas privações que a “cegueira” pode acarretar. Use o Laboratório de Educação Digital e pesquise sobre os seguintes tópicos:

- 1) Quais são as adaptações necessárias para a mínima acessibilidade da pessoa com deficiência visual em repartições públicas?
- 2) Qual é o investimento necessário para instalação de semáforos sonoros nos centros urbanos?

- 3 A narrativa coloca, nas mãos da protagonista do conto, uma tomada de decisão de extrema importância. Em duplas, coloquem-se na mesma posição da protagonista e escrevam como vocês resolveriam esse dilema. Justifiquem suas escolhas e compartilhem-nas com colegas para que, juntos, entendam por que - a partir de um mesmo assunto - é possível apontar vários posicionamentos:

Afinal, qual deles deveria ficar com apenas um olho?

Por quê?

- 4 Apresentem suas escolhas e justificativas aos(as) demais colegas da turma. Ouça as dos(as) demais também. Vocês participarão de um debate deliberativo, ou seja, é uma situação comunicativa que visa a uma tomada de decisão. Deliberar, em outras palavras, significa tomar decisão, após muitas reflexões e discussões. Vamos lá?

Para participar de um debate deliberativo, é preciso lembrar que debater é completamente diferente de brigar. Os objetivos de um debate são:

- Argumentar sobre um tema.
- Posicionar-se em relação ao tema discutido.
- Defender um ponto de vista seu ou de outra pessoa que dialogue com suas posições.
- Contestar posicionamentos contrários.
- Persuadir os debatedores e/ou auditório acerca de seus posicionamentos.

Reúna-se com sua dupla, releiam a proposta e a justificativa. Avaliem se ela é, de fato, convincente e se possui estes critérios:

- A justificativa revela – coerentemente – o porquê da escolha?
- A justificativa vai direto ao ponto?
- A justificativa atinge uma dimensão individual (menos desejável e menos abrangente)?
- A justificativa atinge uma dimensão social (mais desejável e mais abrangente)?
- A justificativa garante aspectos da dignidade humana?

- 5 Em uma aula, organizem as apresentações das duplas e, enquanto elas se apresentam, tome nota dos posicionamentos:

Integrantes da dupla	Escolha	Sobre a justificativa
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte

1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte

1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte
1. _____ 2. _____	<input type="checkbox"/> Igual a da minha dupla <input type="checkbox"/> Diferente da minha dupla	<input type="checkbox"/> Fraca <input type="checkbox"/> Mediana <input type="checkbox"/> Forte

- 6 Após a apresentação de todas as duplas, confirmam quais são as que defendem as mesmas escolhas que a sua. Reúnam-se em grandes grupos de proximidade. Agora, vocês defenderão a mesma escolha. Para isso, avaliarão o poder argumentativo da justificativa que produziram anteriormente. Depois dessa avaliação, reescrevam a justificativa e preparem-se para uma segunda apresentação. Registrem a justificativa que o seu grupo elaborou. Lembrem-se de atentar para todos os critérios elencados anteriormente:

- 7 Escolham quem apresentará a proposta nesta segunda versão. Um ensaio em grupo para avaliar e dar dica ao(à) colega apresentador(a) é sempre bem-vindo!

- 8 Um debate deliberativo pressupõe algumas regras que são previamente estabelecidas e acordadas. Em nosso caso, estas são as regras que utilizaremos para o debate deliberativo. Leia-as juntamente com o(a) professor(a):

1. Definição de papéis:

Papéis	Nome
Presidente(a) - responsável por presidir a mesa e organizar as deliberações.	
Secretário(a) - responsável por ler a Pauta do Dia, inscrever as pessoas que desejam participar no auditório e por registrar a ata.	

2. Produção da Pauta:

Os grupos deverão encaminhar para o(a) secretário(a) as propostas e as justificativas. Ele(a) organizará a pauta, com base neste modelo:

São Paulo, _____ de _____ de _____

Pauta da sessão deliberativa da turma _____

Presidente(a):

Secretário(a):

Discussão: Afinal, quem deve ficar com apenas um olho?

Ordem do Dia

propostas inscritas – nomes dos(as) apresentadores(as):

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____

3. Composição da mesa:

Presidente(a) e secretário(a) sentam-se à mesa. O(A) secretário(a) procede à leitura da Pauta, pergunta se todos no auditório aprovam e, em seguida, respeitando a ordem estabelecida, solicita que o(a) apresentador(a), escolhido(a) pelo grupo, apresente as propostas.

4. Leitura, juntamente com professor(a) e antecipadamente, das regras para saber como participar e resolver dúvidas e impasses:

REGULAMENTO DO DEBATE DELIBERATIVO

Seção I - Dos debates

Art. 1º – Para entrar em discussão, qualquer assunto deverá ser precedido de uma proposta devidamente inscrita na Pauta do Dia e, após a leitura, aprovada por todos presentes no auditório.

Art. 2º – o membro de qualquer grupo, que desejar usar da palavra e desde que não esteja apresentando, dirigir-se-á ao(à) Presidente(à), dizendo: “Peço a palavra, senhor(a) presidente(a)”.

Art. 3º – Em se tratando de proposta e, se ela for muito extensa, proponente deverá encaminhá-la, por escrito, à Mesa.

Art. 4º – Feita uma proposta, ela só será posta em discussão, caso receba o apoio por parte de outro membro do grupo ou presente no auditório, que, dirigindo-se ao(à) Presidente(a), dirá: “apóio a proposta feita”, ou simplesmente, “apoiado”.

Art. 5º – Submetida a proposta à discussão, membros do grupo, que desejarem falar, deverão solicitar a palavra ao(à) Presidente(a).

Art. 6º – O(A) Presidente(a) concederá a palavra ao(à) membro(a) do grupo ou a qualquer presente no auditório que primeiro a solicitar e, quando dois ou mais a solicitarem ao mesmo tempo, será concedida àquele que estiver mais distante da mesa.

Art. 7º – Quando muitos membros ou presentes no auditório desejarem falar, o(a) Presidente(a) poderá ordenar a abertura de inscrições, o que será feito por um(a) dos(as) secretários(as), sendo concedida a palavra rigorosamente pela ordem de inscrições.

Art. 8º – O plenário poderá limitar o número de inscrições e o tempo dos(as) apresentadores(as) (anteriormente: Por decisão do plenário poderá ser limitado o tempo dos oradores).

Art. 9º – Feita uma proposta e posta em discussão, qualquer membro(a) dos grupos ou presentes no auditório poderá apresentar uma proposta substitutiva, ou seja, uma proposta baseada na que originalmente foi feita, que não altere seu sentido e alcance.

§1º – Uma proposta substitutiva não poderá contrariar fundamentalmente a proposta original.

§2º – Uma vez recebida pela Mesa, a proposta substitutiva, a discussão passará a ser feita em torno dela.

§3º – Encerrada a discussão e posta a votos, a proposta substitutiva, se ela for vitoriosa, desaparecerá a proposta original; se for derrotada, a proposta original voltará à discussão.

Art. 10º – Feita uma proposta e colocada em discussão, qualquer membro(a) do grupo poderá propor emendas para acrescentar-lhe palavras ou frases, emendas aditivas, para suprimir-lhe palavras ou frases, emendas supressivas, ou formular proposta que inclua as duas hipóteses.

§1º – Apresentada e apoiada a emenda, a discussão passará a ser feita em torno dela.

§2º – Encerrada a discussão sobre a emenda, o(a) Presidente(a) a porá a votos, e, caso vitoriosa, será acrescentada à original ou dela subtraída, seguindo-se a votação da proposta em plenário, tenha ela sido emendada ou não.

Art. 11º – Para facilitar a discussão ou votação, o(a) Presidente(a) poderá dividir uma proposta que conste de vários pontos, submetendo à votação cada um deles, separadamente.

Art. 12º – Uma proposta poderá ser retirada de discussão por solicitação expressa de seu proponente, com apoio do plenário.

Art. 13º – Matérias oriundas de grupo de trabalho ou comissões não poderão ser adiadas ou devolvidas à sua fonte de origem, sem que a assembleia tome conhecimento do seu conteúdo.

SEÇÃO II - DA VOTAÇÃO

Art. 14º – Concluída a discussão, o(a) Presidente(a) anunciará, com clareza, a proposta a ser votada, podendo determinar a sua leitura, se julgar necessário, pondo a votos, dizendo “está em votação” ou usando expressão equivalente.

Art. 15º – Após a declaração pelo(a) Presidente(a) de que a proposta está em votação, a nenhum(a) membro(a) dos grupos ou presentes do auditório poderá ser concedida a palavra, sob qualquer alegação, antes que os votos sejam apurados.

Art. 16º – Submetida a proposta à votação, o(a) Presidente(a) deverá solicitar dos membros dos grupos e dos presentes no auditório, os votos favoráveis e, em seguida, os votos contrários, anunciando imediatamente o resultado da votação.

Art. 17º – Havendo necessidade, a critério da Mesa, os votos poderão ser contados.

Art. 18º – Poderão ser usadas as seguintes formas de votação:

- I. levantar uma das mãos;
- II. colocar-se de pé, levantando um cartão de votação;
- III. dizer “sim” para favorecer a proposta e “não” para contrariá-la;
- IV. utilizar o escrutínio secreto, quando for julgado necessário (anteriormente: conveniente);

Art. 19º – As propostas serão decididas por maioria absoluta de votos.

Art. 20º – Qualquer membro(a) dos grupos ou os presentes no auditório, que julgue ter havido erro ou omissão na contagem ou soma de votos, poderá requerer a sua recontagem, que, a critério da Mesa, será feita imediatamente, sem discussão.

Art. 21º – Qualquer membro(a) do grupo que tenha sido vencido na votação, poderá solicitar a inserção em ata da justificação do seu voto, o que deverá ser feito sucintamente, por escrito, em linguagem adequada, sem ofensa ao plenário ou a qualquer juízo da Mesa.

Art. 22º – Qualquer membro(a) poderá solicitar a palavra “pela ordem”, que lhe será imediatamente concedida, nas seguintes circunstâncias:

- I. quando não estiver sendo observada a ordem dos debates nos termos deste Regimento;
- II. quando algum(a) orador(a) tratar de matéria alheia ao debate em curso ou estranha à sessão;
- III. quando desejar propor:
 - a) o encerramento da discussão e imediata votação;
 - b) o adiamento da discussão por tempo determinado ou indeterminado;
 - c) a entrega ou devolução do assunto a uma comissão para posterior apresentação;
 - d) a volta ao plenário de assunto que tenha sido adiado;
 - e) a limitação do tempo de cada orador(a) na discussão de qualquer matéria;
 - f) a prorrogação ou encerramento da sessão;
 - g) o pronunciamento de até 2 (dois) membros(as) do grupo de favoráveis e dois contrários à proposta em discussão;

Art. 23º – A questão de ordem suscitada por membros do grupo, após breve exposição, será resolvida pelo(a) Presidente(a).

Art. 24º – O(A) membro(a) do grupo ou presente no plenário, que desejar apartear um(a) orador(a), deverá, primeiro, solicitar o seu consentimento, não podendo falar se o aparte lhe for negado.

§1º – Os apartes deverão ser feitos para esclarecer o(a) orador(a) ou para fazer-lhe perguntas que esclareçam o plenário sobre o ponto que está em discussão.

§2º – Os apartes não deverão ser discursos paralelos ao(à) do(a) orador(a) aparteado(a).

§3º – O tempo usado pelo(a) aparteante será descontado do tempo a que o(a) orador(a) tiver direito de usar.

Art. 25º – O(A) Presidente(a) não poderá ser aparteado(a), nem o proponente ou relator que estiver encaminhando a votação.

Escutar as propostas contrárias é extremamente necessário para um debate. Preste atenção aos(às) apresentadores(as) e aponte fragilidades com o objetivo de que sua proposta seja a vencedora, sem – no entanto – ofender aos demais.

- Afinal, quem venceu?
- Como foi a experiência de participar de um debate deliberativo?

Você pode propor, em sua sala de aula, sempre que desejar, debates deliberativos para decidir propostas e encaminhamentos que sejam comuns à turma. O que acha?

ATIVIDADE 3 – Deficiência visual nas mídias digitais e na esfera jurídica: alimentação temática

- 1 Com ajuda do(a) professor(a), assista na Sala Digital ao vídeo espanhol: “Las colores de las flores”, disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=s6NNOeiQpPM>. Em seguida, leia este texto reflexivo, produzido por um(a) aluno(a) de Ensino Médio para um diário íntimo.

Sobre ver o que não sei...

Um desafio escolar. Assim começa a história contada no vídeo “*Las colores de las flores*” (As cores das flores), vivenciada por Diego, o protagonista, que sem o recurso da visão, cria uma lógica de sentido particular para se conectar com a realidade do grupo, que recebe significado além das definições usuais, ampliando seu percurso humano de criatividade, de descoberta do mundo e de sentido do mundo pra si.

Às vezes, fico pensando também por que perdemos a capacidade de nos maravilhar diante da experiência do outro, seja ela qual for e imagino que, talvez, isso nos impeça a surpresa que, muitas vezes, buscamos para salvar a nossa rotina.

O momento inicial da busca, quando Diego se depara no *Google* com termos fora de seu universo simbólico, “Fotorecep. quê?”, foi de uma sensibilidade ímpar... os discursos para descrever o mundo são mesmo engraçados e não servem igualmente a todos e nem nos orienta a encontrar nossa singularidade.

Ao parar para ouvir o som do pássaro cantando, talvez o garoto tenha percebido o que tinha à disposição para ir neste caminho. Enquanto o coleguinha chegou para conversar com ele, com aquela mesma definição capturada antes no *Google*, ele tateou com os elementos que tinha no seu corpo e pode construir um caminho próprio de experiência de significação.

E o que é aprendido, é entendido e jamais esquecido!

Começo a lembrar de alguns de nossos poetas, ao falar das “flores cor de pássaro, flores cor de abelha...”, ele abre outras formas de compor a experiência de adjetivar, no mundo, da mesma forma que fizeram nossos poetas, como Manoel de Barros, por exemplo, ao lembrar do tempo de infância, quando aprendemos mais porque somos menos condicionados à obviedade e talvez experimentemos mais: “*nosso conhecimento não era de estudar em livros, era de pegar de apalpar, de ouvir e de outros sentidos, seria um saber primordial?*” (BARROS, Manoel. Menino do Mato. São Paulo: Leya, 2010. p.11).

Fiquei pensando: se tenho tanto o que sentir, o que comprar, o que cheirar. Se temos tantos e múltiplos sentidos para construir nossa experiência com o mundo, por que limitar-nos a descrições rasas que outros fazem de tudo que há no mundo? Em parte, até dentro de cada lugar (quem sabe até cada um dentro de si) os caminhos de experienciar o mundo são tão diferentes. Ouvimos um discurso de igualdade o tempo todo, quando o que quero mesmo é ser diferente e sentir-me feliz por isso. É um pouco do sentido que me provocou este vídeo.

Autor: Giovanna Ciuffo Gentil - 18 anos - estudante de Relações públicas da Cásper Líbero.

2 Após assistir ao vídeo e terminar a leitura do texto acima, responda:

- a) As organizações, de forma geral e em especial as escolas, esquecem que não somos apenas seres pensantes, mas também temos sentidos (visão, tato, paladar, olfato e audição) e afetos (emoções e sentimentos). Sendo assim, quais procedimentos práticos poderiam ser adotados na sua sala de aula que contemplassem a discussão sobre a pessoa com deficiência visual?

b) Por que a ajuda do colega de Diego, ao dizer os nomes das cores, não é suficiente para que o garoto cego conclua a atividade solicitada pela professora?

c) De acordo com a leitura acima e com o contexto trabalhado, qual é o sentido do trecho: “e o que é aprendido, é entendido e jamais esquecido!”

d) Escreva um exemplo de algo que lhe foi ensinado há muito tempo e que você se lembra até hoje.

3 Agora, leia, juntamente com o(a) professor(a), um trecho da Lei Brasileira de Inclusão:

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Parágrafo único. Esta Lei tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, ratificados pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo no 186, de 9 de julho de 2008, em conformidade com o procedimento previsto no § 3º do art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, em vigor para o Brasil, no plano jurídico externo, desde 31 de agosto de 2008, e promulgados pelo Decreto no 6.949, de 25 de agosto de 2009, data de início de sua vigência no plano interno.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará: (Vigência)

I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;

II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;

III - a limitação no desempenho de atividades; e

IV - a restrição de participação.

§ 2º O Poder Executivo criará instrumentos para avaliação da deficiência.

Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva;

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

IV - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade,

à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

- a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo;
 - b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados;
 - c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes;
 - d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;
 - e) barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas;
 - f) barreiras tecnológicas: as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias;
- V - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações;
- VI - adaptações razoáveis: adaptações, modificações e ajustes necessários e adequados que não acarretem ônus desproporcional e indevido, quando requeridos em cada caso, a fim de assegurar que a pessoa com deficiência possa gozar ou exercer, em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos e liberdades fundamentais;
- VII - elemento de urbanização: quaisquer componentes de obras de urbanização, tais como os referentes a pavimentação, saneamento, encanamento para esgotos, distribuição de energia elétrica e de gás, iluminação pública, serviços de comunicação, abastecimento e distribuição de água, paisagismo e os que materializam as indicações do planejamento urbanístico;
- VIII - mobiliário urbano: conjunto de objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, de forma que sua modificação ou seu traslado não provoque alterações substanciais nesses elementos, tais como semáforos, postes de sinalização e similares, terminais e pontos de acesso coletivo às telecomunicações, fontes de água, lixeiras, toldos, marquises, bancos, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga;
- IX - pessoa com mobilidade reduzida: aquela que tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentação, permanente ou temporária, gerando redução efetiva da mobilidade, da flexibilidade, da coordenação motora ou da percepção, incluindo idoso, gestante, lactante, pessoa com criança de colo e obeso;
- X - residências inclusivas: unidades de oferta do Serviço de Acolhimento do Sistema Único de Assistência Social (Suas) localizadas em áreas residenciais da comunidade, com estruturas adequadas, que possam contar com apoio psicossocial para o atendimento das necessidades da pessoa acolhida, destinadas a jovens e adultos com deficiência, em situação de dependência, que não dispõem de condições de autossustentabilidade e com vínculos familiares fragilizados ou rompidos;
- XI - moradia para a vida independente da pessoa com deficiência: moradia com estruturas adequadas

capazes de proporcionar serviços de apoio coletivos e individualizados que respeitem e ampliem o grau de autonomia de jovens e adultos com deficiência;

XII - atendente pessoal: pessoa, membro ou não da família, que, com ou sem remuneração, assiste ou presta cuidados básicos e essenciais à pessoa com deficiência no exercício de suas atividades diárias, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas;

XIII - profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas;

XIV - acompanhante: aquele que acompanha a pessoa com deficiência, podendo ou não desempenhar as funções de atendente pessoal.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm. Acesso: 29 dez. 2024.

- 4 As leis, decretos, portarias, regulamentos e afins, como você viu até agora nesta unidade, são escritas de um modo muito peculiar. A linguagem, muitas vezes distante do nosso dia a dia, afasta-nos de uma aproximação com esses textos que circulam na esfera jurídica. Para entender melhor o que significa cada símbolo e alguns recursos usuais dos textos legais (das leis), leia o box abaixo e acompanhe a explanação do(a) professor(a):

Estrutura Básica de um Texto Legal – Artigo, Parágrafo, Inciso, Alínea

Os termos: parágrafos, artigos, incisos entre outros termos técnicos de embasamento legal, retratam as divisões jurídicas. Entender essas expressões parece um tanto quanto distante do uso cotidiano, porém, aproxima o cidadão do contato direto com a lei, sem a persuasão de terceiros, o que nos dá autonomia para procurarmos nossos direitos e deveres.

O **artigo** é a palavra de maior alcance para consultarmos qualquer lei. Quando a lei é ampla como a nossa Constituição, os artigos equivalem às separações temáticas para organizar melhor o documento.

Já o **parágrafo** aponta para alguma emenda, isto é, exceção que após conferida a lei foi determinada a necessidade de complementá-la. Assim, é importante ressaltar que dentro de um artigo podem existir vários parágrafos e estes, muitas vezes, são grafados simbolicamente.

As **alíneas** representam o desdobramento dos incisos ou dos parágrafos. São representadas por letras minúsculas, acompanhadas de parênteses.

5 Após a breve explicação acima, faça um reconhecimento inspeccional de parte da lei sobre inclusão:

a) Quantos parágrafos contemplam o capítulo I?

b) Quantos artigos constam no capítulo I?

c) Quantos incisos fazem parte do capítulo I?

d) Em qual artigo e inciso há alíneas?

e) Qual é a temática elementar que abre o Capítulo I da lei sobre inclusão?

6 Quando foi criada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência? Por que você acha que tais diretrizes foram necessárias para nossa sociedade? Apenas a promulgação da lei muda o comportamento das pessoas? O que é necessário fazer para que as ações mudem efetivamente? Explique o seu ponto de vista.

- 7 O poema abaixo foi escrito no início de um período em que os direitos de cidadania foram suspensos em nosso país (1964-1985). Nesse período, pessoas foram reprimidas, censuradas e até torturadas por não haver democracia alguma. Jovens e adultos que discordavam das exigências impostas pelo governo foram presos e mortos, enquanto outros precisaram fugir do país, o famoso exílio, para não serem capturados pelo governo. Leia-o, juntamente com o(a) colega de dupla:

Os estatutos do homem

(Ato institucional permanente)

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.
Agora vale a vida,
E de mãos dadas,
Marcharemos todos pela vida verdadeira. [...]

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante,
Haverá girassóis em todas as janelas,
Que os girassóis terão direito,
A abrir-se dentro da sombra;
E que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
Abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV

Fica decretado que o homem
Não precisará nunca mais
Duvidar do homem
Que o homem confiará no homem
Como a palmeira confia no vento
Como o vento confia no ar,
Como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único

O homem confiará no homem
Como um menino confia em outro menino. [...]

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido
O reinado permanente da justiça e da claridade
E a alegria será uma bandeira generosa
Para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor
Sempre foi e sempre será
Não poder dar-se amor a quem se ama. [...]

Artigo XIII

Fica decretado que o dinheiro
Não poderá nunca mais comprar
O sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
O dinheiro se transformará em uma espada
fraternal
Para defender o direito de cantar
A festa do dia que chegou. [...]

10 Leia, silenciosamente, o poema e responda:

- a) Em qual(is) artigo(s) e verso(s) há referência à tortura ou privação da liberdade? Copie o(s) verso(s) e justifique como se dá essa referência.

- b) Durante o período de ditadura militar, muitas pessoas contrárias ao regime eram deletadas por conhecidos. Em qual artigo e versos há menção a essas delações e, qual metáfora a voz poética utiliza para se referir ao que se espera de uma relação de confiança?

- c) A Lei que estamos estudando é extremamente jovem se comparada à data de publicação do poema, sendo que o poema retrata um período triste da nossa história. Sob essa perspectiva, em sua opinião, você acha que o povo brasileiro, de modo geral, ainda sente dificuldade em aprender com seu passado histórico? Por quê?

ATIVIDADE 4 – Textos reivindicatórios: para lutar com palavras

Você já ouviu falar ou leu algo a respeito da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência? Esse tipo de convenção consiste em um acordo entre diferentes nações relacionado a um tema de interesse coletivo, sendo o resultado de uma assembleia. Esses documentos atuam como verdadeiros planos de ação, pois quanto mais nações aderirem, maiores serão as chances de uma convenção tornar-se universal, ou seja, ser considerada um direito em todo o planeta.

Em dezembro de 2006, a ONU (Organização das Nações Unidas) realizou uma Assembleia Geral que estabeleceu a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência. O Brasil se comprometeu à época e aderiu efetivamente ao tratado em 2008, após mobilização de vários setores da sociedade. A seguir, leia um manifesto publicado em setembro de 2007 que reivindicava exatamente a ratificação dessa convenção pelo Brasil.

Manifesto ao Congresso Nacional Brasileiro pela aprovação imediata da Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência

Nós, cidadãos e cidadãos brasileiros, líderes, militantes e defensores dos direitos humanos, abaixo assinados, conclamamos o Congresso Nacional para imediata apreciação e aprovação, na forma de emenda constitucional, da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.

Esta Convenção, que foi construída ao longo dos últimos 4 anos, contou com a participação de 192 países membros da ONU e de centenas de representantes da sociedade civil de todo o mundo. Em 13 de dezembro de 2006, em sessão solene da ONU, foi aprovado o texto final deste tratado internacional, e firmado pelo Brasil e por mais 85 nações, em 30 de março, deste ano.

Para que a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência passe a vigorar internacionalmente é preciso que seja submetida ao processo interno de ratificação, devendo ser aprovada pelo Congresso Nacional, sancionada pelo Presidente e depois depositada junto à Secretaria Geral das Nações Unidas. Somente quando pelo menos 20 países tiverem efetuado o depósito legal junto à ONU a Convenção entrará em vigor.

Ao Brasil cabe demarcar sua posição de liderança e de vanguarda neste processo de ratificação da Convenção, não somente porque quase a metade da população com deficiência da América Latina aqui vive, mas também por ter sido reconhecido internacionalmente como um dos países de legislação mais avançada nesta área.

Lideranças brasileiras do movimento de defesa dos direitos das pessoas com deficiência que participaram direta e indiretamente da construção deste tratado internacional têm consciência da sua grande importância e do seu significado histórico para 650 milhões de pessoas com deficiência de todo o mundo, incluídos os 27 milhões de brasileiros que enfrentam sistemática discriminação social e pobreza crônica, em razão da deficiência.

Esperamos que a adoção e a vigência dos deveres e direitos inscritos nesta Convenção alterem significativamente a gravíssima exclusão enfrentada pela grande maioria desta população em estado de pobreza, abandono e marginali-

dade social e que possa se transformar numa ferramenta eficaz para promover a dignidade, justiça e participação plena na sociedade.

É preciso aprovar a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional para que possam vigorar os princípios da dignidade inerente a pessoa humana; da autonomia individual incluindo a liberdade de fazer suas próprias escolhas e a independência das pessoas; da não-discriminação; da participação plena e efetiva na sociedade; do respeito pela diferença e aceitação da deficiência como parte da diversidade e da condição humana; da igualdade de oportunidades; da acessibilidade; da igualdade entre o homem e a mulher e do respeito pelas capacidades em desenvolvimento de crianças com deficiência.

É preciso aprovar a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional para assegurar de forma inequívoca o cumprimento das obrigações e responsabilidades dos governos em âmbito federal, estadual e municipal para promover a plena realização de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais das pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação em razão da deficiência.

É preciso aprovar a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional para que a União, os Estados e Municípios adotem todas as medidas necessárias, inclusive medidas legislativas, para modificar ou revogar leis, regulamentos, costumes e práticas vigentes, que constituam discriminação contra as pessoas com deficiência;

É preciso aprovar a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional para que seja considerada especificamente, em todas as políticas e em todos os programas de governo, a proteção e a promoção dos direitos humanos das pessoas com deficiência.

É preciso aprovar a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional para que durante a elaboração e a implementação de legislação e de políticas para tornar efetiva esta Convenção, e, em outros processos de tomada de decisão relativos às pessoas com deficiência, as suas organizações representativas sejam efetivamente consultadas e que participem desses processos.

Senhoras e senhores parlamentares, queremos crer que esta reivindicação pela imediata aprovação da Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional e do seu Protocolo Facultativo, com força de norma constitucional, encontrará todo o apoio da esmagadora maioria dos parlamentares brasileiros, tendo em vista tratar-se de causa humanitária da maior relevância, cuja aplicação poderá beneficiar diretamente cerca de 27 milhões de cidadãos com deficiência e cerca de 100 milhões de familiares em todo o Brasil, que aguardam ansiosamente por dias mais dignos e socialmente mais justos.

Assinam este manifesto:

1. Alexandre Baroni, presidente do Conselho Nacional dos Centros de Vida Independente – CVI Brasil; 2. Ana Paula Crosara de Resende – advogada e ativista; 3. Regina Atalla, jornalista, diretora do CVI Brasil e presidente do CVI Bahia; 4. Marcio Castro de Aguiar, fisioterapeuta, servidor público e militante dos Direitos das Pessoas com Deficiência; 5. Kátia Ferraz Ferreira, educadora ambiental, diretora vice-presidente do CVI BRASIL, presidente do CVI Belo Horizonte; 6. Marta Esteves de Almeida Gil, socióloga, diretora do Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas; 7. Katia Maria Fonseca Dias Pinto, jornalista, vice-presidente do CVI Campinas e diretora de Comunicação do CVI Brasil; 8. Teófilo Alves Galvão Filho; engenheiro, professor universitário, coordenador do Programa InfoEsp/OSID; 9 – Dr Jorge Márcio Pereira de Andrade, Fundador do DEFNET – Centro de Informática e Informações sobre Paralisias Cerebrais; 10. Geny da Silva Quaresma, psicóloga; e mais de 120 pessoas, até o momento..

Após leitura, responda:

1 Qual é a finalidade do manifesto lido?

- a) () Discutir assuntos pessoais com pessoas próximas e conhecidas do nosso convívio.
- b) () Reivindicar ação de autoridades públicas a partir de um fato de relevância social.
- c) () Propor uma reflexão literária da vida cotidiana.
- d) () Elaborar sínteses de problemas pessoais.

2 Quem são os destinatários desse manifesto?

3 Quem são os signatários, ou seja, quais pessoas assinam o documento?

4 Esse manifesto reivindica uma ação específica. Qual é?

5 Qual é a relação do manifesto em análise com o seu momento de publicação e circulação?

- 6 O manifesto apresenta uma justificativa para a defesa da reivindicação feita. Identifique o(s) parágrafo(s) em que ela ocorre e explique sua função no texto.

- 7 Após a leitura, marque com um “X” o que você considera que podem ser características de um manifesto.

- a) () Traz um grupo de signatários (pessoas que assinam o documento).
- b) () Defende uma causa coletiva decorrente de situação social.
- c) () Possui um registro informal.
- d) () É um texto de caráter público.
- e) () Pode ser endereçado a autoridades competentes ou à coletividade.
- f) () Trata de questões particulares e individuais.
- g) () Tem representatividade documental, ou seja, serve como um documento.
- h) () Apresenta marcações de local e data de publicação.

- i) () Tem caráter argumentativo, pois defende uma causa, ação, posicionamento etc.
- j) () Apresenta caráter ficcional.
- k) () Pode ter como finalidade reivindicação, protesto, denúncia, posicionamento etc.

8 Que outros textos de reivindicação você conhece? Eles são mais ou menos formais?

9 Você percebeu que o manifesto foi composto em vários parágrafos. Eles possuem, entre si, uma relação que permite ao(à) leitor(a) compreender, de maneira coerente, as discussões-propostas no texto:

Parágrafo 1	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da reivindicação principal.
Parágrafo 2	<ul style="list-style-type: none"> • Contextualização do fato social/coletivo que motiva a produção do manifesto.
Parágrafos 3 e 4	<ul style="list-style-type: none"> • Justificativa do manifesto.
Parágrafo 5	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de dado concreto.
Parágrafo 6	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de crença pessoal baseada em constatação.
Parágrafos 7 a 11	<ul style="list-style-type: none"> • Recorrência de termos/estrutura como recurso argumentativo.
Parágrafo 12	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada de reivindicação, posicionamento, justificativa e argumentação empregada.

Agora, releia o texto e, em seguida, responda às questões a seguir, com base na tabela anterior que ilustra a organização interna dos parágrafos no texto.

- a) Qual é o posicionamento apresentado no texto com relação à Convenção? Explique com suas palavras.

- b) Cite dois aspectos apresentados no texto que comprovavam/justificavam a necessidade de o Brasil aderir à Convenção mencionada.

- c) Levante hipóteses: como o Brasil aderiu em 2008 à referida convenção, você considera que o manifesto contribuiu para tal resultado?

No manifesto, foram empregados articuladores textuais que atuam como recursos coesivos, contribuindo para a construção argumentativa do texto. O quadro a seguir traz alguns exemplos e pode servir para você consultar diferentes possibilidades de articular informações (frases e parágrafos) ao produzir textos orais ou escritos.

Causalidade	como, pois, porque, já que, visto que etc.
Condicionalidade	se, caso, desde que, a não ser que, etc.
Temporalidade	quando, apenas, enquanto, antes que, depois que, etc.
Conformidade	conforme, como, segundo
Mediação / Finalidade	para que, a fim de que
Conjunção/soma	e, também, não só... mas também, tanto... como, além de, ainda, nem
Alternância / Disjunção argumentativa	ou
Oposição/contrajunção	porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, apesar de
Explicação / justificativa	pois, que, porque
Comprovação	tanto que
Conclusão	logo, portanto, por isso, então, por conseguinte
Comparação	tão... que; mais... que; menos... que
Generalização / extensão	aliás
Especificação / exemplificação	como, por exemplo
Correção / redefinição	ou seja, isto é, ou melhor

- 10) Releia o excerto a seguir observando os articuladores destacados:

Ao Brasil cabe demarcar sua posição de liderança e de vanguarda neste processo de ratificação da Convenção, não somente porque quase a metade da população com deficiência da América Latina aqui vive, mas também por ter sido reconhecido internacionalmente como um dos países de legislação mais avançada nesta área.

Que efeito de sentido o uso de “não somente porque” e “mas também por” produz no texto?

- a) () Oposição
- b) () Conclusão
- c) () Adição
- d) () Explicação

- 11) A seguir, releia outro excerto observando a expressão destacada, que atua como um articulador textual:

Senhoras e senhores parlamentares, queremos crer que esta reivindicação pela imediata aprovação da Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional e do seu Protocolo Facultativo, com força de norma constitucional, encontrará todo o apoio da esmagadora maioria dos parlamentares brasileiros, **tendo em vista** tratar-se de causa humanitária da maior relevância, cuja aplicação poderá beneficiar diretamente cerca de 27 milhões de cidadãos com deficiência e cerca de 100 milhões de familiares em todo o Brasil, que aguardam ansiosamente por dias mais dignos e socialmente mais justos.

- a) Que sentido essa expressão confere ao texto?

- b) Levante hipótese: que articulador textual poderia substituí-la? Você precisa fazer alguma adaptação no texto? Se sim, explicita qual.

- 12 Senhoras e senhores parlamentares, queremos crer que esta reivindicação pela imediata aprovação da Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência no Congresso Nacional e do seu Protocolo Facultativo, com força de norma constitucional, encontrará todo o apoio da esmagadora maioria dos parlamentares brasileiros, tendo em vista tratar-se de causa humanitária da maior relevância, cuja aplicação poderá beneficiar diretamente cerca de 27 milhões de cidadãos com deficiência e cerca de 100 milhões de familiares em todo o Brasil, que aguardam ansiosamente por dias mais dignos e socialmente mais justos.

- a) Que estrutura frasal é recorrente? Que ideia ela sugere?

- b) Na construção do recurso argumentativo, essa obrigatoriedade se torna um meio para alcançar determinados propósitos, ou seja, finalidades. Que articulador textual introduz esses propósitos?

- 13 O manifesto é um gênero de estrutura argumentativa. Geralmente, ela se inicia por uma **introdução**, que situa a finalidade do manifesto em relação a um fato ou problema relevante para a sociedade ou parte dela, contextualizando e justificando a tomada de posição; em seguida, há um **desenvolvimento**, isto é, a análise do fato/problema e apresentação de argumentos que embasam o manifesto no contexto referido; e, por último, uma **conclusão** que marca um posicionamento e/ou solicita uma ação para resolver o problema.

- a) Que trechos do manifesto correspondem a essas três partes do texto?

Introdução (linha 1)	
----------------------	--

Desenvolvimento (linha 2)	
Conclusão (linha 3)	

b) Identifique o parágrafo em que há um argumento por:

- evidência, ou seja, apresentação de dado concreto que comprova algo.

- princípio, ou seja, apresentação de crença pessoal baseada em constatação a partir da experiência e do conhecimento do grupo.

- c) Os últimos parágrafos constituem a conclusão do texto. Em textos argumentativos, a conclusão pode ser:
- **Do tipo síntese:** são retomadas as ideias centrais do texto, essenciais para o entendimento do interlocutor.
 - **Do tipo sugestão:** são feitas propostas para resolução do problema que já foi apresentado e devidamente justificado.
 - **Do tipo solicitação:** espera-se que o pedido do remetente, no caso do manifesto, seja atendido pelo destinatário.

Assim, no manifesto lido, de que tipo é a conclusão do texto?

ATIVIDADE 5 - Alguns usos da língua em textos legais



RODA DE CONVERSA

Recentemente, os usos da língua têm passado por algumas prescrições legais. Há muitas polêmicas em torno dessas prescrições e dos usos efetivos que os usuários fazem de uma língua. Por ser viva, a língua se reconstrói em função da história, da sociedade e dos sujeitos que a utilizam. Você observou que, na conclusão do manifesto, o vocativo “parlamentares” é introduzido pela forma de tratamento “senhoras” e “senhores”. Discuta com seus colegas e professores:

- Vocês conhecem outra forma de se dirigir respeitosamente aos nossos representantes políticos? Caso não conheça, se possível, pesquise algumas dessas expressões.
- Quando, geralmente, elas são utilizadas?
- Por que essas palavras são utilizadas e o que elas indicam?

O Manual de Redação da Presidência da República é um documento que prescreve as regras de como deve ser toda a comunicação oficial estabelecida em território nacional. O trecho a seguir refere-se especificamente ao uso dos pronomes de tratamento. Leia-o, juntamente com o(a) professor(a), e responda às questões propostas.

2.1. Pronomes de tratamento

2.1.1. Breve história dos pronomes de tratamento

O uso de pronomes e locuções pronominais de tratamento tem larga tradição na língua portuguesa. De acordo com Said Ali, após serem incorporados ao português os pronomes latinos tu e vos, “como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra”, passou-se a empregar, como expediente linguístico de distinção e de respeito, a segunda pessoa do plural no tratamento de pessoas de hierarquia superior. Prossegue o autor:

“Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. Assim aproximavam-se os vassallos de seu rei com o tratamento de vossa mercê, vossa senhoria (...); assim usou-se o tratamento ducal de vossa excelência e adotaram-se na hierarquia eclesiástica vossa reverência, vossa paternidade, vossa eminência, vossa santidade.”

A partir do final do século XVI, esse modo de tratamento indireto já estava em voga também para os ocupantes de certos cargos públicos. Vossa mercê evoluiu para vosmecê, e depois para o coloquial você. E o pronome vós, com o tempo, caiu em desuso. É dessa tradição que provém o atual emprego de pronomes de tratamento indireto como forma de dirigirmo-nos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

2.1.2. Emprego dos pronomes de tratamento

Como visto, o emprego dos pronomes de tratamento obedece a secular tradição. São de uso consagrado:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo:

- Presidente da República;
- Vice-Presidente da República;
- Ministros de Estado;

- Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
- Oficiais-Generais das Forças Armadas;
- Embaixadores;
- Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial;
- Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
- Prefeitos Municipais.

b) do Poder Legislativo:

- Deputados Federais e Senadores;
- Ministros do Tribunal de Contas da União;
- Deputados Estaduais e Distritais;
- Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais;
- Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) do Poder Judiciário:

- Ministros dos Tribunais Superiores;
- Membros de Tribunais;
- Juízes;
- Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,

Senhor Juiz,

Senhor Ministro,

Senhor Governador

1 Segundo o documento, o que justifica o uso das formas de tratamento prescritas?

2 Qual é a sua opinião pessoal: essas formas de tratamento são realmente necessárias na atualidade? Justifique sua resposta.

3 No texto, observamos vários termos que acompanham ou substituem os substantivos. Você já sabe que os artigos acompanham os substantivos determinando ou indeterminando-os. Os adjetivos acompanham os substantivos caracterizando-os e há outra classe gramatical, os pronomes, que podem acompanhar ou substituir o substantivo. Pronomes que indicam as pessoas do discurso (eu, tu, ele/a, nós, vós, eles/as).

Você já percebeu que existem diferentes tipos de pronomes, pois eles podem ter diferentes funções, dentre elas: substituir ou acompanhar, sendo classificados, respectivamente, em: pronomes substantivos e pronomes adjetivos. Essa classificação vem justamente da função: quando um pronome substitui um substantivo, funciona como tal; quando acompanha um substantivo, funciona como adjetivo. Observe atentamente e veja os tipos de pronomes pessoais e quando são usados.

- Qual é a função dos pronomes de tratamento utilizados na conclusão do manifesto analisado? Substituir ou acompanhar um nome? Explique:



TOME NOTA

Pessoas do discurso		Pronomes Retos	Pronomes Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me, mim	comigo
	2ª pessoa	tu	te, ti	contigo
	3ª pessoa	ele / ela	o, a, lhe, se, si	consigo
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco
	2ª pessoa	vós	vos	convosco
	3ª pessoa	eles/elas	os, as, lhes, se, si	consigo

Pronomes	Abreviação	Descrição
Você	v.	tratamento familiar
Vossa Alteza	V. A. / VV. AA.	príncipes, princesas, duques
Vossa Eminência	V. Em.a / V. Em.	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.a / V. Ex.	altas autoridades
Vossa Magnificência	V. Mag.a / V. Mag.	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.a / VV. MM.	reis, imperadores
Vossa Reverendíssima	V. Rev.ma / V. Rev.mas	sacerdotes
Vossa Senhoria	V. S.a / V. S.	tratamento cerimonioso
Vossa Santidade	V. S.	papa

- 4 O pronome “você” é considerado de tratamento, mas os usos que fazemos dele são muito parecidos com os do caso reto. É como se ele substituísse o “tu”, não muito usual na cidade e região em que moramos. Assim, o pronome “você”, em relação aos demais – que também são de tratamento –, é mais ou menos informal? Justifique sua resposta.

- 5 Quando estudamos línguas, podemos pensar na maneira como os recursos linguísticos são combinados para interagir com outros, seja na modalidade escrita ou falada. Nosso ponto de partida e chegada será sempre o texto, como ele nos é apresentado em nossa sociedade. No entanto, estudar e conhecer as partes que compõem a nossa língua pode nos ajudar na revisão e planejamento de nossos textos.

Com a ajuda do(a) professor(a), observe:

Esquemas dos níveis de combinação na língua:

palavras isoladas ▶	◀ partes mínimas ▶	◀ estruturas de sentidos completos ▶	◀ trechos da língua (com uma ou mais frases) ▶	◀ textos (falados ou escritos)
↓	↓	↓	↓	↓
palavra	sintagma	frase/oração	período	texto

Fonte: FERRAREZI JUNIOR, Celso. Sintaxe para a educação básica. São Paulo: Contexto, 2012, p. 70)

Vamos aprender um pouco mais sobre essas combinações que fazemos na língua?

- Observe dois trechos retirados do Manual que acabamos de ler:

Trecho 1:

Breve	história	dos	pronomes	de	tratamento
-------	----------	-----	----------	----	------------

Trecho 2:

O	emprego	dos	pronomes	de	tratamento	obedece	a	secular	tradição
---	---------	-----	----------	----	------------	---------	---	---------	----------

- Agora, leia estas dicas:

As estruturas mínimas de sentidos completos podem ser definidas, em uma língua, como frases ou orações. A diferença crucial entre as duas é esta:

Frase: sem verbo

Oração: com verbo

Os trechos de uma língua podem conter uma ou mais orações, são os chamados períodos. Neste caso, é o verbo que determina o tipo de períodos:

Presença de 1 verbo: período simples

Presença de 2 ou mais verbos: período composto

- A partir das dicas, com a ajuda do(a) professor(a), responda:

6 Quantos verbos há no trecho 1?

7 Quantos verbos há no trecho 2?

8 Qual dos trechos é frase e qual é oração? Marque um “X” na alternativa correta.

	Frase	Oração
Trecho 1		
Trecho 2		

9 Após descobrir qual trecho é uma oração, informe se é um período simples ou composto.



TOME NOTA

Saber que um texto também possui partes mínimas, ajuda-nos a pensar nos usos que fazemos da língua e nos sentidos que pretendemos produzir nas interações com outros interlocutores. Assim, se o uso de períodos simples pode deixar mais evidente uma ideia, podemos investir nessa construção linguística.

- Retorne aos textos lidos até aqui, o que predomina na construção deles: frases ou orações; períodos simples ou compostos? Discuta com o(a) professor(a) e colegas como você avalia esses usos e empregos da língua.

ATIVIDADE 6 – Deficiências e debate: a defesa de um ponto de vista

A defesa de um ponto de vista, como vimos na Atividade 2, ou seja, no debate deliberativo, nem sempre é feito por meio de textos escritos. Comumente, em casa, na escola, nos lugares públicos que frequentamos, precisamos defender um posicionamento. Partindo do princípio de que a diversidade de ideias e pontos de vista, em um país democrático, são desejáveis, debateremos sobre esse assunto. No entanto, desta vez, não deliberaremos, mas participaremos de um debate de fundo controverso, cujo objetivo é a discussão de um tema polêmico. Para isso, pesquisaremos mais sobre a polêmica proposta e conheceremos algumas regras que nortearão a discussão. Vamos lá?

- 1 Leia os excertos (trechos) a seguir:

Política social

Encontro debate papel das entidades de cegos no Brasil

O evento acontecerá até 9 de julho, e servirá de contribuição para os debates regionais que serão realizados pela União Latino-americana de Cegos a partir de 2014

Nesta quarta-feira, 5 de junho, foi realizada a abertura do encontro nacional “Quem são e o que fazem as entidades de cegos do Brasil: Trocando experiências para a construção de referências”,

que teve como objetivo reunir dirigentes de entidades de cegos e delegados representantes de diversos estados para um momento de avaliação, debate e identificação de modelos de organizações representativas de pessoas cegas de todo o país. Promovido pela Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, em parceria com a Organização Nacional de Cegos do Brasil (ONCB) e a Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom), o encontro contou com recursos acessibilidade para os participantes, como a audiodescrição, interpretes de Libras, transcrição e guia do evento em Braille.

Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa_com_deficiencia/noticias/index.php?p=149379. Acesso em: 10 set. 2024..

MÍDIA

ROTINA AGITADA E DIVERTIDA

Nicolas tem uma rotina agitada. Mora na zona leste e estuda pela manhã na zona sul de São Paulo. Desloca-se de carro com a mãe, Regina. À tarde faz outras atividades. Às segundas, tem fisioterapia e acompanhamento com pedagoga na Fundação Dorina Nowill. Às quartas e sábados, vai para a AFB. Nas horas vagas, gosta de relaxar assistindo a filmes com a mãe.

Ao contrário do que achamos, as pessoas cegas também usam verbos como olhar, ver e assistir. “Adoro sentar no sofá e assistir a filmes comendo pipoca”, conta Nicolas. “Vou descrevendo as cenas. Quando ele se interessa em saber, também falo como as pessoas estão vestidas. Ele gosta de terror, porque as histórias são cheias de mistérios”, diz Regina.

Simpático e falante, Nicolas também adora ir à praia, pular ondas e fazer castelos de areia. Em casa, fala que em breve quer explorar mais a cozinha. “Você me ajuda, mãe? Quero aprender a mexer no fogão”, finaliza.

Disponível em: <https://revistaquale.com.br/noticias/por-um-mundo-mais-acessivel> Acesso em: 10 set. 2024.

EDUCAÇÃO

A primeira escola destinada a preparação de alunos com deficiência visual foi fundada por Valentin Haüy, em 1784, na cidade de Paris, a Instituição Real para Jovens Cegos em Paris (hoje o Instituto Nacional para Jovens Cegos, o INJA). A primeira escola para cegos no Brasil foi o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, fundado por Dom Pedro II no Rio de Janeiro, hoje o Instituto Benjamin Constant.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cegueira>. Acesso em: 28 dez. 2024.



TOME NOTA

Os fragmentos textuais acima abordam três grandes áreas de cenários sociais ativos: política, mídia e educação, os três excertos estão conectados pelo mesmo eixo-temático de suma importância para todo e qualquer cidadão crítico, que reflete sobre os problemas existentes ao seu redor, como a questão da pessoa com deficiência visual. Sob essa perspectiva, os dois primeiros textos estão próximos por abordarem o debate como ponta-pé inicial para discussão, almejando propostas de resoluções em relação às condições de igualdade para o cego. Assim, aprofundemos o conceito e função social do gênero debate, tão relevante e presente em vários setores da nossa sociedade.

Nas conversas informais, com familiares ou colegas, temos a oportunidade de opinar sobre certos assuntos. Muitas vezes, não concordamos com o que pensa nosso interlocutor, então, somos direcionados a defender nosso ponto de vista a fim de mostrar o que defendemos ou apresentar um ponto de vista adequado à situação comunicativa. Dessa forma, a argumentação oral ocorre espontaneamente.

Entretanto, existem aquelas situações comunicativas em que duas pessoas ou mais participam da discussão sobre um tema de interesse coletivo, havendo confronto de ideias. Os participantes obedecem a certas regras estabelecidas previamente pelo mediador da discussão, que não profere seu pensamento, ideia, ou concepção sobre o assunto, tendo como prioridade não se expor de modo favorável para nenhum dos lados, estabelecendo a organização básica e inicial do gênero debate.



PARA SABER MAIS

O que é um debate regrado?

“No cotidiano, trata-se de uma discussão acirrada, altercação, contenda por meio de palavras ou argumentos ou exposição de razões em defesa de uma opinião ou contra um argumento, ordem, decisão, etc. Na área jurídica, discussão ou argumentação entre defesa e acusação, diante de

uma assembleia, antes do julgamento, exame conjunto de um assunto, questão ou problema. Na política, discussão, argumentação e resolução formais de uma moção diante de uma assembleia legislativa ou outro corpo deliberativo público, de acordo com as regras do procedimento parlamentar ou regulamentar. Pertencente mais comumente à comunicação oral, em todos os seus tipos, predomina a linguagem argumentativa e/ou expositiva.

Entre outros, podem-se destacar alguns tipos de debate:

- 1) Debate de opinião de fundo controverso;
- 2) Debate deliberativo;
- 3) Debate para resolução de problemas;
- 4) Debate público regrado: com a presença de um moderador que assegura o papel de síntese, de reenfoque, de reproposição, não permitindo uma dispersão desnecessária. Este é um modelo de debate muito comum, usado pelos meios de comunicação, em época de eleições.”

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. São Paulo: Autêntica, 2009.

- 2 Considerando os tipos de debate, faça um *checklist* (✓) naquilo que será preciso para organizar o debate que promoveremos nesta atividade. Se necessário, retomem o “Regulamento do Debate Deliberativo”.
- a) () Tema: diversidade, deficiência e inclusão nas propostas da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo.
 - b) () Estudo coletivo e individual do tema para aprofundamento.
 - c) () Opinião de fundo controverso a ser debatida (questão-problema).
 - d) () Definição dos papéis: moderador(a), presidente(a), vice-presidente(a), secretário(a) e dupla organizadora do evento.
 - e) () Separação de três grupos para defesa de um ponto de vista (posicionamento).

- f) () Definição de papéis: representantes dos grupos que debaterão.
- g) () Levantamento de argumentos que sustentarão o ponto de vista (posicionamento).
- h) () Investimento em estratégias argumentativas que darão visibilidade ao argumento.
- i) () Estudo coletivo dos argumentos.
- j) () Estudo das regras que comporão o debate.
- k) () Preparativo para o local do debate: disposição da mesa central, das cadeiras no auditório, recursos tecnológicos e digitais (computador, projetores, rádio e afins).
- l) () Definição do dia e aula do debate.

ETAPAS 1 – Conhecimento do tema e roda de conversa

- TEMA: Diversidade, deficiência e inclusão nas propostas da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo.
- Possibilidades para a roda de conversa: quais as principais deficiências presentes na escola e no bairro, quais as barreiras existentes e as necessidades de adaptações etc.

ETAPA 2

Aprofundamento no tema, por meio de leituras, entrevistas ou pesquisa de campo.

ETAPA 3 – Definição dos papéis

Quem será cada um destes?

Presidente(a)	
Vice-Presidente(a)	
Secretário(a)	
Moderador(a)	
Dupla organizadora	

GRUPO 2

Área de ação	
Representante	
Integrantes	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

GRUPO 3

Área de ação	
Representante	
Integrantes	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

ETAPA 6

Levantamento de argumentos que sustentarão a defesa do grupo e emprego de estratégias argumentativas:

Argumento	Estratégia que será empregada
	<input type="checkbox"/> Argumento de autoridade <input type="checkbox"/> Analogia <input type="checkbox"/> Exemplificação <input type="checkbox"/> Raciocínio lógico <input type="checkbox"/> Outras:
Argumento	Estratégia que será empregada
	<input type="checkbox"/> Argumento de autoridade <input type="checkbox"/> Analogia <input type="checkbox"/> Exemplificação <input type="checkbox"/> Raciocínio lógico <input type="checkbox"/> Outras:
Argumento	Estratégia que será empregada
	<input type="checkbox"/> Argumento de autoridade <input type="checkbox"/> Analogia <input type="checkbox"/> Exemplificação <input type="checkbox"/> Raciocínio lógico <input type="checkbox"/> Outras:
Argumento	Estratégia que será empregada
	<input type="checkbox"/> Argumento de autoridade <input type="checkbox"/> Analogia <input type="checkbox"/> Exemplificação <input type="checkbox"/> Raciocínio lógico <input type="checkbox"/> Outras:

ETAPA 7

Retomem os argumentos elencados pelo grupo e verifiquem em que se fundamentam e se são coerentes. Se necessário, realizem pesquisas para aprofundamento no assunto.

ETAPA 8

Juntamente com o(a) professor(a), realizem um estudo das regras que comporão o debate:

As regras que orientarão os debates serão

- Apenas são permitidos os aplausos diplomáticos;
- Os recursos tecnológicos são permitidos para uso pessoal, sem trocas e de responsabilidade total do Delegado;
- A Moderação dos debates será conduzida pelo(a) Presidente(a) ou então por Secretários(as), que serão designados para tal;
- Será instituído um meio de comunicação entre os membros do grupo, por meio de ‘cartas’, que, apenas serão lidas se aprovadas pelo(a) Presidente(a);
- A forma de discurso que irá predominar durante toda a discussão será o debate moderado. Aqueles que desejarem se pronunciar deverão erguer suas placas e a mesa irá escolher qual desses irá iniciar seu discurso.
- O tempo definido inicialmente será o de um minuto e meio, podendo ser alterado conforme o andamento das negociações.
- Ao(À) membro(a) é permitido fazer três tipos de questões, no intervalo dos discursos.
- Questão de Privilégio Pessoal: se refere a uma intervenção solicitada por um participante quando se sentir ofendido com a fala de algum debatedor, como, por exemplo, quando for vítima de palavras injuriosas, racistas, preconceituosas etc.
- Questão de dúvida: se refere a dúvidas com relação ao conteúdo do debate ou às informações desconhecidas.
- Questão de ordem: se refere a questões formais do debate, tais como as regras que o governam. Pode-se questionar a mesa caso acredite que as regras não estão sendo seguidas, seja intencio-

nalmente ou não. Dessa forma, os(as) delegados(as) deverão, entre um discurso e outro, pronunciar “Questão”, e após serem reconhecidos pela Mesa, poderão discursar.

- As moções podem ser introduzidas entre os discursos dos membros do grupo, por meio do mesmo mecanismo para se apresentar uma questão. As moções serão aprovadas por maioria simples ($1/2 + 1$), não havendo abstenções.
- Debate não-moderado: pode ser proposto por qualquer membro(a), desde que justifique sua moção e defina o tempo do debate. É o único momento da sessão em que a mesa não irá controlar as discussões, visando a um maior dinamismo.

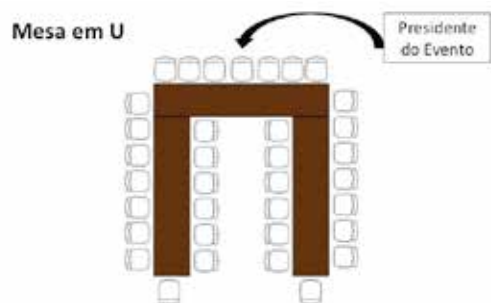
Adaptado de “MINIONU”. Disponível em: <https://www.pucminas.br/minionu/Documents/RegrasCDH.pdf>. Acesso em 10 set. 2024.

ETAPA 9

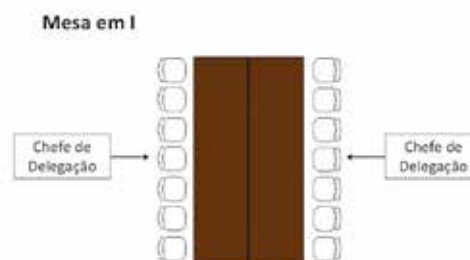
Para que o debate seja realizado da melhor maneira possível, é necessário que o ambiente seja previamente pensado pela dupla organizadora, juntamente com a classe:

Qual a melhor forma de disposição das mesas?

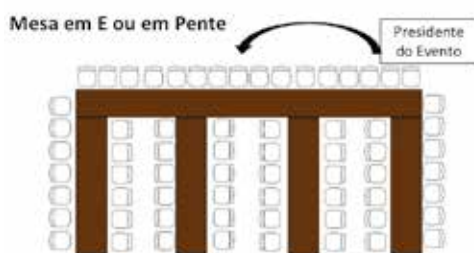
a)



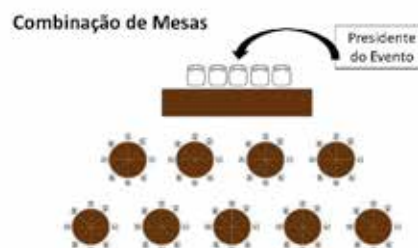
b)



c)



d)



Vamos organizar um debate regrado de opinião controversa a partir de uma simulação de um dos comitês da ONU na sua classe?

Vamos começar, organizando o debate e retomando as atribuições de papéis realizadas na ETAPA 3.

Funções da mesa

- **Presidente(a):** controle do auditório e da sessão como um todo. É ele(a) que tomará a decisão final. Não havendo necessidade de votação neste caso.
- **Vice-Presidente(a):** auxilia o(a) presidente(a).
- **Secretário(a):** redige a lista de oradores(as)/representantes do grupo.
- **Moderador(a):** coordena o debate, o tempo e a participação do auditório.

Passo a passo para realização do debate regrado:

- 1) A dupla organizadora organizará a lista de oradores(as), ou seja, uma relação com os nomes dos integrantes dos grupos que desejam se manifestar oralmente. Quando quiserem se pronunciar, deverão erguer suas placas e aguardar a orientação do moderador e do presidente.
 - 2) Ao se pronunciar, cada debatedor terá 10 minutos de fala. Caso fique por 11 segundos sem se pronunciar, perderá o turno de fala. O moderador controlará o tempo de fala de cada participante. Quando faltar 50 segundos para o fim, o presidente dará uma batida com o martelo. Ao fim do turno de fala, duas batidas com o martelo na mesa.
 - 3) Após a manifestação do argumento pelo orador, é possível que apareçam questões de dúvida, ordem ou privilégio pessoal, que poderão ser aceitas ou recusadas pela Mesa (composta pelo presidente, vice, secretário e moderador).
 - 4) Moções para debate moderado e/ou não-moderado podem ser apresentadas por qualquer membro dos grupos, entre os discursos, devendo ser aprovadas pela Mesa, desde que constitua maioria simples.
 - 5) Após as manifestações e devidas moderações, serão apresentadas, pelos representantes dos grupos, uma moção para introdução de resolução, que será recebida pela Mesa. Neste momento, há o fechamento da lista, o que significa que não haverá mais pronunciamento pelos grupos.
 - 6) O presidente tomará a decisão final, sendo assim, ele determinará qual área de ação necessita de mais urgência.
- **IMPORTANTE:** Durante o debate, dois membros de cada grupo deverão observar as interações para registrar o debate, conforme a rubrica a seguir:

Registro do debate	
REFUTAÇÕES Houve refutação de argumentos? Quais argumentos foram refutados? Quais foram as refutações?	
RETOMADAS Houve momentos em que algum debatedor(a) retomou argumentos apresentados anteriormente? Que argumentos foram esses?	
EXPLICAÇÕES E EXEMPLIFICAÇÕES Em algum momento um debatedor(a) precisou explicar de outra maneira ou exemplificar seus argumentos? De que modo?	
ARGUMENTAÇÃO A argumentação foi adequada e sustenta a posição do grupo.	

Avaliação do grupo	
Eixo	Critérios
Adequação ao tema	() O grupo fez referência, de forma singular, ao tema e uma defesa da área pela qual ficou responsável?
Adequação ao gênero	<p>Aspectos discursivos:</p> <p>() Apresenta adequadamente o tema de maneira instigante?</p> <p>() No desenvolvimento, há emprego adequado de recursos e estratégias para o desenvolvimento da argumentação, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Argumento de autoridade; • Analogia. • Exemplificação. • Raciocínio lógico. <p>() A linguagem está adequada ao(à) leitor(a)?</p> <p>() A argumentação do(a) orador(a) revelou planejamento e aprofundamento no tema?</p> <p>() Todos(as) que atuaram no debate cumpriram com o papel (função social) para o qual foram designados?</p>

Adequação ao gênero	<p>Aspectos linguísticos:</p> <p>() A exposição do(a) representante apresenta, coerentemente, emprego destes recursos?</p> <p>() Há emprego adequado de modos e tempos verbais?</p> <p>() Há concordância nominal e verbal?</p> <p>() Há emprego do registro formal da língua?</p>
Indícios de autoria	<p>() Seleção de palavras e expressões que ajudam a produzir sentidos para o texto argumentativo?</p> <p>() O(A) autor(a) expressa um olhar subjetivo, sem deixar de lado o aspecto polêmico do tema?</p>

Observações:

Autoavaliação

- () Entendi a relevância dos debates na composição da dinâmica social e na reivindicação de direitos.
- () Compreendi as características fundamentais para organização e participação de um debate regrado.
- () Reconheci a importância de conhecer e debater a respeito de questões-problema, a fim de me posicionar e procurar soluções.
- () Atuei e contribuí em todas as etapas propostas.

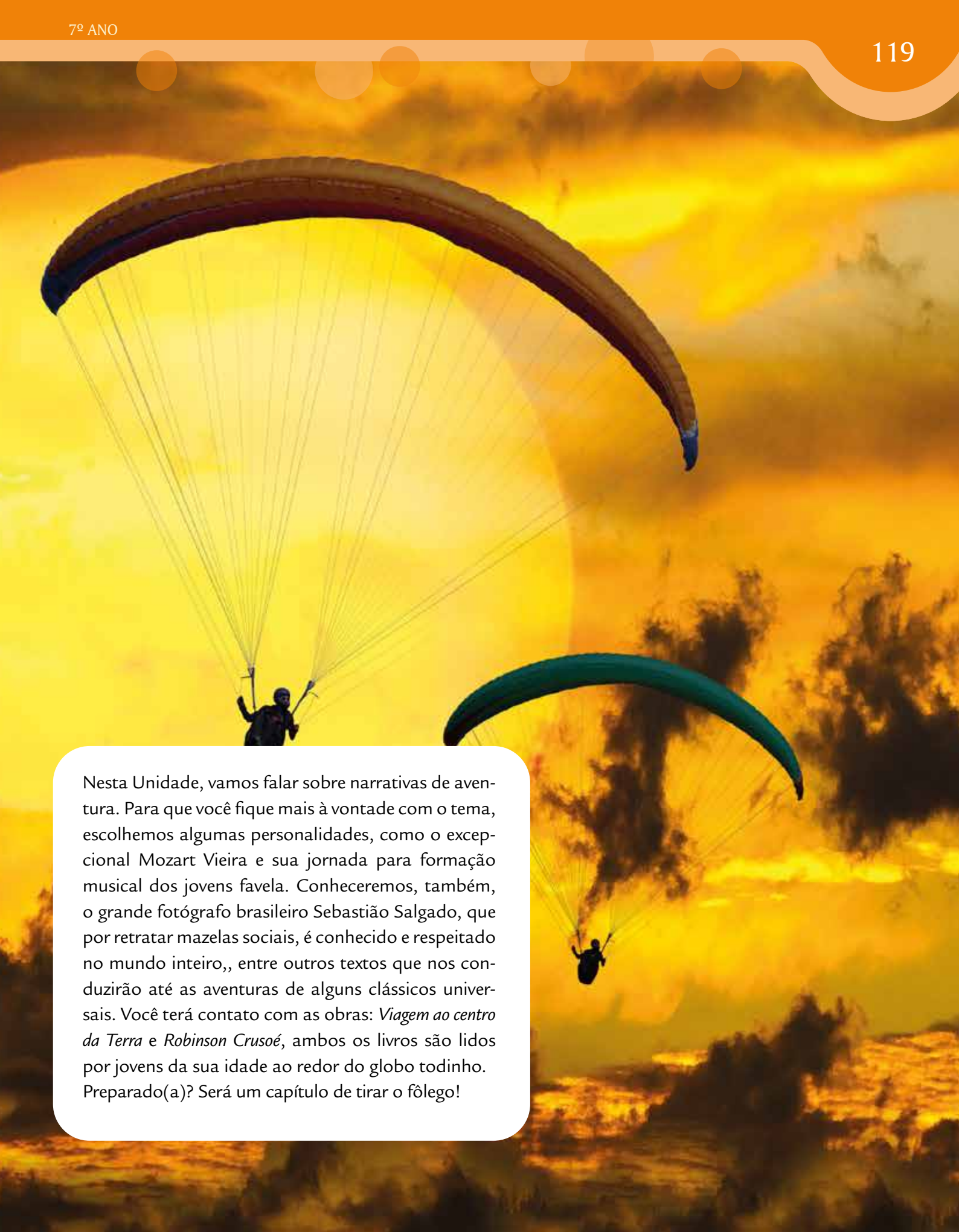
UNIDADE 3

Narrativas de aventura: aventureiros da vida (ir)real

Ao final desta Unidade, você aprenderá a:

- apreciar o trabalho transformador e aventureiro de personalidades.
- ter contato com diversos textos: documentário, entrevista, propaganda e crônica.
- conhecer trechos do cenário clássico-literário relacionados às narrativas de aventura.
- apresentar contribuições da literatura de aventura do povo indígena brasileiro.
- pensar mecanismos textuais e discursivos para a construção de um conto de aventura.





Nesta Unidade, vamos falar sobre narrativas de aventura. Para que você fique mais à vontade com o tema, escolhemos algumas personalidades, como o excepcional Mozart Vieira e sua jornada para formação musical dos jovens favela. Conheceremos, também, o grande fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, que por retratar mazelas sociais, é conhecido e respeitado no mundo inteiro,, entre outros textos que nos conduzirão até as aventuras de alguns clássicos universais. Você terá contato com as obras: *Viagem ao centro da Terra* e *Robinson Crusoe*, ambos os livros são lidos por jovens da sua idade ao redor do globo todinho. Preparado(a)? Será um capítulo de tirar o fôlego!

ATIVIDADE 1 – Documentando os fatos: a nossa língua é uma aventura

- 1 Leia os parágrafos introdutórios que antecedem uma entrevista com Paulo Thiago, que é o autor do documentário *Orquestra dos meninos*:

Documentário:

A educação musical como forma de luta

Alfredo Luiz Suppia

Diretor de dez longas-metragens, entre adaptações literárias como *Sagarana*, o duelo (1974), *Policarpo Quaresma - herói do Brasil* (1998) e *O vestido* (2003), e documentários como *O poeta de sete faces* (2002) ou *Coisa mais linda: histórias e casos da bossa nova* (2005), Paulo Thiago acaba de lançar seu 11º filme: diferente dos trabalhos anteriores, *Orquestra dos meninos* é uma ficção baseada em fatos reais.

O filme conta a trajetória do jovem maestro Mozart Vieira, 25 anos, que cria uma orquestra de jovens no interior de Pernambuco, para interpretar obras de grandes eruditos como Mozart, Bach e Villa Lobos. Inicialmente, enfrenta a reação local contra a iniciativa, mas maestro e crianças conseguem superar os obstáculos e acabam tocando na praça, igreja e demais lugares da comunidade. Ao ser criada, a Fundação Música e Vida recebe apoio do governo e o sucesso dos músicos atinge a imprensa e um programa de audiência nacional vai ao ar. A orquestra liderada por Mozart chega a tocar para o presidente da República, em Brasília. Quando o maestro começa a ser visto como uma liderança em ascensão, desagrada políticos locais e, a mando de poderosos da região, um dos músicos é sequestrado e a orquestra começa a sofrer ameaças. O sequestro repercute e a opinião pública se mobiliza. O maestro chega a ser chamado de louco, de ter forjado o sequestro e de ser chefe de uma seita secreta. A justiça determina um exame psiquiátrico de Mozart e a Fundação Música e Vida é fechada. Artistas como Ivan Lins, Geraldo Azevedo, Caetano Veloso e outros, junto a Dom Helder Câmara, bispo de Pernambuco, deflagram um movimento de reação em defesa de Mozart e sua orquestra. A campanha pelo maestro movimenta a imprensa, o processo judicial é arquivado e a Fundação é reaberta. Em 2007, a ONG atende a duzentas crianças, com o mesmo Mozart Vieira à frente dos trabalhos.

A sinopse do filme nada mais é que um resumo dos fatos que cercaram a criação da orquestra, até seu desfecho, com a recuperação de Mozart e seu projeto social. *Orquestra dos meninos* é lançado num período de rica confluência entre ficção e documentário no cinema brasileiro, na esteira de filmes como *Cidade de Deus* (dir. Fernando Meirelles, co-dir. Kátia Lund, 2002), *Carandiru* (dir. Hector Babenco, 2005) ou até mesmo *Tropa de elite* (dir. José Padilha, 2007). Além disso, toca em problemas brasileiros persistentes, como o coronelismo e a impunidade em diver-

nas regiões do Brasil, dominadas como feudos. Orquestra dos meninos levanta também o papel da imprensa na cobertura de crimes, o que nos faz lembrar do triste caso da Escola Base, em São Paulo, que teve início em março de 1994.

[...]

Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400026. Acesso em: 11 set. 2024.

- 2 **“Ficção”** é um termo bastante utilizado, especialmente quando o texto caracteriza-se pelo predomínio de uma narrativa, pois a ficção mimitiza (imita) os fatos criados pela imaginação de um autor, ou seja, algo que não acontece ou aconteceu no plano real. Nesse sentido, explique, com suas palavras, o sentido do trecho em destaque, o qual foi retirado do 1º parágrafo do texto acima:

“...ficção baseada em fatos reais.”

- 3 Após a leitura do texto, sente-se com um(a) colega e elenque a sequência temporal presente no texto que nós lemos há pouco, preenchendo numericamente as lacunas abaixo:
- a) () Um dos músicos é sequestrado.
 - b) () Criação da Fundação Música e Vida.
 - c) () A orquestra toca para o presidente da república.
 - d) () A ONG atende 200 crianças.
 - e) () A justiça investiga o maestro.
 - f) () Há um enfrentamento, superado, da reação local.

- 4) Você já assistiu a vários filmes, não é mesmo? Agora, já teve contato com algum documentário? Qual?

- 5) Você sabe diferenciar um filme de um documentário? Ambos são obras cinematográficas e o que as difere é exatamente o caráter ficcional que um filme apresenta. Em outras palavras, o documentário aborda um determinado assunto da vida real, como a situação do lixo em determinada região, hábitos populares ou, até mesmo, alguma biografia. O responsável pela introdução da entrevista, Alfredo Luiz Suppia, elenca alguns filmes e documentários produzidos pelo cineasta brasileiro Paulo Thiago. Complete a tabela abaixo, seguindo as colunas especificadas:

Filmes	Documentários

- g) Observe o excerto: “Orquestra dos meninos é lançado num período de rica confluência entre ficção e documentário no cinema brasileiro”. Como você explicaria esse trecho?



RODA DE CONVERSA

Você conhece o grande músico Wolfgang Amadeus Mozart? Popularmente conhecido como “Mozart”, nascido em Viena, em 5 de Dezembro de 1791, é até hoje um dos maiores nomes no cenário da música clássica, pois é autor de mais de 600 composições em forma-sonata.

Agora, já parou para pensar que, além do nome, o Mozart europeu e o nosso Mozart Vieira possuem outra característica em comum? Discuta com seus colegas e, junto ao(à) professor(a), visitem o Laboratório de Educação Digital com o intuito de pesquisar mais sobre concertos de música clássica.



SALA DE LEITURA

Verifique no acervo da Sala de Leitura se o livro *Mozart: a criança-prodígio*, de Christophe Konieczny está disponível para empréstimo. Nele, a vida de Wolfgang, o músico de outros tempos, é narrada de forma bem contagiante.

Wolfgang Amadeus Mozart passou pela Terra como uma estrela cadente e nos deixou sua música encantadora. As primeiras obras, criadas pelo menino aos cinco anos, já deixavam sua genialidade clara. A história da vida desse compositor é tão brilhante e intensa quanto suas composições. *Mozart, a criança-prodígio*, narra a história das viagens do menino com sua família pelas grandes cidades da Europa e seu sucesso como concertista e compositor. As ilustrações, especialmente criadas pelo artista russo Siergiei Gutan, mais o CD com uma seleção de obras que vão desde as primeiras peças instrumentais, até as grandes sinfonias e óperas da maturidade são uma homenagem ao gênio de Mozart e a sua música, que a todos conquista.



6 Agora, acompanhe a entrevista, elaborada por Suppia, com o diretor de cinema Paulo Thiago:

Como surgiu o projeto do seu último filme?

Paulo Thiago - O projeto nasceu quando li, em 1995, uma matéria sobre a história do maestro Mozart Vieira, que criara uma orquestra de meninos em São Caetano, tirando as crianças do campo e da rua para ensiná-las música clássica. A matéria tratava do êxito do maestro e, em seguida, o texto abordava o sequestro do garoto clarinetista, Erinaldo, bem como as acusações do maestro ter forjado o crime, ser chefe de seita e pedófilo. O jornalista entrevistara todo mundo e assistira à reconstituição do crime, feita de forma espalhafatosa pelo delegado do caso. Vi, naquela notícia, um filme.

Como foi o trabalho de pesquisa para o roteiro desse filme de ficção?

Pesquisamos tudo. A repercussão da história passo a passo, na mídia escrita e televisiva, local e nacional, desde o início. Os autos do processo judicial e policial também. Entrevistamos todos os envolvidos: o maestro, o delegado, o prefeito, os meninos da banda, Erinaldo e seu pai, que tinha dado declarações contra Mozart Vieira e depois voltara atrás. Erinaldo foi depois trazido ao Rio para uma longa entrevista de dois dias. Tínhamos que passar a história a limpo. Após isso, levei três anos trabalhando o roteiro.

Sua obra costuma se dividir entre adaptações de grandes autores brasileiros e documentários sobre arte ou cultura brasileira. Adaptar fatos reais implica em alguma técnica – ou sensação – nova?

Dei um tempo nas adaptações e nos roteiros originais, fiquei fascinado por filmar uma história real. E sem ser um documentário. Uma ficção baseada nos acontecimentos. A ficção te aproxima e distancia dos fatos. É um trabalho muito difícil. Tem de ser fiel e inventar ao mesmo tempo.

Orquestra dos meninos é um melodrama? Qual sua relação pessoal e profissional com esse gênero?

Adoro o melodrama. Os de alta qualidade, como os de Visconti, Buñuel, Bolognini, os italianos e alguns americanos dos anos 1950, como os de Mark Robson. Cheguei a filmar um – O vestido – inspirado no poema de Carlos Drummond de Andrade. É um gênero pouco valorizado pelos intelectuais que nem entendem bem o que é. Quando falamos que Central do Brasil, do Walter Salles, ou que Rocco e seus irmãos, de Luchino Visconti são melodramas, não entendem nada. Orquestra dos meninos não é um melodrama. É um filme musical, de denúncia social e política. Em certo momento, não deixa de ser um thriller. É o cinema da linha de um Costa-Gravas ou Gillo Pontecorvo. Não trabalha com grandes sentimentos, mas com as emoções e a força dos fatos reais.

7 Como foi feita a pesquisa do cineasta para a produção do filme?

8 O diretor Paulo Thiago declara que seu filme não é um melodrama. Que argumentos ele utiliza para defender essa afirmação?



RODA DE CONVERSA

Discuta com colegas e professor(a):

- Qual é a diferença entre um curta-metragem, um longa-metragem, uma série e um documentário?
- Como você explicaria a finalidade de cada um?
- A qual dessas produções midiáticas você assiste com mais frequência? Por quê?

- 9 Agora, com auxílio do(a) professor(a), assista ao filme *A língua das coisas*. Disponível em: <https://vimeo.com/90180624>. Acesso em set. 2024:

Em um sítio, distante de tudo, vivem o menino Lucas e seu avô. O avô só sabe a língua do rio, dos bichos e das plantas. Lucas está cansado da rotina e das histórias inventadas pelo avô, que diz pescá-las no rio: palavra por palavra. Um dia, a mãe de Lucas vem buscá-lo para morar na cidade. Mesmo contrariado, o avô o encoraja a ir para aprender a falar língua de gente. Na escola, a nova língua não entra na sua cabeça, não cabe. E, para piorar, ele começa a escrever uma língua inventada, só dele. Todos pensam que ele tem um parafuso a menos. Em seguida, sua mãe recebe a notícia da morte do avô. De volta ao sítio, Lucas corre em desespero na esperança de encontrá-lo, na ilusão daquela notícia ser uma história inventada. Mas não é. Desolado, ele se senta à margem do rio e sem se dar conta, dezenas de palavras são trazidas pela correnteza.

Sinopse produzida por Caraminholas filmes.

Disponível em: <https://www.caraminhola.com.br/a-l%C3%ADngua-das-coisas>. Acesso em 11 set. 2024.



Que tal conhecermos mais sobre a história do cinema?

Assista ao vídeo *Linguagens do Cinema*:

<https://drive.google.com/drive/folders/1Y16CpfPJnu0gq77xNNmgky9CFn7Uk6H?usp=sharing>

- a) Como você classificaria o vídeo *A língua das coisas*: curta-metragem, longa-metragem, documentário ou série? Por quê?

- b) Que tipos de aventuras Lucas e seu avô vivem? Explique.

- c) Por que o vídeo recebe o título de *A língua das coisas*?

d) Qual a importância da “língua” para as aventuras que Lucas e seu avô vivem?

e) Quais características de uma narrativa você consegue apontar a partir do vídeo?

- () Presença de personagens.
- () Enredo.
- () Verossimilhança, ou seja, que apresenta coerência no contexto da narrativa.
- () Tempo.
- () Espaços/Ambientes.
- () Narrador.

f) Que diferenças e aproximações você identifica entre o filme *A língua das coisas* e o documentário *Orquestra dos meninos*? Explique.

10 Diferente do que assistimos até agora, o curta-metragem “Paz Incerta” é um documentário que retrata a realidade da Comunidade da Paz, no bairro de Itaquera, em São Paulo. Com ajuda do(a) professor(a), assista ao vídeo:

Paz Incerta

Acompanha a luta e a história de moradores que vivem na Comunidade da Paz, uma favela vizinha à Arena Corinthians, em Itaquera, zona leste de São Paulo. Após o anúncio da Copa do Mundo de 2014, a comunidade passou a sofrer constantes ameaças de reintegração de posse e remoção do local. Fugindo de estereótipos, o curta-metragem se aproxima dos moradores, adentrando no cotidiano das famílias que residem na área. A intenção é dar vida e voz para que eles apresentem a favela pelos olhos de quem mora lá.



FICHA TÉCNICA

País:	Brasil
Duração:	26'33"
Diretor:	Ana Paula Costa, Fabio Razuk Jr. e Marina Lopes
Produtor:	Ana Paula Costa, Fabio Razuk Jr. e Marina Lopes
Ano:	2014
Formato:	HD
Montagem:	Ana Paula Costa
Som Direto:	Fabio Razuk Jr.
Fotografia:	Marina Lopes
Trilha:	Povo Brasileiro – Groovibe's / O personagem – Tiro Inicial
Festivais:	2º Festival de Cinema da Zona Leste- SP Leste em Movimento

Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/cotidiano/paz-incerta/>. Acesso em 18 fev. 2018.

- a) Por que o vídeo recebe o nome de *Paz Incerta*? Explique.
-
-
- b) Em que medida, *Paz Incerta* aproxima-se de “Orquestra dos meninos”?
-
-
- c) As aventuras, na ficção, de alguma forma, revelam indícios da realidade. Por quais aventuras tristes e, ao mesmo tempo, de superação, os(as) moradores(as) depoentes, do filme *Paz Incerta*, têm passado em suas vidas? Explique.
-
-
- d) Os relatos orais também revelam personagens e histórias da vida real. Quais problemas sociais podem ser observados a partir desses relatos?
-
-
- e) Você conhece histórias parecidas ou iguais às que foram relatadas oralmente no vídeo? Quais?
-
-
-



TOME NOTA

Na Atividade 1, vimos que muitas histórias de vida podem se tornar ficção. Os relatos orais também podem servir de alimentação temática para a recriação de histórias que têm, como pano de fundo, a vontade de fazer denúncias sociais. Mozart, Lucas e os(as) moradores(as) da Comunidade da Paz evidenciam problemas reais do nosso país. Os usos que fazemos da língua e da linguagem ajudam a documentar a nossa realidade. Quais modalidades de uso da linguagem são perceptíveis nos vídeos que discutimos até aqui?

- | | |
|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Movimentos | <input type="checkbox"/> Sons |
| <input type="checkbox"/> Imagens | <input type="checkbox"/> Cor |
| <input type="checkbox"/> Fotos | <input type="checkbox"/> Outras modalidades da linguagem perceptíveis: |

Como tudo isso cria sentido nos vídeos? Explique.

ATIVIDADE 2 – Documentando imagens: aventureiros da vida (ir)real

- 1 Leia o texto a seguir, retirado da Revista Prosa, Verso e Arte:

O Sal da Terra, a incrível história de vida do fotógrafo Sebastião Salgado

por Bruno Purcino

“Não trabalho com a miséria, mas com as pessoas mais pobres. Elas são muito ricas em dignidade e buscam, de forma criativa, uma vida melhor. Quero com isso provocar um debate. A nossa sociedade é muito mentirosa. Ela prega como sendo única a verdade de um pequeno grupo que detém o poder.”

O Sal da Terra, a incrível história de vida do fotógrafo Sebastião Salgado, conta cronologicamente a sua obra. Um documentário direcionado não somente para o público amante da fotografia, mas para todos que vêem a arte como uma função social.

O próprio personagem narra sua história em meio as suas fotos emblemáticas. Antes de se tornar um dos mais famosos fotógrafos do mundo, Salgado graduou-se em economia. Engajado no movimento contra a ditadura militar no Brasil, à certo momento decide deixar o país, indo parar na França. Lá conheceu sua esposa, Lélia, além da paixão pela arte de escrever com luz e sombras. Ainda na década de 70, Salgado se profissionalizou e revolucionou o mundo da fotografia. Suas lentes tornaram-se especialistas em retratar uma cruel realidade humana em preto e branco, além de trágicos acontecimentos como massacres ocorridos em países na África.

É impressionante ver o trabalho registrado em Serra Pelada. Milhares de homens que embora lembrassem, não eram escravos. Como narrado por Salgado: escravos de si mesmo, do sonho de enriquecer. A narrativa do documentário deixa claro que cada projeto quando idealizado é minuciosamente estudado antes de ser executado. Um exemplo disso é o emocionante trabalho “Êxodos”. Projeto realizado ao longo de seis anos que conta a história de povos que fogem da pobreza, opressão e de guerras. São imagens fortes, realmente marcantes. Foi um momento em que muitos se emocionaram durante a exibição. Ao narrar esse trabalho, Salgado emocionadamente relata o quão a humanidade é violenta. Ao longo de todo documentário é notório que o trabalho deste artista sempre esteve ligado a um dever cívico, de antenar pessoas para um problema social.

[...]

FICHA TÉCNICA

Título:	Sal da Terra
Direção:	Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado
Roteiro:	Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado e David Rosier
Elenco:	Sebastião Salgado
Produção:	David Rosier
Fotografia:	Hugo Barbier e Juliano Ribeiro Salgado
Edição:	Maxine Goedicke, Rob Myers
Gênero:	Biografia, Documentário
País:	Brasil, França, Itália
Ano:	2014

Disponível em: <http://www.revistaprosaveroearte.com/o-sal-da-terra-sebastiao-salgado/>. Acesso em 11 set. 2024.

a) Sobre a seguinte citação de Sebastião Salgado:

“Não trabalho com a miséria, mas com as pessoas mais pobres. Elas são muito ricas em dignidade e buscam, de forma criativa, uma vida melhor...”

Relate o contraste existente na construção lexical entre: “miséria” e “pessoas pobres”. Que sentidos essas palavras constroem para a obra do autor?

b) Considerando o texto e seu conhecimento de mundo, o que significa arte com função social?

c) Como o “dever cívico” fica evidente na obra de Sebastião Salgado?

2 Documentar por imagens, fotos ou ilustrações é outra maneira de registro por meio da linguagem. A seguir, observe duas fotos de um trabalho de Sebastião Salgado, intitulado *Êxodos*:

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/irishow/exposicoes/noticia/2023/09/11/exodos-de-sebastiao-salgado-ganha-versao-poker-em-botafogo-veja-fotos.html>. Acesso em 11 set. 2024.



Disponível em: <https://www.culturagenial.com/fotos-sebastiao-salgado/>. Acesso em 11 set. 2024.



- a) Pesquise, em dicionários, possíveis significados para a palavra “Êxodo”, que intitula esse trabalho de Sebastião Salgado. Registre-os abaixo:

ÊXODO	
--------------	--

- b) Qual a relação desses significados que você pesquisou com a obra de Sebastião Salgado? Explique.

- c) Que sentidos as cores, utilizadas por Sebastião Salgado, nas duas fotos, constroem com o título do trabalho? Por quê?

- d) Leia a citação do cineasta suíço Jean-Luc Godard:

*“Palavra e imagem são como cadeira e mesa:
se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas”.*

Jean-Luc Godard em “Ainsi parlait Jean-Luc,
Fragments du discours d'un amoureux des mots”, Télérama, no 2278, 8/9/1993.

Como você descreveria as duas fotos de Sebastião Salgado??

Foto 1	
Foto 2	

e) Qual título você daria para cada uma das fotos?

Foto 1	
Foto 2	

f) Considerando a trajetória profissional e a obra de Sebastião Salgado, tente responder a algumas das seguintes perguntas em relação às fotos que estamos analisando:

1. Quem as produziu?	Sebastião Salgado
2. Para quem foram produzidas?	
3. Como foram produzidas? (técnicas empregadas, por exemplo)	
4. Por que foram produzidas?	
5. Onde circulam?	

g) Os sentidos e significados para a palavra “aventura” podem ser variados. Para as pessoas retratadas nas fotos, trata-se de uma aventura escolhida ou forçada? Por quê?

h) Na sua opinião, quais são os motivos que levam as pessoas a migrar ou fugir de seus países de origem?

- i) Na década de 90, Sebastião Salgado viajou por diversos países retratando a luta dos migrantes. O resultado desse trabalho pode ser visto no livro intitulado *Êxodos*. Pesquise, em dicionários, possíveis significados para a palavra “êxodo” e registre-os abaixo:

- j) Após aprender o significado da palavra êxodo, você acredita que as fotografias observadas retratam uma situação de êxodo? Por quê?

- k) Que outras histórias de “êxodo” você conhece?



PARA SABER MAIS

Êxodos é um livro de fotografia que apresenta o trabalho do renomado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Publicado em 2000, o livro é uma coleção visual impressionante que documenta as migrações humanas ao redor do mundo ao longo de um período de seis anos.

Salgado, conhecido por sua abordagem humanista e comprometimento social, viajou por diversos países, capturando imagens poderosas e impactantes que retratam a jornada de comunidades em deslocamento. Ele se concentra em grupos que enfrentam situações extremas, como refugiados, deslocados internos e migrantes, proporcionando uma visão profunda das condições de vida e das lutas enfrentadas por essas populações.

O livro *Êxodos* não apenas destaca a maestria técnica de Salgado como fotógrafo, mas também serve como um testemunho visual da resiliência humana diante de adversidades. As imagens apresentadas são frequentemente acompanhadas por textos que contextualizam as histórias por trás das fotografias, oferecendo uma compreensão mais profunda das experiências das pessoas retratadas.

Êxodos não é apenas uma obra de arte visual, mas também uma declaração social e uma reflexão sobre questões como deslocamento forçado, desigualdade e a busca da humanidade por dignidade e esperança em meio às dificuldades. O livro é uma poderosa celebração da diversidade e uma chamada à empatia e compreensão global.

3 A seguir, leia alguns trechos da reportagem e, depois, responda às perguntas:

3 gráficos que mostram o aumento histórico de refugiados no mundo

BBCBrasil.com - 25 junho 2024

120 milhões de pessoas no mundo estão fora de suas casas, tendo sido forçadas a fugir da guerra, da violência e da perseguição, segundo a agência das Nações Unidas para os refugiados, ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados).

[...]

A cada minuto, pelo menos 20 pessoas têm de deixar tudo para trás para escapar de conflitos, diz a ONU.

A organização aponta ainda que cerca de 40% das pessoas deslocadas são menores de idade.

“Por trás desses números alarmantes e crescentes estão inúmeras tragédias humanas. Tal sofrimento deve levar a comunidade internacional a agir urgentemente para resolver as causas profundas do deslocamento forçado”, afirmou Filippo Grandi, Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados.

[...]

Venezuela, entre os países com mais pessoas refugiadas

A Síria continua sendo a fonte da maior crise de refugiados do mundo, com 13,8 milhões de pessoas deslocadas à força dentro e fora do país até ao final de 2023, devido à guerra civil que começou há 12 anos.

Um fator-chave por trás do aumento dos números globais foi a guerra civil no Sudão, onde quase 11 milhões de pessoas tinham fugido das suas casas até ao final de 2023.

No ano passado, mais de 6,4 milhões de pessoas fugiram do Afeganistão em busca de uma vida melhor após a tomada do poder pelos talibãs em 2021.

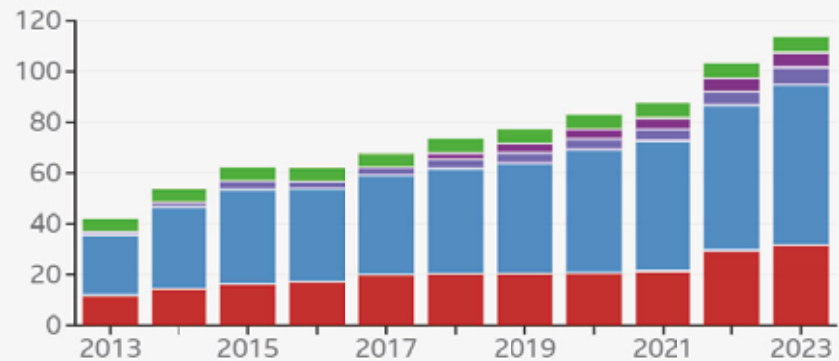
Na Venezuela, mais de 7 milhões de pessoas deixaram o país após o colapso da economia nacional sob o presidente socialista Nicolás Maduro, que está no poder desde 2013.

[...]

Deslocamento forçado no mundo chegou ao nível mais alto em 10 anos

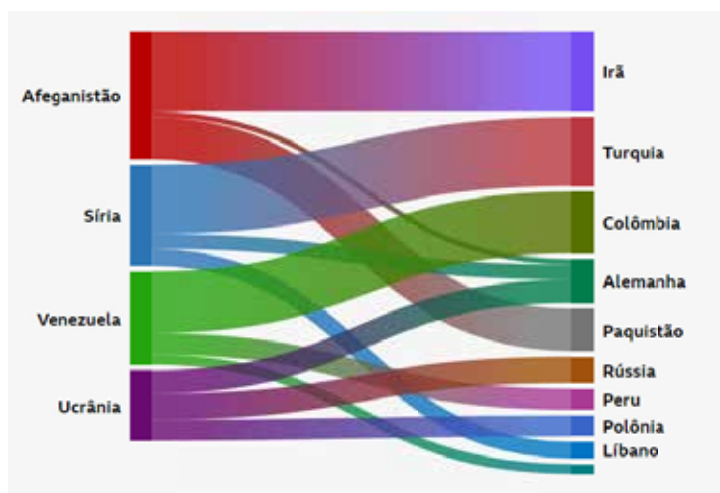
Nº de pessoas que abandonaram suas casas, em milhões

■ Refugiados sob custódia da ACNUR ■ Deslocados internamente
 ■ Solicitantes de asilo
 ■ Outras pessoas buscando proteção internacional
 ■ Refugiados palestinos sob custódia da UNRWA



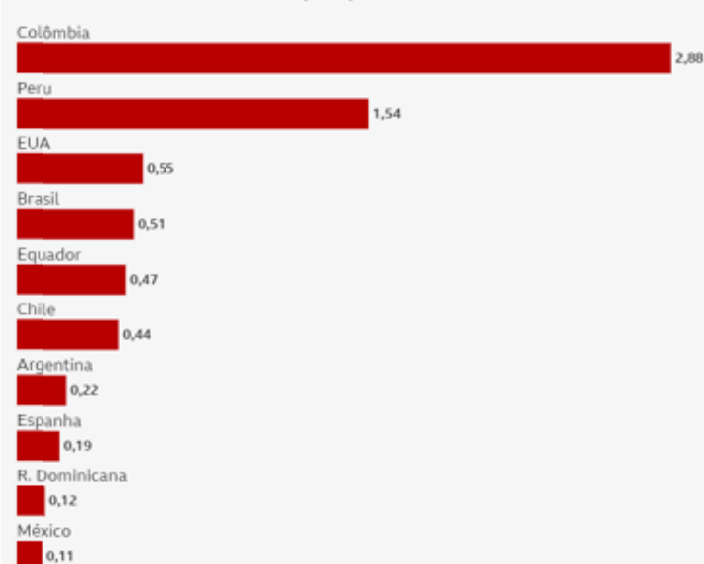
Fonte: Relatório de Tendências Globais 2023

BBC



Fonte: Relatório de Tendências Globais 2023, ACNUR
*Inclui refugiados sob custódia da ACNUR, pessoas em situação semelhante ao refúgio e outras em necessidade de proteção internacional. **BBC**

Venezuelanos deslocados por país, em milhões



Fonte: ACNUR **BBC**

Para onde vão as pessoas* dos quatro países com mais refugiados no mundo?

Os números mais recentes que eles divulgam são de 7,7 milhões de venezuelanos que partiram por diferentes motivos, disse o porta-voz.

A grande maioria deles está na Colômbia, nos Estados Unidos, na Espanha, no Equador e em outros países latino-americanos, como o Brasil.

O impacto nesses países, especialmente na Colômbia, tem sido enorme. No entanto, são geralmente bem recebidos, conseguem trabalho, têm acesso a serviços e oportunidades de regularizar a sua situação.

Além disso, garante Spindler, a permanência deles nos países anfitriões foi positiva.

“Isso não se ouve muitas vezes, mas está comprovado por esses estudos que essas pessoas também trazem consigo uma riqueza e uma educação que também lhes permite contribuir... através de impostos, abertura de pequenos negócios etc.”

Colômbia é o país que mais recebe refugiados da Venezuela

[...]

Além disso, a atual guerra em Gaza deslocou até 1,7 milhão de pessoas (75% da população) na Faixa. Muitas delas, múltiplas vezes, de acordo com a UNRWA (Agência das Nações Unidas para os Refugiados da Palestina, por sua sigla em inglês).

[...]

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj77m54lpj8o>. Acesso em 12 set. 2024.

- a) Como a ideia do “êxodo” poderia estar associada à reportagem que você acabou de ler? Explique.

b) Existe alguma diferença entre refugiados e migrantes? Se sim, qual?

c) Conforme a reportagem, quais países, em 2023, possuíam mais pessoas em situação de refúgio? O que as colocou em tal condição?

d) Quais dados e informações relevantes os três gráficos, mencionados no título e apresentados no corpo do texto, apresentam? Com ajuda do(a) professor(a), acesse o link em que está disponível a reportagem para explorar os gráficos interativos e responder à questão “d”.

e) A reportagem menciona, também, a situação dos deslocamentos e fugas no Sudão e da Faixa de Gaza. Em grupos, pesquisem e conversem a respeito do que aconteceu ou vem acontecendo nessas regiões. Utilizem sites especializados e confiáveis, como “ACNUR Brasil” (<https://www.acnur.org/br/>). Após as pesquisas e discussões nos grupos, compartilhem com toda a turma: o que causou deslocamentos forçados no Sudão e na Faixa de Gaza em 2023?

f) O Brasil, de alguma forma, passa por diversos êxodos. Você já ouviu falar sobre êxodo rural em nosso país? Faça uma pesquisa e anote, em seu caderno, o que você encontrou. Não se esqueça de informar a fonte.

4 O êxodo, de certo modo, também já foi retratado em vários textos literários. Também conhecido como processo migratório, pode revelar facetas de conflitos políticos e/ou econômicos que impactam diretamente a vida de muitas pessoas. Para essas pessoas, trata-se, muitas vezes, de uma aventura dolorosa que se soma à de outras em busca de um novo lugar para recomeçar. Leia, a seguir, um trecho do conto “Sonata da última cidade”, de Renato Modernell.



SALA DE LEITURA

O trecho do conto que será lido foi retirado de um livro chamado “Pátria estranha: histórias de peregrinação e sonhos”. Que tal conhecer um pouco da obra? Se desejar conhecê-la melhor, você poderá verificar se ela está disponível na Sala de Leitura de sua escola para um possível empréstimo.

“A obra reúne contos de Moacyr Scliar, Charles Kiefer, Nelson de Oliveira, Silviano Santiago, Luiz Galdino, entre outros. São histórias de italianos, alemães, japoneses, judeus russos, árabes, ou seus descendentes, nordestinos que migraram para o Sul do país, brasileiros que se expatriaram, temporariamente ou não, para os Estados Unidos, para o Iraque, para o Japão. Na bagagem de todos, um sonho – que aqui é visto sob diversos pontos de vista – revelado em diálogos e pensamentos, situações cômicas e trágicas, encontros e desencontros, fios entrelaçados na memória. Um sonho que, dando nesta coletânea vazão a uma prosa original e vigorosa, implica a busca de uma sensibilidade multifacetada: uma babel de emoções”.



KIEFER, Charles et al. *Pátria estranha: histórias de peregrinação e sonhos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

Sonata da última cidade

Renato Modernell

Ainda que o milagre de San Gennaro não se repetisse esse ano, Umberto Carlini duvidava que o mundo fosse mesmo acabar com a chegada do cometa. Mas no fundo talvez não descartasse a possibilidade de uma grande desgraça. Em 1835, com dez anos de idade, seu pai vira o Halley brilhar no céu da Itália – e foi precisamente nesse ano que a epidemia de cólera devastou Nápoles. Quando criança, Umberto ouvira inúmeras vezes a história dessa catástrofe com todos os seus detalhes mais macabros. Nunca poderia esquecê-la. Ela ficara em sua memória atrelada ao gosto da pastiera e ao cheiro do mar de Nápoles.

Agora que ele estava do outro lado do oceano, no outro hemisfério da Terra, e setenta e cinco anos haviam passado desde a última e devastadora aparição do cometa. Seu filho Carmelo completara dez anos, a idade de seu pai naquela época. Umberto havia se dado conta dessa coin-

cidência por mero acaso, mas depois disso uma estranha inquietude o invadira. Pela primeira vez na vida, descobriu-se ansioso para que o sangue de San Gennaro se tornasse líquido no outono.

Foi ainda antes do carnaval que levou Carmelo para passear no Jardim da Luz e decidiu que ele estava na idade de saber tudo, por mais indigesta que pudesse ser aquela conversa para um menino de dez anos. Primeiro, contou-lhe o que lembrava a respeito da tragédia de Nápoles, à qual seu avô sobrevivera quase por milagre. Depois, tentou fazê-lo entender o que era um cometa.

Finalmente, transmitiu ao menino aquelas velhas revelações da cartomante do San Gottardo e acabou conseguindo explicar, com alguma dificuldade, que toda a história da família no Brasil não passava do mero enredo de um certo livro. Um livro cujo autor ele talvez nunca viesse a conhecer. Um livro que ele nunca leria, pois provavelmente só ficaria pronto depois que o cometa voltasse ainda uma próxima vez, no ano de 1986. Carmelo arregalou os olhos. Comovido, Umberto abraçou o filho e tratou de tranquilizá-lo, pedindo que ele não se preocupasse, afinal aquilo não era nada de tão terrível assim, só uma curiosidade, e que ele parasse de chorar porque homem não chora. Estava correndo o risco de aparecer chorando no livro, diante dos leitores. Carmelo engoliu os soluços. Umberto comprou-lhe um sorvete. Quando o trem apitou de novo na Estação da Luz, ele já estava arrependido de ter contado aquilo tudo tão cedo ao menino. Mas era tarde demais. Fato consumado. E agora era ele quem chorava por dentro. Com seus ácidos e enzimas, evidentemente, não com lágrimas.

[...]

(MODERNELL, Renato. Sonata da última cidade In: KIEFER, Charles et al. Pátria estranha: histórias de peregrinação e sonhos. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 73-74).

- a) No trecho lido, que aspectos culturais do país de origem do narrador você consegue identificar? Cite, ao menos, um.

- b) É possível observar por que motivo o narrador precisou sair de sua terra natal? Explique-o.

c) Há alguma aventura vivida pelo narrador no novo local em que passou a morar? Se sim, qual?

d) Estabeleça as diferenças entre as linguagens empregadas no conto, na reportagem e nas fotografias vistas nesta Unidade.

e) Por se tratar de um texto narrativo e de memória, alguns aspectos linguísticos podem ser observados, tais como:

() Verbos no tempo passado ou pretérito.

() Presença de personagens.

() Espaços.

() Tempo (cronológico ou psicológico).

() Recursos próprios da linguagem literária, tais como: metáfora, comparação, ironia, humor etc.

f) Você leu apenas um trecho do conto. Como acredita que ele deveria terminar? Escreva um parágrafo conclusivo, propondo um possível desfecho para o conto.



SALA DIGITAL

Autor(es): Instituto Pirlampos, UNICEF Brasil
 Data da publicação: Outubro de 2020
 Idiomas: Português, Espanhol

“Este livro é um convite para embarcar no universo de cada criança e cada adolescente que, com generosidade, nos confiou um pouco de sua história. No amarelo, azul e vermelho presentes em tantos desenhos, uma pista do carinho pela terra natal, Venezuela. No verde, azul e amarelo, a esperança de uma nova morada: o Brasil. São tantos ônibus desenhados, tantas estradas representadas que não nos sobra dúvida de que, nessa maleta de sonhos, já foram muitos os caminhos percorridos. [...]”

Florence Bauer, representante do UNICEF no Brasil

Com orientação do(a) professor(a), organizem-se em grupos para ler alguns relatos do livro “Quando eu saí de casa...”. Escolham o que mais gostaram para compartilhar no coletivo. Após leitura e conversa nos grupos, compartilhem com os(as) colegas e professor(a) qual depoimento lido mais lhes chamou a atenção e o porquê.

Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/10901/file/quando-eu-sai-de-casa.pdf>. Acesso em 12 set. 2024.

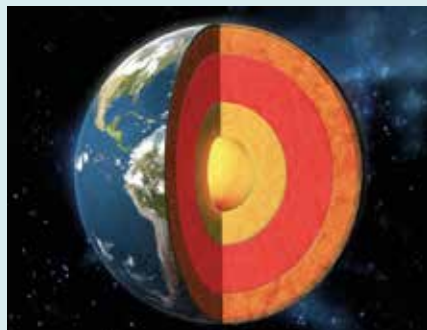
g) Compartilhe com os colegas os finais de conto que vocês produziram.

ATIVIDADE 3 – Aventuras narradas: um olhar para os clássicos universais



RODA DE CONVERSA

Disponível em: <https://museum.com.br/wp-content/uploads/2020/06/A+-e%C3%B3pia.jpg>. Acesso em 12 set. 2024.



É possível
 chegar ao
 CENTRO DA TERRA?

- 1 Juntamente com professor(a) e colegas, discutam e tentem responder à seguinte pergunta: Você sabia que as discussões científicas podem estar presentes na ficção? Leia, a seguir, um trecho do romance de aventura e ficção científica *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne:

Viagem ao centro da Terra

[...]

A essa altura meu mau humor já tinha amenizado, afinal, pensava eu, o máximo que faremos será descer ao fundo da cratera de um vulcão extinto. Quanto à existência de uma galeria que conduzisse ao centro da Terra, só poderia ser pura imaginação.

Após algumas horas de viagem, Hans mostrou para meu tio um barco e falou sobre a maré. Percebi que era necessário aguardar um momento certo da maré para se iniciar a travessia do fiorde¹. Esse momento só chegou às seis horas da tarde. Nós três, dois outros viajantes e os quatro cavalos tomamos lugar nessa embarcação frágil.

Levamos uma hora para atravessar o fiorde. Quando chegamos a Gardar já deveria ser noite, mas na Islândia durante os meses de junho e julho o sol não se põe. Sem muita demora chegamos ao lugarejo de Alftanes, uma milha mais adiante. Sábado, 20 de junho, chegávamos a Búdir, onde a própria família de Hans nos ofereceu hospedagem.

Stapi era a última etapa da nossa viagem. Hans contratou três islandeses para substituir os cavalos e nessa ocasião meu tio definiu até onde esses homens nos acompanhariam e disse ao nosso guia sua intenção de conhecer o vulcão até os últimos limites. O guia apenas inclinou a cabeça no sentido afirmativo.

Agora uma preocupação se aproximava de mim. E se Saknussem realmente falara a verdade? Ficaríamos perdidos numa das galerias do vulcão. Por sinal, nada prova que ele está extinto e que, de uma hora para outra, não poderá despertar. Resolvi expor meus problemas a meu tio.

— Também pensei nisso, caro Axel. As erupções são sempre precedidas por fenômenos conhecidos. Assim, interroguei os habitantes da região e posso lhe garantir, meu querido sobrinho, que não haverá qualquer erupção.

Não foi preciso muito para ele encontrar meios científicos que o fizessem estar certo. Mais uma vez tive que concordar com ele. No dia seguinte, 23 de junho, deixamos a aldeia de Stapi e seguimos rumo ao Sneffels. Esse vulcão tem a altura de cinco mil pés. Do nosso ponto de partida

1 golfo estreito e profundo, em certas regiões do Norte da Europa.

não podíamos ver o seu duplo cone que se perfilava² no fundo cinzento do céu. Nosso caminho se tornava mais difícil à medida que caminhávamos em direção ao Sneffels. O solo formava declive, as rochas separavam-se e todo o cuidado era necessário para evitar quedas perigosas.

Ao subir as encostas do Sneffels, seu cume me parecia muito próximo, mas foi preciso longas horas de marcha para atingi-lo. No meio de um vasto tapete de neve que se estendia no alto do vulcão, uma escada de pedras surgiu para facilitar nossa subida. Às sete horas da noite tínhamos escalado os dois mil degraus da escada. No entanto, Hans achou inconveniente passarmos a noite nas encostas do cone. Cinco horas foram gastas para subir mil e quinhentos pés que faltavam e às onze horas da noite atingimos o cume do Sneffels.

Encontrávamo-nos no cimo³ de um dos dois picos do vulcão, o do sul. Foi então que meu tio perguntou ao guia qual o nome que os islandeses dão a esse pico. Hans imediatamente respondeu:

— Scartaris.

Com um olhar triunfante, meu tio dirigiu-se a mim e disse:

— À cratera!

A cratera do Sneffels representava um cone invertido, e eu calculava sua profundidade em dois mil pés. Ao descermos, Hans ia à frente e avançava com extrema preocupação. Apesar das dificuldades desse trajeto, não houve nenhum incidente e ao meio-dia havíamos chegado. No fundo da cratera abriam-se três chaminés, pelas quais o núcleo central expelia as suas lavas e os seus vapores no tempo de erupções. Meu tio fez um rápido exame da situação delas e eu mal tinha coragem para olhar.

De repente, ouvi um grito. Era do professor.

— Axel, venha correndo! — dizia num tom de espanto e alegria.

Corri para perto dele, que apontava para um rochedo colocado no centro da cratera. A evidência tomou conta de mim. Na face ocidental do bloco, em caracteres rúnicos semirroídos pelo tempo, estava escrito: Arne Saknussemm. Não disse nada. Ignoro por quanto tempo fiquei mergulhado em minhas reflexões. Quando voltei ao normal, vi meu tio e Hans despedirem-se dos três islandeses, que agora voltavam a Stapi.

Nossa primeira noite no fundo da cratera foi tranquila. O amanhecer foi nublado e permaneceu assim o dia todo. Nem liguei para a raiva do meu tio, pois em mim nascia a esperança de que a viagem poderia terminar logo. Havia três caminhos abertos aos nossos pés e só um deles foi

2 traçar o perfil.

3 cume; pico.

seguido por Saknussem. Segundo o sábio, esse caminho devia ser reconhecido através do pico agudo, cuja sombra, num determinado momento e dia de junho, marcaria o caminho para o centro da Terra. E, caso o Sol não aparecesse, não haveria sombra nem indicação. Estávamos no dia 25 de junho e se o céu continuasse encoberto durante seis dias seria preciso esperar mais um ano.

Mal posso descrever o estado de raiva em que ficou meu tio. Sua cólera durou até o dia 27. No domingo, 28 de junho, com a mudança da Lua, o Sol fez incidir os seus raios sobre a cratera. Ao meio-dia a sombra foi dar na beira da chaminé central.

Entusiasmadíssimo, ouvi o professor falar:

— É aquela! O caminho para o centro da Terra.

Agora começava a verdadeira viagem. A descida começou na seguinte ordem: o guia, meu tio e eu. Meia hora mais tarde chegávamos à superfície de um rochedo incrustado na parede da chaminé. Um pouco depois atingíamos uma nova profundidade de duzentos pés. Pelos meus cálculos, passaram-se onze horas até chegarmos a dois mil e oitocentos pés.

[...]



Exemplo de Fiorde

VERNE, Julio. Adaptação de Lillian Cristina Viveros. **Viagem ao centro da Terra**. São Paulo: Rideel, 2009, p. 19-22.

- a) Você acabou de ler um trecho de um texto literário (romance), que foi escrito em 1864. Por que ele pode ser classificado como um romance de aventura? Explique.

- b) Até agora, falamos sobre vários tipos de viagens. Qual seria a motivação para a viagem realizada pelas personagens?

- 2 Juntamente com o(a) professor(a), leia o artigo de divulgação científica a seguir e, depois, responda às perguntas:

Viagem ao centro da Terra

Como é possível descobrir o que há no interior de nosso planeta?

Um jovem e seu tio resolvem viajar ao centro da Terra. Dirigem-se, então, à cratera de um vulcão na Islândia, que acreditam ser a porta de entrada para o interior do planeta. Na incrível aventura, encontram um mundo subterrâneo repleto de surpresas que vão de oceanos a dinossauros. Parece fantástico? E é, mas trata-se apenas de uma história de ficção. O livro *Viagem ao centro da Terra*, do francês Julio Verne, não se aproxima nem um pouco da realidade.

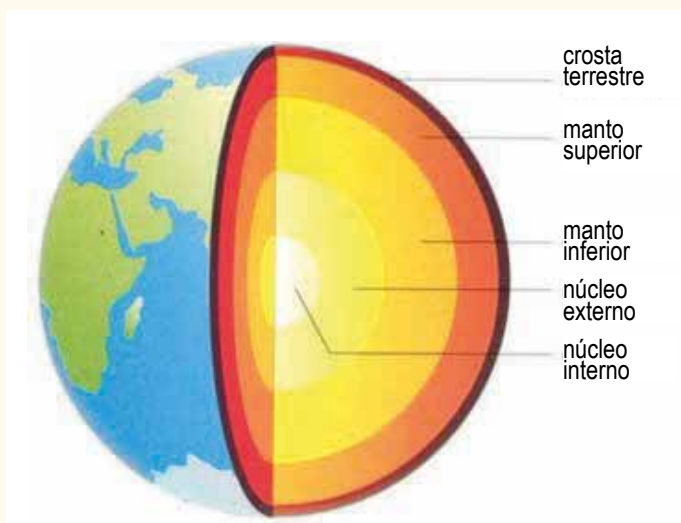
Até hoje, quase 150 anos depois do lançamento do livro, enveredar-se pelo interior do planeta é impossível para o homem e, ainda que a viagem se tornasse real, o que encontraríamos seria bem diferente.

A Terra é dividida em três partes principais: núcleo, manto e crosta. O núcleo é formado por ferro e níquel, metais que aparecem em estado sólido na parte mais interior e líquido na camada externa. Ao todo, o núcleo tem cerca de 7 mil quilômetros de diâmetro e corresponde a um terço da massa total do planeta.

“A segunda camada, que fica entre o núcleo e a crosta, é chamada de manto. Ela tem 2,9 mil quilômetros de espessura e é composta principalmente de silicato de magnésio e ferro”, conta o geólogo Roberto Cunha, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao contrário do que muita gente pensa, o manto é sólido, e não líquido. “Em alguns locais, quando ocorre uma diminuição da pressão ou um aumento de temperatura – durante um terremoto, por exemplo –, uma pequena porção do manto pode se fundir, dando origem à lava dos vulcões”, explica o pesquisador.

A Terra tem, no total, 12,7 mil quilômetros de diâmetro. Sua estrutura está dividida em crosta (a parte mais externa), manto e núcleo.

Por fim, a última camada é a crosta terrestre, onde nós vivemos. Roberto explica que a espessura da crosta varia entre cinco quilômetros, no fundo dos oceanos, até mais de 80 quilômetros, nos continentes. É nessa camada que se encontram rochas como granito e basalto.



CHAGAS, Catarina. *Viagem ao centro da Terra*. Disponível em: <http://chc.org.br/viagem-ao-centro-da-terra/>. Acesso em: 12 set 2024.

a) Segundo o artigo de divulgação científica da revista “Ciência Hoje”, por que não é possível alcançar o centro da terra?

b) Como os cientistas buscam representar as condições interiores do nosso planeta?

c) Qual é a função do uso de aspas no artigo de divulgação científica?

	Destacar o uso de uma expressão informal.
	Destacar o uso de uma expressão de língua estrangeira.
	Destacar que se trata da fala de alguém.

d) Qual é a definição do termo “geólogo”? Se necessário, pesquise em um dicionário físico ou digital.

e) Para o artigo de divulgação científica, por que é importante citar falas de um geólogo?

f) Em que medida a atividade de um geólogo aproxima-se das ações das personagens no romance de Júlio Verne? Explique com suas palavras.

- 3 Embora o romance de Júlio Verne e o artigo de divulgação científica tratem, aparentemente, do mesmo assunto, há pontos diferentes e parecidos a serem considerados. Quais são eles? Aponte-os:

	Romance de aventura	Artigo de divulgação científica
Propósito comunicativo/ finalidade e produção do texto?	() entreter () divulgar	() entreter () divulgar
Domínio discursivo/esfera de circulação do texto?	() literário () jornalístico	() literário () jornalístico
Tipo textual predominante?	() narrativo () expositivo	() narrativo () expositivo
Suporte (mídia de sustentação) utilizado para fazer circular o texto?	() impresso () digital () impresso e digital	() impresso () digital () impresso e digital
Registro linguístico?	() formal () informal	() formal () informal
Tempo verbal predominante?	() Presente () Passado () Futuro	() Presente () Passado () Futuro

- 4 Você já leu um clássico universal? Ítalo Calvino, um grande autor italiano, escreveu um livro que intentava, entre outras coisas, responder à seguinte dúvida: “Por que ler os clássicos”. Para isso, ele apresentou uma definição com 14 frases interligadas do que seria, para ele, um clássico. Leia-as a seguir:

POR QUE LER OS CLÁSSICOS

Começemos com algumas propostas de definição.

1. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”. (CALVINO, 2007, p. 9)

2. Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. (CALVINO, 2007, p. 10)

3. Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras na memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 2007, p. 10)

4. Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.

5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.

A definição 4 pode ser considerada corolário desta:

6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.

Ao passo que a definição 5 remete para uma formulação mais explicativa, como:

7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 2007, p. 11)

8. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente a repele para longe. (CALVINO, 2007, p. 12)

9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos. (CALVINO, 2007, p. 12)

10. Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs. (CALVINO, 2007, p. 13)

11. O “seu” clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele. (CALVINO, 2007, p. 13)

12. Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes de outros e depois lê aquele reconhece logo o seu lugar na genealogia. (CALVINO, 2007, p. 14)

13. É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo.

14. É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível. (CALVINO, 2007, p. 15)

- 5 Procure, em dicionários ou outras fontes confiáveis, significados possíveis para a palavra “clássico”:

CLÁSSICO	Fonte:
----------	--------

- 6 Confronte a leitura das definições de Calvino, sua pesquisa e o que você sabe a respeito da palavra “clássico”. Por que, de alguma forma, *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne, poderia ser considerado um clássico?

- 7 Veja o que Calvino diz como possibilidade de um clássico: “11. O “seu” clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele”. Que livros lidos por você poderiam ser considerados um clássico? Cite, ao menos, um e explique por quê.

ATIVIDADE 4 – O direito à leitura: a conquista de novas aventuras



RODA DE CONVERSA

Leia as sinopses do filme *Náufrago* e do livro *As aventuras de Robinson Crusóe*. Em seguida, discuta com colegas e professor(a) as questões propostas:

Data de lançamento: 26 de janeiro de 2001 (2h 23min)

Direção: Robert Zemeckis

Elenco: Tom Hanks, Helen Hunt, Nick Searcy mais

Gêneros: Aventura, Drama

Nacionalidade: EUA

Classificação: 12 anos

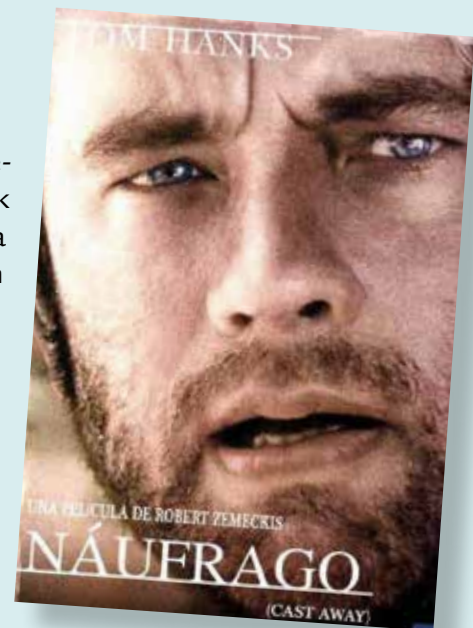
Sinopse:

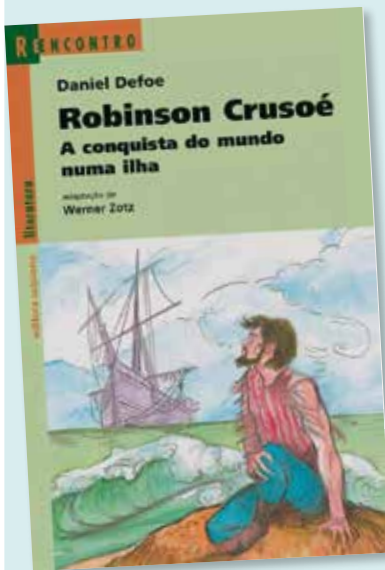
Náufrago é um filme de drama dirigido por Robert Zemeckis e lançado em 2000. O protagonista é Chuck Noland, interpretado por Tom Hanks, um executivo da FedEx que se vê preso em uma ilha deserta após um acidente de avião.

A história começa quando o avião de Chuck cai no Oceano Pacífico durante uma tempestade. Ele é o único sobrevivente e acaba sendo lançado em uma ilha isolada. A partir desse ponto, o filme narra a luta de Chuck pela sobrevivência em condições extremas. Ele precisa aprender a obter comida, água e abrigo, além de enfrentar desafios emocionais ao lidar com a solidão e o desespero.

A narrativa é centrada na jornada física e emocional de Chuck enquanto ele tenta encontrar uma maneira de escapar da ilha. Durante o tempo que passa lá, ele desenvolve uma relação especial com uma bola de vôlei que ele chama de “Wilson”, usando-a como sua companhia e confidente.

O filme é elogiado por sua representação realista da luta pela sobrevivência e pelo desempenho notável de Tom Hanks, que recebeu uma indicação ao Oscar por sua atuação. *Náufrago* explora temas como isolamento, resiliência, esperança e a força do espírito humano diante de adversidades.





Editora: Scipione
Coleção: Reencontro Literatura
Segmento: Literatura juvenil
Ano Escolar: 6o ao 7o anos
Edição: 18
Nº de Páginas: 120

Robinson Crusoe é um romance clássico escrito pelo autor inglês Daniel Defoe e publicado pela primeira vez em 1719. A obra é inspirada em histórias reais de naufragos da época..

O protagonista, Robinson Crusoe, é um homem inglês que decide desafiar as vontades de sua família e seguir sua própria paixão pelo mar. Após várias aventuras e infortúnios, Crusoe acaba naufragando em uma ilha deserta. Ele é o único sobrevivente do naufrágio e

encontra-se isolado, tendo que aprender a sobreviver em um ambiente hostil.

A narrativa detalha a jornada de Crusoe enquanto ele constrói abrigo, encontra fontes de alimento, enfrenta os desafios da solidão e lida com seus próprios conflitos emocionais. A história também destaca a habilidade inventiva de Crusoe, que utiliza os recursos limitados da ilha para criar ferramentas e suprimentos essenciais para sua sobrevivência.

Um dos elementos mais icônicos do romance é o encontro de Crusoe com um nativo da ilha, chamado Sexta-Feira, a quem Crusoe resgata de outros nativos hostis. A relação entre Crusoe e Sexta-Feira representa a convivência entre culturas diferentes e a importância da cooperação.

Robinson Crusoe explora temas como a resistência humana, a solidão, a autorreflexão e a busca pela redenção. O livro é uma narrativa cativante que tem resistido ao teste do tempo, continuando a ser lido e apreciado por gerações de leitores.

SME/COPED/DIEFEM

- Embora estejam distantes no tempo e no espaço, o que há em comum entre o filme e o livro?
- Você conhece outros enredos (de filmes ou livros) em que a temática de “perdido em uma ilha ou qualquer outro local deserto” tenha sido abordada? Qual(is)?
- Por que o filme está classificado no gênero aventura?
- Em que medida os enredos, brevemente tratados nas sinopses, assemelham-se com os do livro “Viagem ao centro da Terra”?



PARA SABER MAIS

Você sabia que, recentemente, lançaram um filme de animação intitulado *As aventuras de Robinson Crusoe*? A animação é uma releitura do livro de Daniel Defoe. Se possível, assista ao *trailer* da obra:

Data de lançamento 1 de dezembro de 2016 (1h 30min)

Direção: Vincent Kesteloot

Elenco: Matthias Schweighöfer, Aylin Tezel, Marieve Herington mais

Gêneros Animação, Família, Aventura

Nacionalidades Bélgica, França

Classificação: Livre

As aventuras de Robinson Crusoe é um filme de animação dirigido por Vincent Kesteloot e Ben Stassen. Lançado em 2016, o filme é uma adaptação livre do clássico romance *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe.

A história começa quando um papagaio exótico chamado Terça-feira e seus amigos coloridos vivem em uma ilha tropical desabitada. Terça-feira, curiosa e aventureira, sonha em explorar o mundo além da ilha. Seu desejo se torna realidade quando uma tempestade traz Robinson Crusoe, um náufrago humano, para a praia. Inicialmente, os animais ficam apreensivos com Robinson, mas Terça-feira rapidamente forma uma amizade com ele. Robinson, por sua vez, vê na companhia dos animais uma oportunidade de sobreviver e tornar a ilha um lugar mais confortável. Juntos, eles enfrentam desafios e perigos, aprendendo a conviver e a superar as diferenças entre as espécies.

A história é uma jornada emocionante de amizade, aventura e descoberta, onde Robinson Crusoe e seus novos amigos aprendem a trabalhar juntos para superar obstáculos e encontrar um lar. O filme tem uma abordagem leve e familiar, repleta de humor e mensagens positivas sobre cooperação e aceitação das diferenças.



SME/COPED/DIEFEM

- 1 Agora, leia o trecho a seguir de um romance de aventura de Daniel Defoe, intitulado, originalmente, como *As aventuras de Robinson Crusoe*:

As aventuras de Robinson Crusoe

Celebrei o vigésimo sétimo aniversário da minha vida na ilha de modo especial. Tinha muito a agradecer a Deus, agora mais do que antes, já que os três últimos anos foram particularmente agradáveis ao lado de Sexta-Feira. Tinha também o estranho pressentimento de que este seria o último aniversário comemorado na ilha.

O barco estava guardado, em lugar seco e protegido, esperando a época das chuvas terminar para empreender a viagem até o continente. Enquanto aguardava tempo bom para lançar-me ao mar, eu preparava todos os detalhes necessários ao sucesso da jornada: armazenar milho, fazer pão, secar carne ao sol, confeccionaroringas de barro para transportar água... Sexta-Feira andava pela praia, à procura de tartarugas. Voltou correndo, apavorado.

– Patrão, patrão! Três canoas estão chegando com muitos inimigos! Já estão muito perto...

Também me assustei. Não contava com o inesperado: os selvagens não vinham à ilha no tempo das chuvas. Espiei-os do alto da paliçada com os binóculos. Desembarcavam muito próximos do meu castelo, logo depois do ribeirão. O perigo nunca fora tão iminente...

– Não são gente do seu povo, Sexta-Feira?

– Não, patrão. São inimigos. Eu vi direitinho...

– Assim de tão longe? Como é que você sabe?

– Eu sei. São todos inimigos. Talvez, o objetivo de todos eles seja me pegar!

Acalmei-o. Claro que não tinham vindo até a ilha por causa dele! Já se passara muitos anos... Mas, de qualquer forma, o perigo era grande. Estavam tão próximos que poderiam descobrir-nos facilmente. Se quiséssemos ter alguma chance de sobrevivência, precisávamos atacá-los primeiro, quando não esperassem. Era fundamental fazer da surpresa nosso terceiro guerreiro!

– Você pode lutar? — perguntei ao meu companheiro.

– Sexta-Feira pode guerrear sim, patrão!

Basta dizer o que devo fazer...

Carreguei duas espingardas e quatro mosquetes com chumbo grosso para dar a impressão de muitas balas. E preparei ainda duas pistolas. Reparti as armas de fogo com Sexta-Feira e rumamos para o acampamento dos antropófagos.

Eu levava também a espada, presa à cintura, e meu companheiro, seu inseparável machado. Protegidos pelas árvores, chegamos a menos de quarenta metros do inimigo. Na hora, não pude contá-los todos. Posteriormente, somando os mortos e os fugitivos, descobri que eram vinte e um. As chamas da fogueira já ardiam, como línguas vorazes à espera da gordura humana, que pingava de membros e partes cortadas para alimentar sua gula.

Eu relutava em atacá-los. Estava mesmo disposto a aguardar o máximo possível, escondido no meio do bosque. E, se descobrisse que iriam embora sem andar muito pela ilha, deixá-los-ia voltar sem importuná-los.

O grupo todo encontrava-se ocupado em soltar as cordas que prendiam mãos e pés de um prisioneiro. Por fim, desmancharam a roda que ocultava o condenado à morte e o arrastaram para perto do fogo. Meu Deus, o prisioneiro era um homem branco! Não, não iria aguardar os acontecimentos. Um homem cristão como eu estava prestes a ser devorado por selvagens antropófagos... Na minha ilha. Eu não podia deixar aquela bestialidade prosseguir! Fiz sinal a Sexta-Feira. Estava pronto? Então que atirasse com a espingarda, que seguisse meu exemplo...

– Agora, Sexta-Feira! — berrei.

Os dois tiros ecoaram simultaneamente. Por um instante, o mundo parou. Horrorizados, os selvagens viram vários dos seus guerreiros caírem sem vida. Não conseguiam compreender de onde vinha a morte. As espingardas, carregadas com chumbo grosso, provocaram um enorme estrago entre os inimigos: cinco caíram mortos, três outros feridos. [...]

O mundo então pareceu vir abaixo: a praia virou um enorme pandemônio. Tínhamos sido descobertos, mas ainda assim os selvagens não se atreviam a atacar-nos. Gritos de guerra e raiva misturavam-se aos de dor dos feridos.

Corri ao encontro do inimigo, Sexta-Feira seguiu atrás de mim. No meio do caminho, já na areia da praia, paramos para garantir a pontaria do tiro do último mosquete carregado. Mais alguns mortos e feridos caíram ao chão. Os que ainda se mantinham em pé não sabiam se corriam ou se lutavam. Fomos ao seu encontro.

Ao passar pelo homem branco, entreguei-lhe minha pistola: podia precisar dela para defender-se. A luta prosseguia, agora num combate corpo a corpo. Matei mais dois, três, quatro — não posso precisar quantos — com a espada. [...] Ainda assim, três inimigos conseguiram saltar dentro de um dos barcos e fugiram para o mar. Dois pareciam ilesos; o outro sangrava, estava gravemente ferido. [...]

Corremos para a outra canoa, encalhada na areia da praia. Antes de fazê-la navegar, descobrimos, deitado no seu fundo, mais um prisioneiro amarrado. De repente, a máscara de guerra, em que se transformara o rosto de Sexta-Feira, tornou-se doce e suave ao avistar o velho homem, imóvel no chão do barco.

Sexta-Feira tratou-o com muito cuidado, dedicação e carinho. Soltou o velho, sentou-o, abraçou-o, apoiou sua cabeça contra seu forte peito, enquanto aflagava com mão de criança seus cabelos... Sem o saber, Sexta-Feira acabara de salvar da morte o seu próprio pai.

Os fugitivos já iam longe no mar. Era inútil persegui-los.

[...]

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**: a conquista do mundo numa ilha. Adaptação para o português: Werner Zotz. São Paulo: Scipione, 1990, p. 85-89.

Vocabulário

Antropófago: ser humano que se alimenta de carne humana.

Bestialidade: comportamento que assemelha o homem à besta (animal); brutalidade, estupidez.

Moringa: vaso de barro bojudo e de gargalo estreito usado para acondicionar e conservar fresca.

Mosquete: arma de fogo similar a uma espingarda.

Paliçada: cerca feita com estacas apontadas e fincadas na terra, que serve de barreira defensiva.

Pandemônio: mistura confusa de pessoas ou coisas; confusão.

2 Que elementos de aventura estão presentes no trecho lido?

3 Leia a definição do gênero “aventura” para o cinema, proposta por Marcos Napolitano:

Aventura – Na aventura, o elemento que predomina é a ação, envolvendo conflitos físicos, opondo o Bem contra o Mal, narrada em ritmo veloz e encenando situações-limite de risco ou morte. Os heróis tendem a encarnar valores ideológicos da cultura que produziu o filme. O objetivo é provocar efeitos físicos e sensoriais na plateia que acompanha as situações-limite.

NAPOLITANO, Marco. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 62.

a) No trecho lido do livro *As aventuras de Robinson Crusóe*, que características da aventura você consegue observar? Indique-as:

	Ação envolvendo conflitos físicos.
	Bem contra o mal.
	Situações-limite de risco ou morte.
	Incorporação de valores ideológicos da cultura do autor (europeia, neste caso).

b) Compare essas mesmas características com aquelas que havíamos utilizado para analisar o romance de aventura *Viagem ao centro da Terra*:

	Coloca o herói frente a frente com ambientes hostis.
	Locais exóticos e relativamente desafiadores.
	Personagens principais, em geral, são jovens.
	Mistura o exagero e o inesperado.
	Leitor implícito jovem ou adolescente.

	Final feliz.
	Ambientes comuns.
	Personagens em viagens.
	Figura de um companheiro fiel.
	Sucessão de aventuras inesperadas.
	Ao final, existe um retorno ao ambiente doméstico.

- c) A obra *As aventuras de Robson Crusóé* poderia ser considerada uma história de aventuras: sim ou não? Por quê?

- d) As narrativas de aventura são delimitadas também por ações extraordinárias de personagens que dão vida a grandes perigos. Escreva o trecho do conto acima que nos mostra parte da aventura de Robson Crusóé.

- e) Em meio a uma história de aventuras, muitas vezes, os fatos só caminham para um desfecho, coerente com a narrativa, levando em conta a figura de uma personagem-herói, de personagens secundárias, elementos da natureza e, até, criaturas do universo “maravilhoso”. Pesquise mais, na internet ou em outros meios de divulgação, sobre as personagens abaixo e tente identificar principais características físicas ou psicológicas de cada uma delas:

Personagens	Descrição
Sexta-feira	
Robinson Crusóé	
Homem Branco	

f) As falas das personagens podem ser introduzidas nos enredos escritos de dois modos:

Discurso direto	Quando a fala da personagem é transcrita literalmente, normalmente, é apoiada por uso de recursos gráficos, como o travessão ou as aspas.
Discurso indireto	Quando a fala da personagem é transcrita a partir da voz de outro, que a reconstrói por meio de seu próprio discurso ou de sua fala.

- Classifique os excertos abaixo, retirados, respectivamente, de *Viagem ao centro da terra* e *As aventuras de Robison Crusóé* em discurso direto ou indireto:

“[...] meu tio [...] disse ao nosso guia sua intenção de conhecer o vulcão até os últimos limites.”

“[...] meu tio perguntou ao guia qual o nome que os islandeses dão a esse pico.”

“— Não são gente do seu povo, Sexta-Feira?

— Não, patrão. São inimigos. Eu vi direitinho...

— Assim de tão longe? Como é que você sabe?

— Eu sei. São todos inimigos. Talvez, o objetivo de todos eles seja me pegar!”

- g) Na obra de Daniel Defoe, quem narra a história também participa dela? Como você chegou a essa conclusão? Explique.
-
-
-
-
-

- 4 Analise as seguintes falas e passagens, retiradas do trecho lido. Descreva uma possível regra para o emprego da vírgula em cada um dos blocos:

BLOCO 1			
<p>— Patrão, patrão! Três canoas estão chegando com muitos inimigos! Já estão muito perto...</p> <p>— Não são gente do seu povo, Sexta-Feira?</p> <p>— Não, patrão. São inimigos. Eu vi direitinho...</p> <p>— Sexta-Feira pode guerrear sim, patrão!</p> <p>— Agora, Sexta-Feira! — berrei.</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>		
	BLOCO 2		
	<p>Matei mais dois, três, quatro [...]</p> <p>Sexta-Feira tratou-o com muito cuidado, dedicação e carinho [...]</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	
		BLOCO 3	
		<p>Eu preparava todos os detalhes necessários ao sucesso da jornada: armazenar milho, fazer pão, secar carne ao sol, confeccionar moringas de barro para transportar água...</p> <p>Soltou o velho, sentou-o, abraçou-o, apoiou sua cabeça contra seu forte peito [...]</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

- 5 Leia algumas explicações para possíveis usos da vírgula. Em seguida, ligue cada uma das explicações com os blocos analisados por você e compare-as com as regras para uso da vírgula que você descreveu:



TOME NOTA

Possível uso da vírgula	Pode estar ligado ao
A vírgula pode ser empregada para enumerar itens de uma lista de palavras afins, por exemplo: “Fui ao mercado e comprei: banana, batata, cebola e cenoura”.	<input type="checkbox"/> Bloco 1 <input type="checkbox"/> Bloco 2 <input type="checkbox"/> Bloco 3
A vírgula pode ser empregada para isolar o vocativo. Do latim, <i>vocare</i> quer dizer chamar. Por isso, é utilizada para separar o vocativo, o termo “chamado”, dos demais elementos da oração. Exemplo: “Colegas, continuem lendo o livro!”	<input type="checkbox"/> Bloco 1 <input type="checkbox"/> Bloco 2 <input type="checkbox"/> Bloco 3
A vírgula pode ser empregada para separar as orações coordenadas assindéticas, ou seja, aquelas formadas por períodos compostos e sem a presença da conjunção “e”. Em geral, o sentido é de acréscimo. Por isso, são utilizadas, com mais frequência, em orações coordenadas aditivas (que acrescentam). Exemplo: “Fui ao banco, passei pela porta giratória, sentei-me em frente ao gerente e aguardei”. Cada verbo indica uma oração que, no exemplo citado, está coordenada pelo uso da vírgula.	<input type="checkbox"/> Bloco 1 <input type="checkbox"/> Bloco 2 <input type="checkbox"/> Bloco 3

Atenção!

A vírgula nunca separa, na oração, o sujeito de um verbo. Havendo necessidade de utilizá-la, o termo isolado passa a ser vocativo. Exemplo:

Juliana estudou muito?

Juliana, estudou muito?

Notou a diferença?

a) Qual(is) regra(s) descrita(s) por você se assemelha(m) ao usos exemplificados na seção “Tome Nota!”?

b) Que outros usos da vírgula ainda representam dúvidas para você? Dê um exemplo.

6 Em 07/04/2008, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) completou 100 anos de existência. Para comemorar essa data, em parceria com o Grupo ABC, a ABI lançou uma campanha que possuía o seguinte slogan: “Uma vírgula muda tudo. ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação”. Com ajuda do(a) professor(a), assista ao vídeo da peça publicitária:



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XTuyz4jm7QM> Acesso em: 22 dez. 2024.

- a) Considerando o *slogan* e a instituição que a produziu, explique possíveis significados para o trecho “que ninguém mude uma vírgula de sua informação”. A que luta esse *slogan* se refere?

- b) Que mudanças de sentido a vírgula operou nas orações em que ela foi empregada na peça publicitária? Explique, ao menos, uma delas.

- c) No texto escrito, a regra da “pausa” para emprego da vírgula não se sustenta. Por isso, há vários usos possíveis para o emprego dessa pontuação. Muitos deles regidos por regras já conhecidas por vocês. Retire, da peça publicitária, um exemplo em que foi empregado o isolamento de um termo para indicar vocativo:

- d) Ainda sobre o uso da vírgula, explique que elementos linguísticos foram utilizados para construir humor no meme abaixo:

A vírgula salvando vidas

Vamos jantar vovô!



Vamos jantar, vovô!



SME/COPED/DIEFEM

ATIVIDADE 5 – Leitura programada para ler literatura mais extensa e de aventura

- 1 Voltando à leitura das narrativas de aventura, na Sala de Leitura de sua escola, procure pelo livro *Kalahari: uma aventura no deserto africano*, de Rogério Andrade Barbosa. Trata-se de uma obra distribuída no Projeto Leituraço, em 2014. Leia o que diz a sinopse:



SALA DE LEITURA

Histórias de aventuras são sempre deliciosas de ler, em especial quando envolvem lugares e situações mencionados nos noticiários internacionais. Que menino, menina ou mesmo adulto não gostaria de se envolver numa trama internacional e, mais que isso, ser o herói da história? *Kalahari – Uma aventura no deserto africano* traz uma história que, pelas circunstâncias sociais e históricas, poderia ter acontecido fora do âmbito da ficção.

Quantos líderes políticos já não sofreram atentados organizados por terroristas ou grupos rivais? Com uma narrativa ágil e repleta de imagens deslumbrantes e quase cinematográficas, o autor faz o leitor embarcar numa trama cheia de emoção e suspense. Logo na introdução do livro, Rogério Andrade Barbosa revela que uma recente viagem à Cidade do Cabo, na África do Sul, o levou a reescrever a obra, originalmente publicada em 1992.

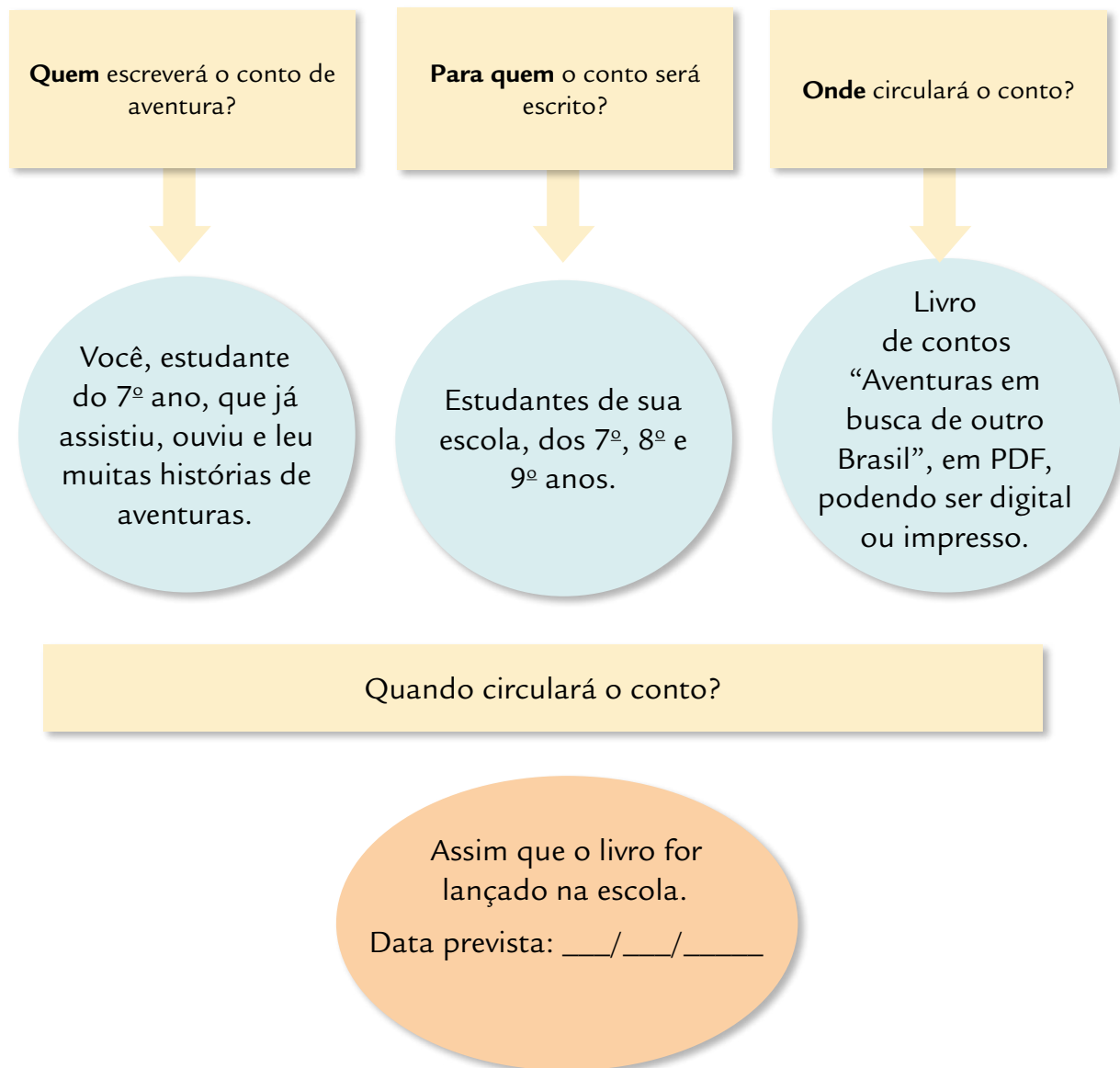
A observação de diversos “aspectos da complexa sociedade sul africana e das transformações políticas e sociais ocorridas no país desde o fim das leis do apartheid” foi a principal motivação do autor.



BARBOSA, Rogério Andrade. **Kalahari**: uma aventura no deserto africano. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/wp-content/uploads/2015/03/KALAHARI.pdf>. Acesso em 18 abr. 2018.

- 2 Ao longo das atividades desta Unidade, você observou que o gênero literário mais extenso é o romance. Em função do modo em que são apresentados, esses gêneros não são lidos como o conto ou a crônica, por exemplo, que possuem uma extensão menor. Eles podem ser lidos em capítulos, por exemplo, e sugerem paradas, retomadas. Ler romances é um verdadeiro desafio e pode ser uma ótima oportunidade de imersão no mundo da ficção. Você lerá um romance infanto-juvenil, de Rogério Andrade Barbosa. As aventuras também estão presentes no livro a ser lido. Por se tratar de um enredo extenso, nesta atividade, o(a) professor(a) vai programar uma leitura que pode se dar de diversas maneiras, mas o importante é saber que você deverá ler juntamente com ele(a). Para isso, combinem a organização desta atividade.

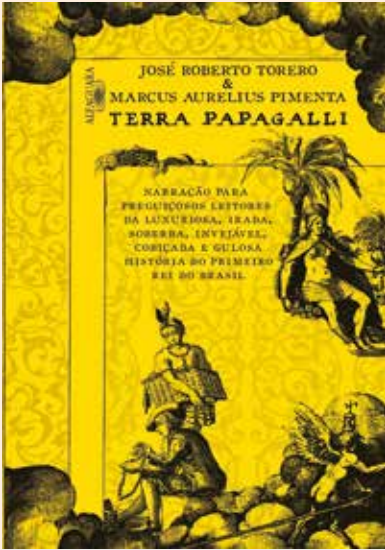
livro de Contos de Aventura que pretende revisitar/recontar supostos “acontecimentos” que estariam ligados ao “descobrimento” do Brasil. Para isso, vamos conhecer o contexto de produção do livro:



- 4 As histórias do descobrimento do Brasil são muitas e comportam diversas versões. Os autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta escreveram um romance de aventuras intitulado: *Terra Papagalli: narração para preguiçosos leitores de luxuriosa, irada, soberba, invejável, cobiçada e gulosa história do primeiro rei do Brasil*. Leia a sinopse da obra e verifique se ela está disponível para empréstimo na Sala de Leitura de sua escola:



SALA DE LEITURA



Décimo mandamento para bem-viver na Terra dos Papagaios: “naquela terra de fomes tantas e lei tão pouca, quem não come é comido”. A sábia conclusão é de Cosme Fernandes, o Bacharel da Cananéia, um dos “degredados” que aqui chegaram nos primeiros anos do descobrimento, cuja vida é recriada com saboroso humor nessa paródia, escrita por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta.

Cosme Fernandes tem muito o que contar sobre suas experiências em terras brasileiras. Ele logo aprendeu que nesta terra é preciso dar presentes sem parcimônia, fazer alarde de qualquer dificuldade, pois aqui vale mais o colorido do frasco que o próprio remédio, que na terra de Santa Cruz não há quem não troque honradez por honraria. Com mordaz ironia, Pimenta e Torero recontam episódios da nossa história, inventam outros tantos, construindo uma narrativa deliciosamente irreverente e crítica.

Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788579620881/terra-papagalli>. Disponível em: 16 set. 2024.

- 5 Uma parte do enredo é escrito em forma de diários. Leia um trecho dos dias 22/04/1500 e 23/04/1500:

22 DE ABRIL

Logo de manhã alguns fura-buxos voaram por sobre as naus e com isso agitaram-se todos, por serem estes sinais da proximidade de terra.

Isto era por volta da hora nona e aconteceu que um soldado deu-me um pontapé e mandou-me ir consertar uma vela que tinha-se rasgado. Subi até o cesto de gávea e então aconteceu algo de que muito me orgulho e demonstra que o Altíssimo, ao menos uma vez, voltou seus grandes olhos para mim. E foi isso que avistei ao longe o cume de um monte e depois dele, logo atrás, umas serras. Com toda a força gritei então: “Terra à vista!”

Olhando para baixo, vi que o convés estava cheio e havia enorme alvoroço, de modo que os degredados, os marinheiros e os padres abraçavam-se, não se importando com hierarquia ou odores.

Navegando naquela direção vimos que se tratava de uma ilha, que o capitão Cabral deu por bem nomear Vera Cruz. Tem ela muito arvoredo e assim nos alegramos e demos graças a Deus, porque nos mandava frutas e água fresca.

Então, com muito gosto, jogamos o resto dos biscoitos ao mar.

23 DE ABRIL

Tendo acordado cedo, fui até a amurada e, estando a admirar o nascer do sol, notei que um marinheiro da nau de Gaspar de Lemos acenava para mim e gritava alguma coisa que eu não entendia. Olhando então com mais cuidado para a praia, vi umas criaturas semelhantes a macacos, que andavam muito eretas e apontavam para nós. Porém, conforme a luz do dia a tudo ia clareando, pude ver que não eram animais e sim oito ou nove homens pintados de carmim e preto, e armados de arcos e flechas.

Passou-se um tempo com muita conversação entre os capitães e então Pedro Álvares ordenou que se baixasse um batel e nele fossem Nicolau Coelho, o escrivão Caminha e alguns soldados para entender-se com aquela gente. Depois, olhando para nós, disse a Nicolau Coelho que escolhesse uns degredados, porque poderia haver precisão. Veio ele até nós e, apontando com o dedo, escolheu a Afonso Ribeiro, João Ramalho e também a mim, o que muito lamentei.

Seguimos então àquela praia, em direitura à boca de um rio. E no que íamos chegando rente à margem vieram eles e agora já eram vinte. Vimos que eram pardos, rijos, altos e estavam nus como na primeira inocência. Pareciam alvoroçados e agitavam seus arcos, falando numa língua que não podíamos entender. Eu tremia muito e esperava que não me escolhessem para ir ter com eles.

Nicolau Coelho olhou para nós, mas vendo que estávamos espremidos uns contra os outros, levantou-se e fez ele mesmo um sinal com as duas mãos para que os selvagens baixassem as armas. Quis Deus Nosso Senhor que eles percebessem a nossa boa intenção e, para alívio nosso, depuseram os arcos.

Com isso animou-se e arremessou o gorro vermelho que usava. Eles o pegaram e pareciam maravilhados com aquela fazenda, porque a puxavam com grande curiosidade e admiração. Nisso veio um até mais perto e jogou seu sombrero de penas em nossa direção. Foi esta troca de chapéus a primeira relação que com esses estranhos seres tivemos.

Nicolau Coelho então deu ordem que fôssemos ficar no meio daquela gente. Fui o primeiro a sair do bote e quando pus os pés na areia, tive toda a certeza de que iriam matar-me. Eles, porém, mostraram-se pacíficos e apenas queriam tocar os nossos corpos, mexendo em nossa roupa e puxando nossas barbas. Muitas palavras nos disseram, mas

não podíamos decifrar sua razão e o pouco entendimento que deles tiramos veio dos gestos e sinais que fizemos.

Quando voltamos à nau, eu, Afonso Ribeiro e João Ramalho mentimos muito, dizendo que não sentimos medo e que até gostaríamos de lá voltar amanhã.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Terra Papagalli**: narração para preguiçosos leitores de luxuriosa, irada, soberba, invejável, cobiçada e gulosa história do primeiro rei do Brasil. São Paulo: Objetiva, 2000, p. 37-38.
Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788579620881/terra-papagalli>

6 Agora, a fim de buscar outras fontes para indícios históricos do Brasil, leia o seguinte trecho:

Brasil

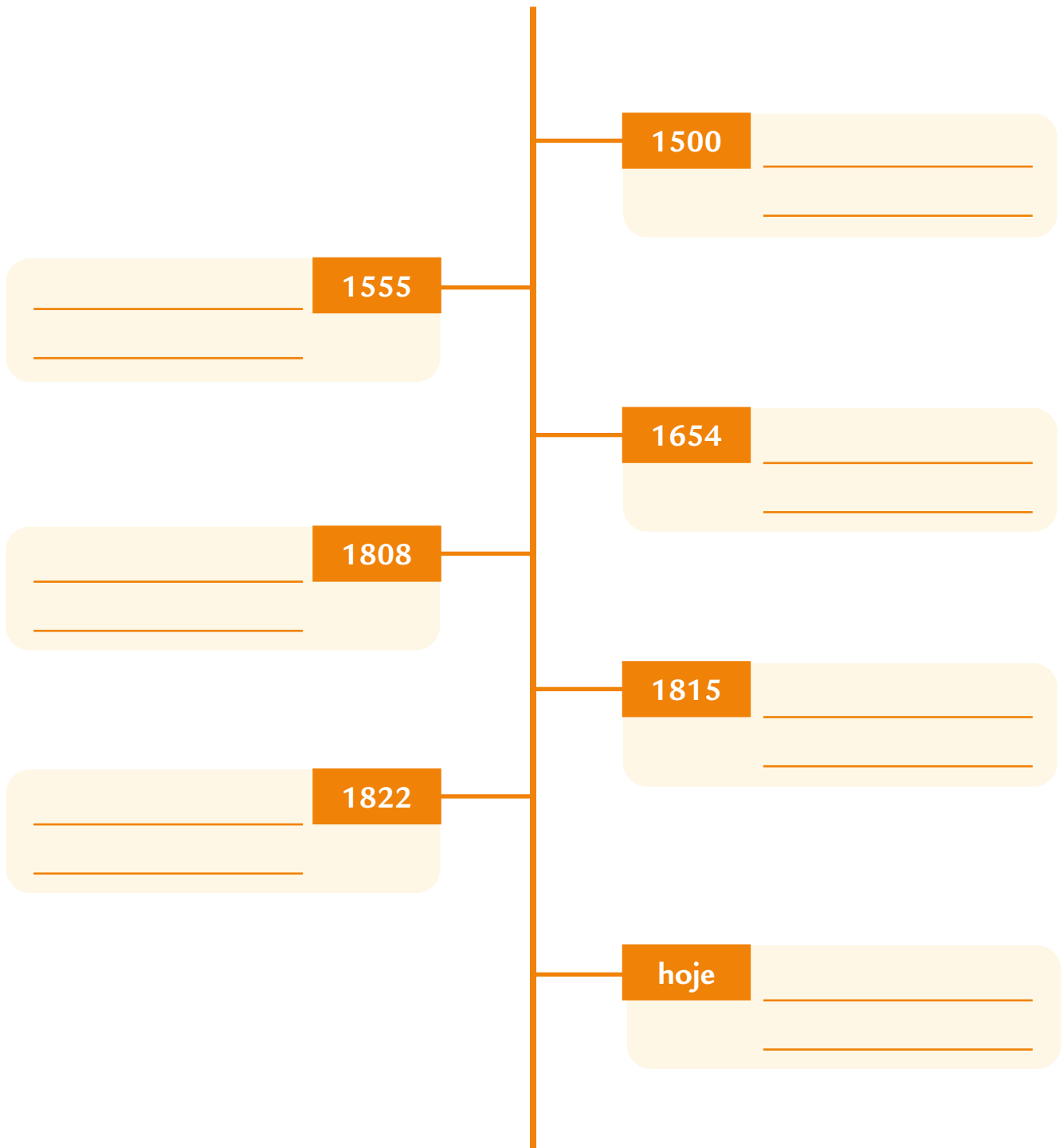
História

Os navegadores portugueses desembarcaram no Brasil em 1500, liderados por Pedro Álvares Cabral, transformando o território originalmente habitado por indígenas em uma colônia da coroa portuguesa. Entre 1555 e 1654, a região foi alvo de invasões francesas e holandesas, nas áreas que atualmente correspondem ao Rio de Janeiro, Maranhão, Pernambuco e Bahia. As investidas foram resistidas por revoltas populares, envolvendo tanto colonizadores portugueses quanto escravos negros e indígenas, e também por acordos entre os reinos envolvidos.

Em 1808, a corte portuguesa mudou-se de Lisboa para o Rio de Janeiro devido à invasão francesa comandada por Napoleão Bonaparte. Em 1815, o Brasil tornou-se um reino unido a Portugal. A independência foi proclamada em 1822, e a nação evoluiu para uma monarquia constitucional parlamentarista, denominada Império do Brasil. Dois anos depois, foi promulgada a primeira Constituição. A transição para a república ocorreu em 1889 por meio de um golpe militar. Atualmente, o Brasil é uma República Federativa Presidencialista, com a União, Estados e municípios exercendo poderes distintos e independentes. O Presidente da República, eleito pelo povo a cada quatro anos, acumula as funções de Chefe de Estado e Chefe de Governo. Os Estados desfrutam de autonomia política, e o sistema político é multipartidário, permitindo a formação legal de vários partidos.

Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/countryinfo.html>. Acesso em 18 fev. 2018. (Adaptado).

a) Preencha a linha do tempo com as informações contidas no texto anterior:



- b) Pesquise sobre o mesmo momento histórico em outras fontes e faça anotações importantes que podem ser utilizadas para fomentar o enredo do seu conto.

Informações importantes	
	Fonte:

- c) Com vocês, o(a) autor(a)!

Considerando os contextos e as fontes pesquisadas, produza um conto de aventura em que você revise elementos contextuais já explorados em relação ao descobrimento, resignificando-os e adequando-os às características de uma narrativa de aventura, mais precisamente um conto.

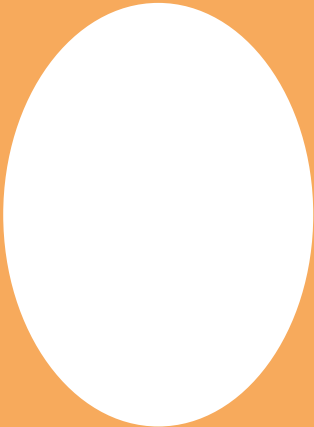

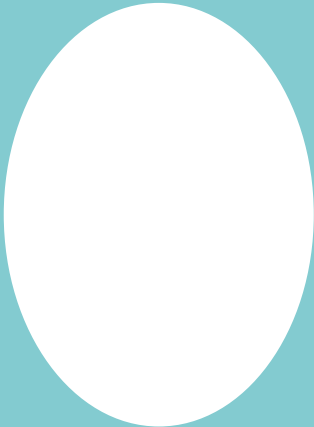
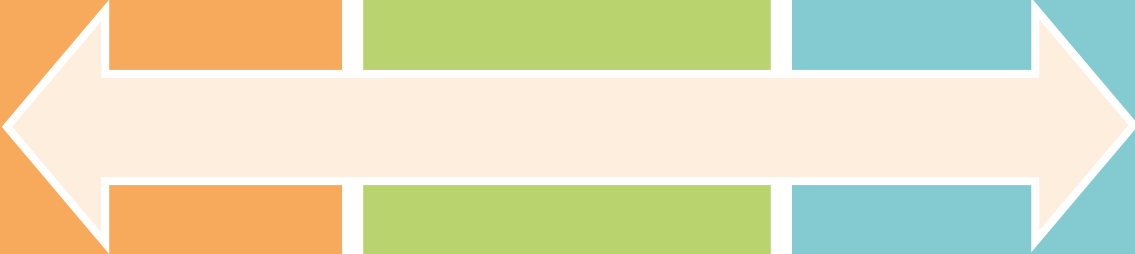
d) Planejamento do conto de aventura:

Agora, vamos planejar a redação do texto! Ao escrevermos um texto bem articulado, é necessário, primeiramente, organizarmos nossas ideias.

Veja o roteiro abaixo e preencha-o antes da escrita da 1ª versão do texto:

Perguntas orientadoras	Definições	Seu texto
O quê?	Conflito inicial para formação do enredo.	
Como?	Organização do desenrolar dos fatos.	
Onde?	Local ou locais da narrativa.	
Quando?	Tempo, época, momento em que se passa o enredo.	
Por quê?	Conflito motivador para a aventura.	
Por isso...	Consequência do conflito, desfecho do conto.	

Roteiro para planificação das personagens:

		
PROTAGONISTA	SECUNDÁRIAS	ANTAGONISTAS
<hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/>
		

- e) Agora que já temos todas as informações organizadas, vamos produzir a 1ª versão do texto. Utilize o espaço da página 229 para a primeira versão do seu texto. Revise seu texto seguindo os critérios da página 230 e, por último, escreva sua versão final na página 231.

AUTOAVALIAÇÃO

- () Conheci parte do trabalho de Mozart Vieira e Sebastião Salgado?
- () Entendi a diferença entre um curta-metragem, longa-metragem e documentário.
- () Conheci narrativas de aventura e identifiquei características do desse gênero textual.
- () Escrevi e revisei minha própria narrativa de aventura.



UNIDADE 4

Comentários digitais: um direito à voz individual ou coletiva?

Ao final desta Unidade você aprenderá a:

- caracterizar elementos textuais e discursivos ligados aos usos que fazemos dos espaços digitais.
- ler, compreender e posicionar-se diante de textos multimodais.
- explicitar a relação de interlocução: locutor, texto, contexto e interlocutor universal.
- apontar as diversas formas que nossa língua assume na Internet, a partir de alguns gêneros e expressões comunicativas próprias do mundo digital.
- reconhecer as discussões que envolvem o ativismo digital.
- produzir comentários digitais como respostas/ posicionamentos a textos lidos.



Em nossa última Unidade, adentraremos no cenário digital como meio de interação de enorme proporção e participação social. Para tanto, falaremos sobre alguns usos característicos dos usuários da web e os relacionaremos ao funcionamento da nossa língua e das linguagens, uma vez que elas retratam uma interação sócio comunicativa do mundo em que vivemos. Pensando nisso, discuta com colegas e professor(a):

- ao navegar na internet e, principalmente, nas redes sociais, você costuma postar comentário a respeito do que leu ou assistiu?
- com que frequência você lê comentários postados por internautas?
- como costuma reagir a eles?
- você conhece ou se lembra de algum comentário que tenha repercutido muito nos espaços virtuais em que você circula?
- que lugar os comentários digitais têm cumprido em nossa sociedade?
- por que é importante discutir a presença dos comentários digitais em nossas aulas de Língua Portuguesa?

Redes Sociais
50 MB



ATIVIDADE 1 - Comentários na web: em que mundo nós estamos falando?



RODA DE CONVERSA

Agora, com o(a) professor(a) e os(as) colegas, observem os textos abaixo e, em seguida, discutam com base nas questões propostas:



Já fui xingado na rede social e ameaçado por pessoas que eu nem conhecia. Na época, fiz um comentário criticando um jogo e um jogador especificamente. Eis meu crime! Fiquei dez minutos longe do computador e, quando voltei, estavam me ofendendo e dizendo que me encontrariam para “me dar uma lição”. O que escrevi se espalhou, de forma distorcida. Claro, chegou ao conhecimento do próprio jogador que veio tirar satisfação, me chamando de covarde. Quando revelei o que realmente havia escrito ele notou o contexto e o mal-entendido. Uma confusão que começou com uma calúnia, uma informação mal interpretada e espalhada virtualmente.



Após publicar desenho sobre linchamento, chargista é atacado nas redes sociais.

Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/73236/apos>

- Que fatos sociais teriam motivado a produção de todos esses textos?
- Pensando no que trataremos nesta Unidade, o que há em comum em todos os textos anteriores?
- Crítica, como vimos na Unidade 2, não é uma ação sempre ligada a sentidos negativos. Por que, em geral, as pessoas “retrucam” uma crítica, especialmente nas redes sociais?
- Alguns comentários na internet, principalmente em redes sociais, têm causado verdadeiros conflitos civis que extrapolam o ambiente virtual. Você já leu comentários que se assemelham a um crime civil? Pode citar um exemplo?
- Que influências, positivas ou negativas, um comentário digital pode ter nas vidas pessoais dos internautas?
- Existe alguma maneira ideal para publicação de comentários na internet? Qual seria?
- Você sabe o que é a “cultura do cancelamento”? Conhece alguém que já foi “cancelado” nas redes sociais?

1 É bem verdade que os comentários digitais não estão ligados apenas a aspectos conflituosos ou negativos. Eles revelam possibilidades de posicionamentos individuais ou coletivos desejáveis em uma sociedade democrática. No entanto, há algum tempo, publicá-los não era tão fácil assim. Hoje, o comentário a um texto (escrito, oral ou multimodal), muitas vezes, não precisa de moderação. Ele aparece diretamente na tela e pode gerar outros muitos comentários afins ou contrários. Isso significa dizer que o fato de podermos nos manifestar na web também trouxe, para nós, a ideia de responsabilidade por aquilo que dizemos ou produzimos.

DICA DE LEITURA

“Humilhado, como a era da internet mudou o julgamento público”, de Jon Ronson

12.12.2015

● NENHUM COMENTÁRIO

Por Mariana Moreno

Em 2012, quando percebeu que alguém havia criado um perfil falso para ele no Twitter, o jornalista inglês Jon Ronson se surpreendeu com as reações a seu favor. Pessoas que até mesmo não o conheciam se uniram para defendê-lo, sugerindo as maiores atrocidades contra os criadores da página falsa.

Após ter sido vítima da suposta brincadeira e ter observado a comoção na internet, ele resolveu investigar o movimento virtual em que os usuários ganham voz e se sentem como intermediadores da justiça, fazendo ressurgir, em contornos modernos, a prática da humilhação pública. Depois de três anos de pesquisa, incluindo extensas entrevistas com as vítimas dos casos mais emblemáticos de humilhação na internet, Ronson lançou “So you’ve been publicly shamed”, que chegou ao Brasil pela Editora BestSeller com o título “Humilhado, como a era da internet mudou o julgamento público”.

Apesar de se tratar de um tema com significativa carga dramática ao considerarmos a forma como as vidas dos “humilhados” foram devastadas, a linguagem bem-humorada e o modo como Ronson costura as histórias dão incrível leveza ao livro. Da série de personagens reais entrevistados pelo jornalista, se destacam Jonah Lehrer, Justine Sacco e Lindsey Stone. Lehrer teve sua reputação profissional arruinada quando um repórter descobriu distorções de fatos sobre Bob Dylan em seu livro “Imagine, How creativity works”. Ao tentar pedir desculpas publicamente em um evento, ele acabou aumentando ainda mais a ira dos internautas que o acompanhavam pelo Twitter. Foi também no microblog que a americana Justine Sacco viu sua vida virar de cabeça para baixo.

A caminho da África do Sul, ela postou uma piada sobre a epidemia de AIDS no continente africano (Going to Africa. Hope I don’t get AIDS. Just kidding. I’m white!). Pessoas indignadas a aguardavam no aeroporto da Cidade do Cabo. Era apenas o começo de uma difícil jornada. Sacco foi demitida e entrou em depressão. Lindsey Stone também foi dispensada do emprego depois de postar uma foto no Facebook fazendo um gesto obscuro e fingindo gritar em frente a uma placa de “Silêncio e respeito” no cemitério nacional de Arlington, nos Estados Unidos.

Enquanto revisita teorias sobre a psicologia das multidões para entender o ressurgimento da prática da humilhação pública, Ronson acompanha de perto os desafios dos “humilhados” para refazerem suas vidas. Sem entrar no mérito de avaliar os limites do que deve ser aceito ou não socialmente, o autor investiga o fato de as pessoas viverem em alerta, aguardando a transgressão alheia. Diferentemente de Lehrer, que mentiu e foi acusado de plágio, a maioria dos casos de humilhações na internet são de pessoas que tinham a intenção de serem engraçadas, mas acabaram despertando o ódio coletivo. “Humilhado” é um livro sobre falhas humanas, não só daqueles que foram atacados, mas também daqueles que usam a humilhação como forma de controle social.

Disponível em: <http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2015/12/12/humilhado-como-a-era-da-internet-mudou-o-julgamento-publico/>. Acesso em 18 fev. 2018.



RONSON, Jon. **Humilhado**. São Paulo: Best Seller, 2015.

- d) Pesquise na internet ou em outras fontes sobre “Psicologia das multidões”. Anote, em poucas linhas, os pontos principais:

Psicologia das multidões
<p>Fonte:</p>

- e) Qual a relação dessa área da Psicologia com as discussões que Jon Ronson propõe no livro?

- f) Explique, com suas palavras, as diferenças entre julgamentos públicos antes e depois da internet:



RODA DE CONVERSA

Conversem, com colegas e professor(a), e compartilhem:

- Em quais sites ou redes sociais vocês costumam publicar comentários?
- Que tipos de assunto costumam comentar?
- Existem assuntos que vocês não se sentem confortáveis para fazer comentários? Por quê?
- Como são os comentários postados por vocês em páginas da internet ou nas edes sociais?
- Existem regras ou posturas para publicar comentários? Quais?
- Qual a diferença entra opinião e conhecimento? Qual deles costumamos compartilhar nos comentários em publicações?

2 Leia a crônica a seguir e, depois, responda às questões:

Cultura

Crônicas do Menalton

Agora todo mundo tem opinião

por **Menalton Braff** – publicado 03/04/2015 09h31

O problema da internet é que muita gente lê a enxurrada de bobagens não como opinião, mas como conhecimento

Meu amigo Adamastor, o gigante, me apareceu hoje de manhã, muito cedo, aqui na biblioteca, e disse que vinha a fim de um cafezinho. Mentira, eu sei. Quando ele vem tomar um cafezinho é porque está com alguma ideia borbulhando em sua mente.

E estava. Depois do primeiro gole e antes do segundo, café muito quente, ele afirmou que con-

corda plenamente com a democratização da informação. Agora, com o advento da internet, qualquer pessoa, democraticamente, pode externar aquilo que pensa.

Balancei a cabeça, na demonstração de uma quase divergência, e seu espanto também me espantou. Como assim, ele perguntou, está renegando a democracia? Pedi com modos a meu amigo que não embaralhasse as coisas. Democracia não é um termo divinatório, que se aplique sempre, em qualquer situação.

Ele tomou o segundo gole com certa avidez e queimou a língua.

Bem, voltando ao assunto, nada contra a democratização dos meios para que se divulguem as opiniões, as mais diversas, mais esdrúxulas, mais inovadoras, e tudo o mais. É um direito que toda pessoa tem: emitir opinião.

O que o Adamastor não sabia é que uns dias atrás andei consultando uns filósofos, alguns antigos, outros modernos, desses que tratam de um palavrão que sobrevive até os dias atuais: gnoseologia. Isso aí, para dizer teoria do conhecimento.

– Sim, e daí?, ele insistiu.

O mal que vejo, continuei, não está na enxurrada de opiniões as mais isso ou aquilo na internet, e principalmente com a chegada do Facebook. Isso sem contar a imensa quantidade de textos apócrifos, muitas vezes até opostos ao pensamento do presumido autor, falsamente presumido. A graça está no fato de que todos, agora, têm opinião sobre tudo.

– Mas isso não é bom?

O gigante, depois da maldição de Netuno, tornou-se um ser impaciente.

O fato, em si, não tem importância alguma. O problema é que muita gente lê a enxurrada de bobagens que aparecem na internet não como opinião, mas como conhecimento. O Platão, por exemplo, afirmava que opinião (doxa) era o falso conhecimento. O conhecimento verdadeiro (episteme) depende de estudo profundo, comprovação metódica, teste de validade. Essas coisas de que se vale em geral a ciência.

O mal que há nessa “democratização” dos veículos é que se formam crenças sem fundamento, mudam-se as opiniões das pessoas, afirmam-se absurdos em que muita pessoa ingênua acaba acreditando. Sim, porque estudar, comprovar metodicamente, testar a validade, tudo isso dá muito trabalho.

O Adamastor não estava muito convencido da justeza dos meus argumentos, mas o café tinha terminado e ele se despediu.

a) A crônica de Menalton inicia com a personagem Adamastor. Trata-se de uma criatura da mitologia greco-romana que foi expulsa do Olimpo por ter se rebelado contra Zeus. Em razão disso, na condição de gigante, tem habitado os seguintes lugares que sugerem a ideia de grandes formações do Planeta Terra:

- promontórios:



Autoria: PedroPVZ / Wikimedia Commons

- ilhas:



Autoria: knrty <https://www.flickr.com/photos/knrty/Wikimedia Commons>

- fraguedos:



Autoria: Geof at English Wikipedia / Wikimedia Commons

Com ajuda(o) do professor, pesquise imagens e representações da personagem mitológica e responda: em que aspecto esses locais se assemelhariam ao gigante Adamastor? Explique.

- 3 O gigante Adamastor é personagem famosa na literatura portuguesa, pois – durante a época das grandes navegações – era considerado como aquele que impedia a passagem de muitas naus (navios) no Cabo das Tormentas (Cabo da Boa Esperança, na África do Sul), lugar em que muitas embarcações, supostamente, naufragavam. Fernando Pessoa, poeta português, narra – por meio de um poema – a presença desse gigante. Leia:

O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
 Na noite de breu ergueu-se a voar;
 À roda da nau voou três vezes,
 Voou três vezes a chiar,
 E disse: “Quem é que ousou entrar
 Nas minhas cavernas que não desvendo,
 Meus tectos negros do fim do mundo?”
 E o homem do leme disse, tremendo:
 “El-Rei D. João Segundo!”



Rosino/Wikimedia Commons

Cabo da Boa Esperança

“De quem são as velas onde me roço?
 De quem as quilhas que vejo e ouço?”
 Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
 Três vezes rodou imundo e grosso,

“Quem vem poder o que só eu posso,
 Que moro onde nunca ninguém me visse
 E escorro os medos do mar sem fundo?”
 E o homem do leme tremeu, e disse:
 “El-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu,
 Três vezes ao leme as reprendeiu,
 E disse no fim de tremer três vezes:
 “Aqui ao leme sou mais do que eu:
 Sou um Povo que quer o mar que é teu;
 E mais que o mostrengo, que me a alma teme
 E roda nas trevas do fim do mundo;
 Manda a vontade, que me ata ao leme,
 De El-Rei D. João Segundo!”



Mensagem. Fernando Pessoa. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934 (Lisboa: Ática, 10ª ed. 1972). - 60.

- a) Descreva, brevemente, características psicológicas (de comportamento) do Gigante Adamastor, na crônica de Menalton e no poema de Fernando Pessoa:

Crônica	Poema

- b) Considerando tudo o que já foi dito sobre Adamastor, o gigante, que papéis ele desempenharia na crônica de Menalton? Escolha alguma(s) possibilidade(s) a seguir:

<input type="checkbox"/>	Enfrentar a personagem com quem dialoga no enredo, principalmente em relação à opinião de seu interlocutor (o narrador).
<input type="checkbox"/>	Colocar medo na personagem com quem dialoga na biblioteca
<input type="checkbox"/>	Autorizar a “passagem” da democratização da informação na era digital.

- 4 Como se posicionam as personagens que dialogam na crônica em relação ao tema da democratização da informação na era digital?

Narrador	Adamastor

- 5 No que diz respeito a esse tema, com quem você concorda: narrador ou Adamastor? Por quê?

- 6 De acordo com as discussões da crônica, qual é a diferença entre opinião e conhecimento? Explique.



VÍDEO

Assista ao vídeo “Aula-relâmpago: qual é a diferença entre argumento e opinião”, produzido pelo Programa Tim Ciência, com o professor José Sérgio de Carvalho, da Faculdade de Educação da USP. Nesse breve vídeo, você entenderá um pouco mais sobre palavras que foram citadas na crônica, como “doxa”:

Link para acesso:

<https://www.youtube.com/watch?v=10xFHojc5W8>



- 7 Considerando tudo o que já foi discutido até aqui, produza um comentário para a crônica “Agora todo mundo tem opinião”, de Menalton. Com quem você concorda: com o narrador ou com o gigante? Compartilhem, com colegas e professor(a), os comentários produzidos por vocês. Lembre-se de que sua opinião precisa evidenciar um argumento consistente:



Coloque a boca no trombone

Painel do Leitor

- 8 Agora, você poderá assistir a um vídeo que foi roteirizado a partir do texto “O Terrível Mundo dos Comentários de Internet”, de Ana Carolina Prado. O texto que é um artigo de divulgação científica foi, originalmente, publicado na revista Superinteressante em 2015, na seção “Comportamento”. Você pode lê-lo na íntegra no seguinte link: <https://super.abril.com.br/comportamento/o-terrivel-mundo-dos-comentarios-na-internet/>.

O terrível mundo dos comentários na Internet



O Terrível Mundo dos Comentários de Internet - Fato Interessante #20

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-rnlauUtjw&t=58s>

Acesso em: 20/12/2023.

- a) De acordo com o vídeo que você assistiu, o que são os *haters* e o que eles provocam nos espaços em que comentam?

- b) O que seriam os *trolls* e que papel eles cumprem nas redes sociais?

- c) Que tipos de comentaristas você mais encontra nas redes sociais das quais participa? Como eles costumam se comportar na internet? Parecem com as descrições apresentadas?

- d) Ao final do vídeo, o apresentador Felipe Thiroux convida os expectadores a compartilharem “que tipo de comentarista mais irrita a você”. Como os comentários no Canal do YouTube estão desativados, registre aqui sua resposta e a compartilhe com os(as) colegas e o(a) professor(a).

- e) Na Unidade 1, estudamos sobre artigos de divulgação científica. Por que o texto “O terrível mundo dos comentários na internet”, que deu origem ao vídeo, poderia ser considerado um artigo desse tipo? Explique.

- i) O apresentador menciona que “há uma noção falsa de que existe uma fronteira entre o comportamento online e offline”. O que podemos entender a respeito dessa afirmação? Converse com colegas e professor a respeito.

- 9 Ainda sobre o artigo que originou o vídeo, foi retirado o seguinte fragmento:

“O primeiro grupo tende a ser mais curioso. O segundo não gosta de nada. Isso cria um padrão de comportamento em que o que é avaliado é menos importante do que quem avalia”.

Você observou que uma palavra poderia ter sido repetida, mas não foi e, mesmo assim, garantiu coerência ao trecho observado? Se sim, diga qual é essa palavra:



TOME NOTA

A repetição desnecessária de palavras é uma atividade que pode deixar a leitura mais cansativa e monótona. A **elipse** é um importante recurso coesivo que pode evitar tal repetição. Trata-se de uma estratégia em que se omite um item linguístico (da língua escrita, por exemplo) que pode ser recuperado pelo contexto.



SALA DIGITAL

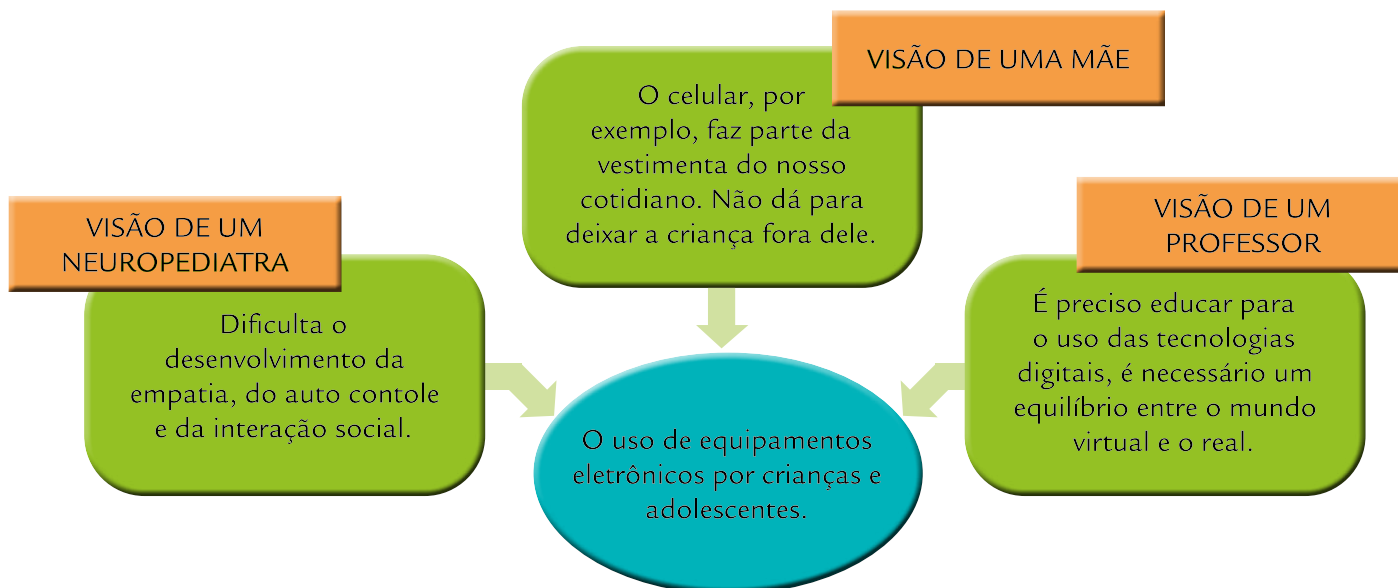
Com ajuda do(a) professor(a), retome os “tipos de comentaristas na Internet”, no link a seguir, e registre: que tipo de comentarista mais se assemelha, hoje, a você? Você pretende modificar seu comportamento após as discussões? Por quê?

<https://super.abril.com.br/comportamento/o-terrivel-mundo-dos-comentarios-na-internet/>. Acesso em: 27 set. 2024.

ATIVIDADE 2 – Quem é você? Quem é o outro? A nossa língua responde!

Conforme vimos, é a linguagem que nos guia para compreendermos que as pessoas, embora pertençam ao mesmo espaço – como seu bairro, comunidade e vizinhança – pensam de forma diferente sobre um determinado assunto. Essas diferenças também acontecem por meio dos usos que fazemos da linguagem.

- 1 No diagrama abaixo, observe como algumas pessoas se posicionaram de modo diferente em relação a um mesmo assunto:



Adaptado de: <https://saude.abril.com.br/familia/tecnologia-na-infancia-qual-o-limite/>. Acesso em 27 set. 2024.

As visões acima, sobre um único assunto, materializam formas diferentes de se posicionar. Para um especialista, as informações lexicais, no que diz respeito ao uso de equipamentos eletrônicos por jovens e crianças, são relacionadas com a saúde mental. Enquanto a mãe traz, em seu discurso, uma linguagem mais afetiva, pensando em defender o uso do celular, para que o filho não seja excluído do acesso à tecnologia, mas ressalta a importância de estabelecer combinados. Finalmente, o professor pondera, em seu modo de ver, as duas faces da tecnologia: a primeira é de que o uso exclusivo de qualquer equipamento tecnológico é ruim. A segunda seria que seu extermínio seria ainda pior.

Antes de prosseguirmos com as discussões sobre o mesmo tema, como você se posicionaria em relação a ele? Utilize o espaço abaixo para escrever um comentário opinativo sobre o assunto "O uso de equipamentos eletrônicos por crianças e adolescentes":

a) Como você se posiciona a respeito?



Coloque a boca no trombone

Painel do Leitor



RODA DE CONVERSA

Compartilhem, com colegas e professor(a), os comentários produzidos por vocês para contrastar os posicionamentos.

b) Após conhecer os comentários dos(as) colegas, aponte que tipo de comentarista foi mais frequente em sua turma:

() Extremista político

() Povo da zoeira

() Sabichão

() Conspirador

() Monossilábico

() Confuso

() Troll de raiz

() Fofo

c) Que indícios os comentários dos(as) colegas apresentaram para você ter escolhido esse tipo de comentarista como o mais recorrente? Explique.

2 Leia a reportagem a seguir:

MUNDO

Pesquisa revela que 83% das crianças se sentem trocadas pelo celular

29 DE NOVEMBRO DE 2017

2 COMENTÁRIOS

Uma pesquisa realizada recentemente em vários países, incluindo o Brasil, revelou que 83% das crianças entrevistadas se sentem trocadas pelo celular. E pior: 56% gostariam de ser um celular.

O estudo, realizado pela AVG Technologies, ouviu 316 brasileiros de um total de 6.117 crianças que moram nos Estados Unidos, na Austrália, no Canadá, na República Tcheca, na França, na Alemanha, na Nova Zelândia e no Reino Unido.

O hábito de não desgrudar do celular é cada vez mais comum. Segundo a União Internacional de Telecomunicações (UIT), existem mais de 7 bilhões de celulares ativos no mundo, e eles são usados, principalmente, para acesso à internet.

Um volume tão grande de aparelhos em uso fez com que surgisse um novo termo: nomofobia (abreviação de no-mobile-phonophobia). Criado no Reino Unido para descrever o pavor de estar sem o celular disponível, ele vem sendo utilizado para tratar da dependência do telefone móvel.

Para tentar alertar adultos sobre o uso de abusivo de smartphones, a Associação dos Amigos do Hospital das Clínicas do Paraná criou a campanha “Conecte-se ao que importa”. Com pequenos conselhos, a campanha busca transferir os hábitos relacionados ao ambiente virtual para as atitudes do dia a dia.

Mensagens como “Tem gente solicitando a sua amizade dentro de casa”; ou “Curta a vida dele como você curte a dos outros”; ainda “Seu filho passa muito tempo na TV? Pois é, crianças tendem a imitar os pais” são algumas das “dicas” propostas pela campanha.

Como proceder:

Especialistas afirmam que é aconselhado que crianças até dois anos não tenham contato com dispositivos como smartphones e tablets, pois é a fase em que elas têm de aprender os sentidos como paladar, toque e as trocas interpessoais.

Dos 3 aos 6 anos, uma hora de uso de aparelhos eletrônicos é suficiente. A partir dos 6, até duas horas por dia é permitido.

Já para os pais, é recomendado deixar o telefone de lado para dedicar o tempo possível às brincadeiras com os filhos. Não adianta levar trabalho para casa se não consegue aproveitar as trocas em família.

3 A reportagem que você acabou de ler relata outro ponto de vista em relação ao uso de tecnologias, ou seja, os pais frente a essa questão do nosso mundo. Pensando nisso, responda:

a) Por que, segundo a pesquisa, 56% das crianças gostariam de ser um celular?

b) O que motivou a campanha “Conecte-se ao que importa”? Explique.

c) Se você tivesse que participar dessa entrevista, como se posicionaria frente ao uso que seus pais e/ou responsáveis fazem do celular?

d) Você concorda com as recomendações que são em relação às crianças na reportagem? Por quê?

e) Qual recomendação é dada aos pais. Você concorda com elas? Por quê?

- 4 Leia algumas peças que foram utilizadas na campanha “Conecte-se ao que importa”:

Texto 1:

<https://www.tif.com.br/projeto/conecte-se-ao-que-importa/>. Acesso em 3 de out. 2024.



Texto 2:

<https://www.tif.com.br/projeto/conecte-se-ao-que-importa/>. Acesso em 3 de out. 2024.



Texto 3:



<https://www.tif.com.br/projeto/conecteseaoqueimporta/>. Acesso em 3 de out. 2024.

Texto 4:



<https://www.tif.com.br/projeto/conecteseaoqueimporta/>. Acesso em 3 de out. 2024.

a) Observando as quatro peças publicitárias apresentadas, explique por que a campanha recebe o nome “Conecte-se ao que importa”?

b) Há alguma articulação entre o texto escrito e as ilustrações nas quatro peças lidas? Qual?

c) Em geral, quem está de posse do aparelho eletrônico nas ilustrações?

d) Há alguma relação entre as peças publicitárias e a reportagem que lemos anteriormente? Qual? Explique.

e) No texto escrito das peças publicitárias, há várias referências a tecnologias ou a recursos digitais e aos comportamentos das pessoas. Leia as seguintes palavras e indique que referências são essas:

		Recursos digitais	Outras referências
Texto 1	“vibra”		
Texto 2	“curte”		
Texto 3	“senha”		
Texto 4	140 caracteres		



TOME NOTA

A sátira é uma estratégia de linguagem que pode ser utilizada para: criticar, ironizar criticamente ou ridicularizar os vícios e as imperfeições humanas.

- f) Sabendo disso, releia os textos escritos das quatro peças publicitárias. Explique a crítica ou sátira presente em cada um deles:

Quando você larga o celular, é o seu filho que vibra.	
Curta a vida dela como você curte a dos outros.	
Mãe: qual é a senha pra conversar com você?	
A conversa em casa pode passar dos 140 caracteres.	

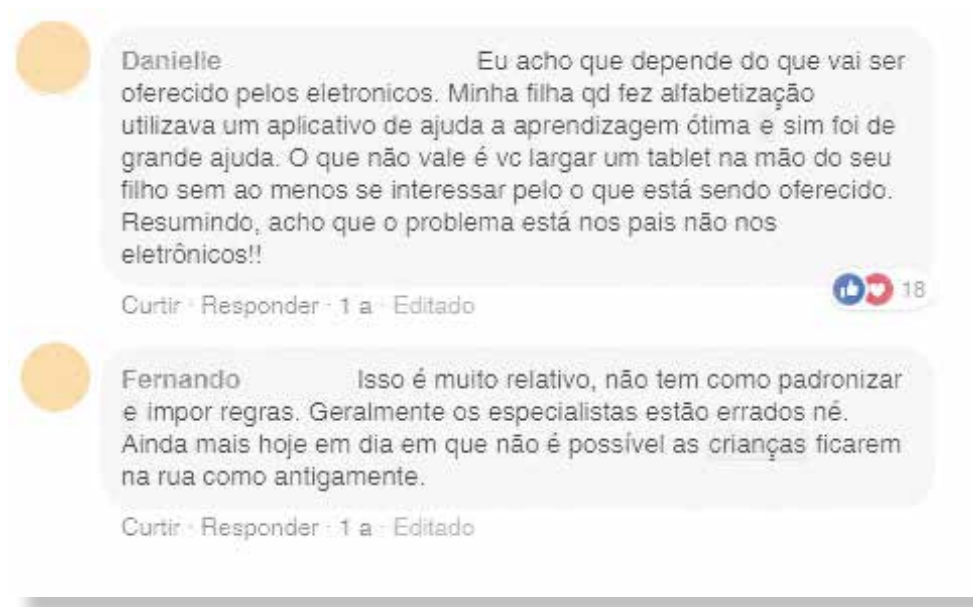
- g) Utilize o espaço abaixo para escrever um comentário opinativo sobre o assunto “O uso de equipamentos eletrônicos por pais ou responsáveis”. Depois, compartilhe, com colegas e professor(a), os comentários produzidos.



Coloque a boca no trombone

Painel do Leitor

6 Em resposta à pergunta, foi retirado da rede social Facebook os seguintes comentários:



a) Com qual(is) desse(s) comentário(s) você concorda? Por quê?

b) Com qual(is) desse(s) comentário(s) você não concorda? Por quê?

c) Em sua opinião, qual(is) dele(s) ofereceu um bom argumento para o posicionamento apresentado? Por quê?

d) Os comentaristas contestaram a posição de um especialista no assunto, relativizando, assim, seu discurso de autoridade? Caso positivo, copie o(s) trecho(s) que apresenta(m) o(s) argumento(s) para confrontar o posicionamento do especialista.

- e) Escolha um dos dois comentários e elabore uma resposta, contendo argumentos e posições fundamentadas sobre o assunto. Para isso, com ajuda do(o) professor(a), leiam os argumentos dos especialistas na referida reportagem:

Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/celulares-tablets-e-tvs-devem-ser-liberados-para-criancas-especialistas-dao-cinco-dicas-do-que-e-certo-ou-errado.ghtml>. Acesso em: 3 out. 2024.

Você também pode conhecer, com ajuda do(a) professor(a), um material produzido pela UNICAMP: “Cartilha Uso de Internet por Crianças e Adolescentes: o que os pais e responsáveis devem saber?”.

Disponível em: <https://portal.fcm.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/58/2025/06/Cartilha-Uso-de-Internet-por-Crianças-e-Adolescentes.pdf> Acesso em: 3 out. 2024.

- f) Agora é sua vez! Utilize o espaço abaixo para escrever um comentário opinativo a partir da seguinte pergunta: “celular, tablet e TV podem ser liberados para crianças”?

Como você se posiciona a respeito?



Coloque a boca no trombone

Painel do Leitor

Depois, compartilhe, com colegas e professor(a), os comentários produzidos.



RODA DE CONVERSA

À medida que navegamos pelas redes sociais, cada comentário é como uma onda que se espalha, deixando rastros visíveis. Precisamos ser responsáveis nesse universo digital! Cuidado ao tecer comentários, sejam gentis, respeitosos e construtivos. Lembrem-se de que por trás de cada tela há uma pessoa real com experiências únicas.

Antes de soltar suas palavras ao vento cibernético, reflitam sobre o impacto que podem ter.

- 7 A canção “Geração Coca-Cola” da banda brasileira Legião Urbana, liderada por Renato Russo, é um retrato crítico da juventude dos anos 1980. Pesquise a letra da canção e se possível, solicite ao(à) professor(a) que coloque a música para que a turma escute.



“Geração Cola-Cola”

Álbum: Legião Urbana, 1985.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MXwY11Xfc08>

- a) Vimos que os comentários podem ser utilizados para se posicionar em relação aos assuntos que circulam nas redes sociais. As canções também podem ser instrumentos de crítica. Quais críticas o eu-lírico faz na letra da canção?

b) Qual crítica relacionada à TV você identifica? Mencione o(s) verso(s) em que ela aparece.

c) O que você entende por “geração Coca-Cola”? Discuta com o(a) professor(a) e anote sua resposta nas linhas abaixo:

d) Faça uma pesquisa sobre consumismo e, em seguida, anote as principais descobertas que você obteve:

Consumismo	Pontos principais:
	Fonte:

e) Qual é a relação desse tema com a letra da canção?

- f) Como o consumismo se relaciona ao tema das tecnologias digitais que estamos discutindo nesta Sequência de Atividades?



PARA SABER MAIS

No site abaixo você poderá encontrar mais informações sobre a banda de rock que revolucionou o cenário musical brasileiro na década de 90, chamada “Legião Urbana”. Você perceberá que suas letras parecem escritas para os dias de hoje, como percebemos em “Geração Coca-cola”:

Link: <https://renatorusso.com.br/biografia-legiao-urbana/>

Você pode explorar o site para saber mais sobre a discografia, eventos, sobre a banda e os músicos.



TOME NOTA

O interlocutor Universal

O termo interlocutor aponta, no momento do diálogo, quem escuta ou lê textos, orais ou escritos, formando uma relação de elocução.



Desta forma, ao produzirmos determinado texto, seja ele de qualquer gênero, formamos um perfil de nosso interlocutor. Quando o locutor escreve para um veículo de grande circulação, como jornais e revistas, de modo geral, ele elenca características discursivas representativas de um grupo para direcionar a leitura.

8 Com ajuda do(a) professor, leia a reportagem a seguir:

AFN Notícias » Notícias »

12/07/2016 - Marina Lemle (Blog de HCS-Manguinhos)

COC/Fiocruz debate a divulgação científica nas mídias sociais

Quase cinco horas por dia é o tempo médio que o brasileiro passa por dia na internet, boa parte dele em redes sociais, principalmente o Facebook. No ranking das mídias mais usadas no país, a TV já caiu para segundo lugar. E o uso do celular para acessar a internet está prestes a ultrapassar o do computador. É neste cenário midiático em constante transformação que as revistas científicas precisam garantir seu lugar. Daí a relevância da mesa O papel das mídias sociais no periodismo científico no último dia do workshop Desafios de revistas interdisciplinares: experiências do Reino Unido, Brasil e América Latina em história, ciências sociais e humanidades, realizado de 22 a 24 de junho de 2016 na Fiocruz, no Rio.

Escalados para a mesa, estavam quatro editores brasileiros com conhecimento de causa e um editor inglês com assumida desconfiança em relação às redes sociais.

Germana Barata, editora do blog Ciência em Revista, que divulga artigos de diversos periódicos, defendeu que investir em divulgação científica nas redes sociais é uma boa estratégia para os periódicos. Ela contou que quando um artigo é bem divulgado, é notória a mudança no padrão de acessos, e o aumento dos acessos se reflete também num aumento do número de submissões de artigos para publicação.

“Atuar nas redes sociais é atingir um público de outras áreas acadêmicas e um grande público. Se o artigo atinge mais pessoas, tem mais chances de ser lido, usado e citado algum dia. Se a revista não trabalhar a divulgação, pouca gente vai ler. É preciso atrair novos leitores e mostrar ao que veio”, afirmou. Apesar das evidências, Germana contou que é necessário um trabalho intenso de convencimento das revistas, porque muitas ainda têm resistência à ideia ou não têm recursos para executá-la. Ela lembrou que o portal SciELO estabeleceu a divulgação científica como condição estratégica para quem quiser se manter no portal.

Na falta de uma equipe própria de divulgação, Germana recomendou que os editores procurem as equipes de comunicação das universidades ou instituições de pesquisa às quais as revistas são ligadas e peçam que divulguem os artigos mais importantes de cada edição. Segundo a editora, um release bem feito, explicando do que tratam os artigos, faz grande diferença. Caso não haja uma equipe de comunicação disponível, ela sugeriu a busca por um canal que já exista, para o qual se possa oferecer conteúdo periodicamente.

Germana destacou ainda o papel dos autores no esforço de divulgação dos artigos, compartilhando-os nas suas redes sociais, comentando e interagindo de uma forma geral. “Deve fazer parte da política de editoração a participação do autor nas redes”, disse. Ela acrescentou que até os próprios editores às vezes não acreditam que um dado artigo possa vir a ser notícia, apesar da sua relevância regional, nacional ou mesmo internacional. Por fim, a editora ressaltou a importância do acompanhamento das estatísticas de acesso para o delineamento de estratégias futuras.

Café História: trabalho colaborativo

Um caso pioneiro de sucesso em divulgação científica na área de história é o Café História, do jornalista e historiador Bruno Leal. Desenvolvido há oito anos na plataforma Ning, que permite a interação com os usuários, a iniciativa tinha inicialmente duas missões: usar ferramentas das novas mídias para promover a livre troca de ideias entre professores, pesquisadores e alunos e divulgar a pesquisa histórica para historiadores e para a grande audiência (não especialistas). Inspirado no conceito da economia da colaboração, Leal conta com a participação do público para a renovação constante dos conteúdos, além da sua própria produção autoral e das parcerias com universidades e editoras.

[...]

Ciência pop e cidadã

O físico Ildeu Moreira, editor adjunto de HCS-Manguinhos e entusiasta da divulgação científica, destacou a grande variedade de experiências inovadoras nas redes sociais que permitem avaliação e monitoramento. Um exemplo é a página brasileira do Ano Internacional da Luz no Facebook, a segunda mais acessada do mundo sobre o tema. Segundo Moreira, vídeos e gifs têm compartilhamento muito grande. Outra página com bom público na educação básica é A física na escola, que visa atingir professores e alunos do ensino médio para atualizar o ensino.

Ildeu contou que também há forte interesse do público a respeito da história das ciências e personagens como Einstein, Darwin e grandes cientistas brasileiros, o que se percebe pela quantidade de compartilhamentos dos posts sobre estes temas. Também chama a atenção a participação das pessoas nas investigações sobre a história das cidades, de forma que a história se reconstrói coletivamente. “A rede social é um instrumento importante para apontar para a ciência cidadã”, afirmou. [...]

Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/cocfiocruz-debate-divulgacao-cientifica-nas-midias-sociais>. Acesso em 3 out. 2024.

a) Após a leitura da reportagem, grife, no texto, as informações que correspondam às respostas para os enunciados abaixo. Em seguida, transcreva-as:

- Quanto tempo o brasileiro passa em uma rede social, de acordo com a pesquisa?

- Por que as revistas de divulgação científica estão aflitas com a inserção tecnológica do seu interlocutor?

- Localize e transcreva, a seguir, as profissões de cada personalidade convidada para o debate do tema, para fomentar o discurso de autoridade no artigo de divulgação científica:

Germana Barata	
Bruno Leal	
Ideu Moreira	

- b) Considerando a temática abordada na reportagem, a área de atuação da autora Marina Lemle (Jornalista, mestre em divulgação científica pela Fiocruz) e o veículo de publicação (Agência Fiocruz de Notícia), o leitor desse texto seria um público mais específico ou um interlocutor universal? Explique.

- c) O texto mostra outra possibilidade de uso das redes sociais, muito mais ligado aos aspectos positivos que ela pode ter em relação à divulgação científica. Retire um trecho em que há uma defesa desse uso:

- d) Qual sua posição a respeito do assunto: é ou não importante potencializar as divulgações científicas nas redes sociais?

Como você se posiciona a respeito?



Coloque a boca no trombone

Painel do Leitor

Com ajuda do(a) professor(a), socialize seu comentário opinativo com os(as) colegas.

ATIVIDADE 3 – O poder de um clique



SALA DIGITAL

Você já ouviu falar sobre o Marco Civil da Internet? Com a ajuda do(a) professor(a) pesquise:

- O que é?
- Quando foi criado?
- Por que foi elaborado?
- Qual é sua função no cotidiano social?

1 Com vocês, o(a) autor(a)!

O comentário nasce na esfera jornalística, especificamente, no jornalismo opinativo, ou seja, o autor do texto expõe seu pensamento sobre determinado fato. Por se tratar do discurso em 1ª pessoa do singular, o autor do comentário, em grandes veículos de informação, sempre é identificado.

Entretanto, vale retomar que, com o advento da Internet, foram abertos sites, blogs, vlogs, portais de todos os tipos, redes sociais de inúmeras formas para que os seus usuários façam comentários de modo informal e, muitas vezes, anônimo. Dessa forma, alguns internautas aproveitam o anonimato para criar perfis falsos, proferindo discursos de ódio.

Além disso, é preciso ressaltar que nem metade da população do Brasil é reconhecida como alfabetizada digitalmente. **Alfabetização digital** é a capacidade que alguém tem de encontrar, avaliar e compartilhar informações em plataformas digitais. Em outras palavras, é colocar em prática habilidades necessárias para viver, aprender e trabalhar em uma sociedade em que o acesso à informação e uso da tecnologia são cada vez mais comuns no dia a dia das pessoas. comportamentos necessários para ler e escrever no computador e em outros dispositivos digitais.

- 2 Leia, a seguir, os trechos selecionados e converse os(as) colegas a respeito das informações e dados neles contidos. Em seguida, responda:

Em cada 100 domicílios brasileiros, 90 têm acesso à Internet, aponta IBGE.

Os celulares são, para 99,5 de cada 100 brasileiros, o dispositivo eletrônico mais utilizado para o acesso à internet.

Nenhum equipamento é páreo para o telefone celular. Em 2018, 99,2% dos domicílios com acesso à internet utilizavam o aparelho, e em 45,5% deles essa era a única forma de acesso.

Cresce o número de idosos que acessam a internet [...] O percentual de utilização da internet entre os idosos superou, pela primeira vez, os 50%, atingindo a marca de 57,5% de idosos com acesso à internet.

Nas zonas rurais de maneira geral, cerca de 20% dos domicílios ainda não têm acesso à internet.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/de-cada-100-brasileiros-87-usavam-internet-em-2022-apon-ta-ibge#:~:text=Os%20domic%C3%ADlios%20com%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20de,91%2C5%25%20em%202022.>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-inter-net#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,n%C3%A3o%20tem%20acesso%20%C3%A0%20internet.>

- a) Qual é a importância do acesso à internet para acessar, também, a informação?

- b) O que pode ser feito pelo poder público para democratizar o acesso à internet?

- 3 Observe as seguintes afirmações e, em seguida responda:

Abaixo-assinados virtuais contribuem para o desenvolvimento de uma consciência social.

O “ativismo de sofá” é um primeiro passo, mas a mudança real requer mais que apenas cliques virtuais.

É preciso tomar cuidado com o que é postado na internet! A informação requer, muitas vezes, uma busca para além das manchetes.

a) Engajar-se, ativamente, em plataformas digitais é uma forma de participação política? Por quê?

b) Expor sua opinião em uma rede social ajuda a formar uma corrente de manifestação popular? Explique.

c) Qual é a relevância do acesso à informação em seu cotidiano?

d) Quais cuidados precisam ser tomados quando estamos diante de uma notícia em suporte digital? Você concorda com a afirmação de que é preciso ter cuidado com o que é postado? Explique.

4 Pensando nas discussões e em suas respostas anteriores, responda:



Como você define: ativismo digital?

A

O ativismo digital contribui para melhorias sociais?

B

Se sim, como?

C

Se não, por quê?

- 5 Agora, elabore a primeira versão do seu comentário digital, atentando-se para todos os aspectos que estudamos até aqui.



RODA DE CONVERSA

Compartilhem, com colegas e professor(a), os comentários produzidos por vocês. Aproveitem para discutir o que comentaram a respeito do texto lido.

Autoavaliação

Ao longo da Unidade 4, o que você aprendeu? Marque um x nas aprendizagens que você construiu.

- () As diversas formas de se usar a língua nos meios digitais;
- () A diferença entre opinião e argumentação;
- () A necessidade de respeitar posicionamentos diferentes dos seus;
- () Conceito de ativismo digital;
- () Função social dos comentários digitais.

Revisão feita pelo(a) **ESTUDANTE**:

✓	Critérios para releitura ou revisão
	O texto está redigido e estruturado de acordo com a situação de comunicação esperada para o gênero artigo de divulgação científica?
	A linguagem está adequada ao gênero e aos(às) possíveis leitores(as)?
	O assunto é exposto com clareza e as ideias são comprovadas?
	Há vozes de autoridades e especialistas no assunto abordado?
	Os conceitos científicos estão acessíveis ao(à) leitor(a), mas sem desvios teóricos?
	A organização dos parágrafos está coesa, isto é, os parágrafos dialogam entre si?
	O uso de imagens e gráficos colabora para a compreensão da discussão empregada no artigo?
	As convenções ortográficas foram observadas?
	Os articuladores textuais foram bem empregados?
	O texto tem rasuras?
	As informações apresentadas são verdadeiras e apresentam fontes confiáveis?

Revisão feita pelo(a) **PROFESSOR(A)**:

✓	Critérios para releitura ou revisão
	O texto está redigido e estruturado de acordo com a situação de comunicação esperada para o gênero artigo de divulgação científica?
	A linguagem está adequada ao gênero e aos(às) possíveis leitores(as)?
	O assunto é exposto com clareza e as ideias são comprovadas?
	Há vozes de autoridades e especialistas no assunto abordado?
	Os conceitos científicos estão acessíveis ao(à) leitor(a), mas sem desvios teóricos?
	A organização dos parágrafos está coesa, isto é, os parágrafos dialogam entre si?
	O uso de imagens e gráficos colabora para a compreensão da discussão empregada no artigo?
	As convenções ortográficas foram observadas?
	Os articuladores textuais foram bem empregados?
	O texto tem rasuras?
	As informações apresentadas são verdadeiras e apresentam fontes confiáveis?

Observações do(a) professor(a):

Ficha de Avaliação – Artigo de Divulgação Científica – Para o(a) professor(a)

Eixo	Pontuação	Critérios
Adequação ao tema		O artigo faz referência, de forma singular, ao tema pelo qual o(a) estudante articulista ficou responsável?
Adequação ao Gênero		<p>Aspectos discursivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresenta adequadamente o tema ou pesquisa de maneira instigante? • No desenvolvimento, há emprego adequado de recursos e estratégias, tais como: <ul style="list-style-type: none"> a) Exemplos b) Comparações c) Relações de efeito e causa d) Resultados de experiências e) Dados estatísticos f) Discurso de autoridade • A conclusão, tal qual a introdução, é instigante e utiliza de um dos recursos e estratégias seguintes: <ul style="list-style-type: none"> a) Conclusão-síntese b) Conclusão-solução c) Conclusão-pergunta d) Conclusão-avaliativa • A linguagem está adequada ao(à) leitor(a) e ao portador em que o artigo circulará?
		<p>Aspectos linguísticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O artigo apresenta, coerentemente, emprego destes recursos? <ul style="list-style-type: none"> a) Sinônimos, hiperônimos, hipônimos, repetições, reiteraões, pronomes e elipses a fim de evitar a repetição desnecessária; b) Articuladores textuais, marcadores conversacionais e verbos dicendi para introduzir falas de outrem; c) Paragrafação adequada e progressão temática. d) Há emprego adequado de modos e tempos verbais? e) Há concordância nominal e verbal?
Indícios de Autoria		<ul style="list-style-type: none"> • Seleção de palavras e expressões que ajudam a produzir sentidos para o texto expositivo? • O autor expressa um olhar subjetivo, sem deixar de lado o aspecto científico sobre o tema?
Convenções da Escrita		<ul style="list-style-type: none"> • O artigo está grafado de acordo com as convenções da escrita da Língua Portuguesa padrão? • A pontuação está adequada?

Observações do(a) professor(a):

Revisão feita pelo(a) **ESTUDANTE**:

✓	Critérios para releitura ou revisão
	Há ação envolvendo conflitos físicos?
	Há luta entre o bem e o mal?
	Há situações-limite de risco ou morte?
	Há incorporação de valores ideológicos da cultura do(a) autor(a)?
	Coloca o herói ou a heroína frente a frente com ambientes hostis?
	Há locais exóticos e relativamente desafiadores?
	Há personagens principais que, em geral, são jovens?
	Há mistura entre o exagero e o inesperado?
	Há leitor(a) implícito(a) jovem ou adolescente?
	Há ambientes comuns?
	Há personagens em viagens?
	Há figura de um(a) companheiro(a) fiel?
	Há sucessão de aventuras inesperadas?
	Ao final, existe um retorno ao ambiente doméstico?

Revisão feita pelo(a) **PROFESSOR(A)**:

✓	Critérios para releitura ou revisão
	Há ação envolvendo conflitos físicos?
	Há luta entre o bem e o mal?
	Há situações-limite de risco ou morte?
	Há incorporação de valores ideológicos da cultura do(a) autor(a)?
	Coloca o herói ou a heroína frente a frente com ambientes hostis?
	Há locais exóticos e relativamente desafiadores?
	Há personagens principais que, em geral, são jovens?
	Há mistura entre o exagero e o inesperado?
	Há leitor(a) implícito(a) jovem ou adolescente?
	Há ambientes comuns?
	Há personagens em viagens?
	Há figura de um(a) companheiro(a) fiel?
	Há sucessão de aventuras inesperadas?
	Ao final, existe um retorno ao ambiente doméstico?

Observações: _____

Ficha de Avaliação – Conto de Aventura – Para o(a) professor(a)

EIXO	PONTUAÇÃO	CRITÉRIOS
Adequação ao tema		<ul style="list-style-type: none"> • O conto faz referência, de forma singular, ao contexto proposto para o livro que será produzido pela turma?
Adequação ao gênero		<p>Aspectos discursivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O texto evidencia uma escrita planejada e coerente com a proposta? • O(A) leitor(a) consegue perceber aspectos e elementos do conto de aventura e do contexto histórico que inspirou a produção? • A linguagem está adequada ao(à) leitor(a) e ao portador em que o conto circulará? • As personagens foram bem apresentadas e têm papel coerente no conto? • O início do conto está bem organizado, chamando atenção de futuros(as) leitores(as)? • As ações aparecem, ao longo do texto, organizadas nos diversos parágrafos? • O conto apresenta um final que todos os(as) leitores(as) entendem? • O título está interessante e tem relação com o conto?
		<p>Aspectos linguísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> • O conto apresenta, coerentemente, emprego destes recursos: <ol style="list-style-type: none"> a) Sinônimos, hiperônimos, hipônimos, repetições, reiteraões, pronomes e elipses a fim de evitar a repetição desnecessária? b) Articuladores textuais, marcadores conversacionais e verbos dicendi para introduzir falas de outrem? c) Paragrafação adequada e progressão temática? d) Há emprego adequado de modos e tempos verbais? e) Há concordância nominal e verbal? f) Considera aspectos ligados à retextualização? g) Os parágrafos apresentam pontuação adequada, especialmente o uso da vírgula, travessão e aspas?
Indícios de autoria		<ul style="list-style-type: none"> • Seleção de palavras e expressões que ajudam a produzir sentidos para o texto narrativo? • O autor expressa um olhar subjetivo, sem deixar de lado o tratamento adequado ao contexto histórico inspirador do conto?
Convenções da escrita		<ul style="list-style-type: none"> • O conto está grafado de acordo com as convenções de escrita da língua-padrão? • A pontuação está adequada?

Observações do(a) professor(a):

PROJETO GRÁFICO

Centro de Multimeios - CM

Ana Rita da Costa - *Diretora*

Núcleo de Criação e Arte

Aline Frederick Santos

Angélica Dadario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Julia Gonçalves Rizzo - *estagiária*

Marcos Roberto da Silva Moreira

Raquel Nogueira Janoni - *estagiária*

Simone Porfirio Mascarenhas



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO